

Manual do Aluno TEMAS DE LITERATURA E CULTURA

10º ano de escolaridade



Projeto - *Reestruturação Curricular do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste*

Cooperação entre o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Universidade de Aveiro e o Ministério da Educação de Timor-Leste
Financiamento do Fundo da Língua Portuguesa

Título
Temas de Literatura e Cultura - Manual do Aluno

Ano de escolaridade
10^o Ano

Autores
Ana Margarida Ramos
Ana Paula Almeida
Paulo Alexandre Pereira
Sara Reis da Silva

Coordenadora de disciplina
Ana Margarida Ramos

Colaboração das equipas técnicas timorenses da disciplina
xxxxxx
xxxxxx
xxxxxx

Ilustração da capa
Miriam Reis

Design e Paginação
Esfera Crítica Unipessoal, Lda.
Sofia Simões

Impressão e Acabamento
Centro de Impressão do Ministério da Educação e Cultura

ISBN
978-989-8547-17-0

Tiragem
1.000 exemplares

1^a Edição

Conceção e elaboração
Universidade de Aveiro

Coordenação geral do Projeto
Isabel P. Martins
Ângelo Ferreira

Ministério da Educação e Cultura de Timor-Leste

2018

Os sítios da Internet referidos ao longo deste livro encontram-se ativos à data de publicação. Considerando a existência de alguma volatilidade na Internet, o seu conteúdo e acessibilidade poderão sofrer eventuais alterações.

Unidade Temática

1

Diagnóstico

- 12 1 Atividade - Crónica
- 13 2 Atividade - Legendagem de um livro
- 14 3 Atividade - “Ando a ler um dicionário”
- 15 4 Atividade - Dicionários e Enciclopédias
- 16 5 Atividade - “Sábios Como Camelos”
- 18 6 Atividade - “Viagem Virtual”
- 20 7 Atividade - Visionamento de Documento
- 20 8 Atividade - Inquérito sobre Hábitos de Leitura

Unidade Temática

2

Projeto Individual de Leitura

- 24 1 Atividade - “Fronteiras Perdidas”
- 25 2 Atividade - Verbetes sobre Lusofonia
- 26 3 Atividade - “A música secreta da língua portuguesa”
- 28 4 Atividade - Contrato de Leitura
- 30 5 Atividade - “Os Direitos Inalienáveis do Leitor”
- 31 6 Atividade - “Um jogo de computador com páginas”

3

Identidade

- 36 1 Atividade - Mapa-múndi
- 37 2 Atividade - 10 Razões para aprender português
- 38 3 Atividade - “Complexos”
- 39 4 Atividade - Excerto do *Livro do Desassossego*
- 40 5 Atividade - Excerto *O Espaço do Invisível 5*
- 40 6 Atividade - “Perguntas à Língua portuguesa”
- 42 7 Atividade - “A Nossa Língua Portuguesa”
- 44 8 Atividade - “Língua Materna”
- 46 9 Atividade - “Sobre a necessária reinvenção da língua portuguesa”
- 47 10 Atividade - “A língua portuguesa em Timor-Leste”
- 49 11 Atividade - Excerto de *A Descoberta do Mundo*
- 50 12 Atividade - “A Língua Portuguesa”
- 52 13 Atividade - Excerto de *A Substância do Amor e Outras Crônicas*
- 54 14 Atividade - Texto de imprensa e Publicidade
- 57 15 Atividade - Notícia

4

Tradição

Lendas, mitos e contos tradicionais

- 60 1 Atividade - Características e funcionalidades da literatura tradicional
- 61 2 Atividade - Contos sobre a origem de Timor-Leste
- 66 3 Atividade - “Timor despontou como as folhas do Bétele, como o caule da Arequeira”
- 68 4 Atividade - Leitura de ilustrações
- 69 5 Atividade - “A Ilha de Timor”
- 70 6 Atividade - Trabalho de pesquisa
- 70 7 Atividade - “A Ilha de Timor”
- 71 8 Atividade - Conto Tradicional e Conto Literário
- 73 9 Atividade - Versões literárias de contos tradicionais

4

- 77 10 Atividade - Avô Crocodilo
- 78 11 Atividade - Texto ensaístico
- 78 12 Atividade - Entrada do *Dicionário dos Símbolos*
- 80 13 Atividade - Textos teóricos sobre o conto
- 81 14 Atividade - “Crocodilo”
- 83 15 Atividade - “Quando os crocodilos mandavam”
- 87 16 Atividade - Outras sugestões de atividades
- 87 17 Atividade - “O menino e o crocodilo”
- 88 18 Atividade - “O caçador e o crocodilo”
- 90 19 Atividade - “Jacaré Bangão”
- 90 20 Atividade - “No princípio, há muitos séculos”
- 92 21 Atividade - “Uma lenda”
- 93 22 Atividade - “O búfalo, o crocodilo e o macaco”
- 95 23 Atividade - Produção escrita
- 96 24 Atividade - Sugestões para outras atividades
- 96 25 Atividade - “A saída do Paraíso”
- 98 26 Atividade - “O Gondoeiro Sagrado”

Fábulas

- 100 1 Atividade - Fábula
- 101 2 Atividade - “Fábula” e “Bestiário”
- 102 3 Atividade - “A mana do crocodilo”
- 103 4 Atividade - “A Choca”
- 106 5 Atividade - “A Galinha Engripada”
- 107 6 Atividade - “Uma galinha”
- 109 7 Atividade - “Cuidado com as galinhas”

5

Reescritas

- 112 1 Atividade - *O Capuchinho Vermelho*
- 114 2 Atividade - *O Capuchinho Cinzento*
- 118 3 Atividade - *O Chapeuzinho Amarelo*
- 121 4 Atividade - Banda desenhada
- 122 5 Atividade - Excerto de *Lições de um ignorante*
- 123 6 Atividade - “O Capuchinho Vermelho”
- 124 7 Atividade - “Rap do Capuchinho Vermelho”
- 124 8 Atividade - Notícia
- 125 9 Atividade - Resumo
- 125 10 Atividade - Leitura de ilustrações
- 127 11 Atividade - “A cigarra e as duas formigas”
- 129 12 Atividade - “Fábula velha em bossa nova” e “Fábula da fábula”

Agradecimentos

Os autores do manual agradecem

Ao Doutor José António Gomes, a cedência de documentação relativa à literatura timorense, nomeadamente o uso da brochura *Literatura de Timor-Leste em Língua Portuguesa – Aspetos literários, histórico-culturais e relações com Portugal*.

A Miriam Reis, a gentileza da cedência da imagem que ilustra da capa deste manual.

Aos interlocutores timorenses, o acolhimento do trabalho e as sugestões.

Apresentação

Tendo em vista a concretização didática da disciplina de Temas de Literatura e Cultura, o presente manual, destinado ao 10º. ano, foi desenvolvido em estreita articulação com o programa oficial, pretendendo-se que venha a constituir um útil instrumento pedagógico em contexto de sala de aula. A sua elaboração foi, assim, informada pelas orientações programáticas definidas para a disciplina, designadamente no que diz respeito ao protagonismo que, no seu âmbito, se deverá conceder ao texto, perspectivado na sua dupla vertente de documento e monumento. Com efeito, para além da sua dimensão informativa e contextual, que o converte num veículo privilegiado de cultura, pressupõe-se que o texto seja também lido como produto de um ato criativo dotado de intencionalidade artística. Assim se explica o expressivo – ainda que não exclusivo – predomínio do discurso literário sobre outras tipologias textuais, por nele se tornar plenamente inteligível essa vontade de comunicação estética.

Optou-se, considerando quer as dificuldades de acesso aos textos, quer a sua seleção em função de um recomendável critério de crescente complexidade, pelo formato de antologia de excertos, prevendo, em anos curriculares subsequentes, um recurso cada vez mais assíduo à leitura do texto integral. Pretendeu-se que a seleção dos textos, para além de globalmente adequada ao público visado, se compaginasse com o propósito de promover o conhecimento das literaturas e culturas de língua portuguesa, de Timor-Leste ao Brasil, de Portugal a Angola e a Cabo Verde, sem esquecer as comunidades lusófonas disseminadas pelo mundo. Os textos procedem, desta forma, de diferentes quadrantes geográficos e contextos culturais e a seleção de autores, inevitavelmente restritiva, procura, ainda assim, mapear os vários continentes onde a língua portuguesa é falada. Os textos visam dar a conhecer diferentes formas de ver e de pensar o mundo e a realidade envolvente, funcionando como convite ao conhecimento dos diferentes rostos da lusofonia. Se foi concedida particular atenção à especificidade da matriz cultural timorense, nem por isso se dispensou a sua necessária inscrição na cartografia geocultural e linguística mais ampla do mundo lusófono, numa clara demonstração de que estão longe de serem incompatíveis a celebração da singularidade e o sentido de pertença.

O manual abre com uma secção introdutória, destinada a atividades de diagnóstico e à delineação de um projeto individual de leitura, e apresenta, depois, um conjunto selecionado de textos, articulando-o em torno de três unidades temáticas: Identidade, Tradição e Reescritas. Expressamente consignadas no programa, estas áreas temáticas visam equacionar as relações entre criação literária e identidade (cultural e nacional), pretendendo-se, em última análise, que os alunos reconheçam na escrita literária um fator de vinculação coletiva e de coesão cultural. Nesse sentido, considerou-se perfeitamente justificado a destaque conferido ao património literário tradicional e à vasta constelação de géneros nele integrável, bem com às relações comunicantes, tanto no sentido do decalque como da reescrita, que ele estabelece com as práticas literárias contemporâneas. Julgou-se, por outro lado, que a opção por formas literárias de transmissão oral, muitas das quais oriundas da rica tradição timorense, permitiria estimular atividades de pesquisa e recolha individuais. Os guiões que acompanham os textos não pretendem constituir explorações exaustivas nem questionários estanques; são, pelo contrário, roteiros possíveis de leitura que incluem sugestões de atividades

e pistas de reflexão que, em nenhuma circunstância, devem inibir a autonomia e criatividade pedagógica ou substituir-se ao professor. A diversificação e o nível variável de complexidade das tarefas propostas, bem como a inclusão de atividades complementares de aprofundamento, possibilitam uma seleção em função da sua pertinência e adequação, junto do público específico a que se destinam, sem nunca comprometer a desejável liberdade metodológica do docente. Pretende-se, em suma, que as atividades de leitura organizadas a partir dos textos facultados e dos respetivos guiões de análise propiciem um espaço de diálogo crítico e formativo, participado e estimulante, supondo sempre o envolvimento colaborativo de professor e alunos.

Importa, enfim, sublinhar que os autores consideram o ensino/aprendizagem da literatura e da cultura como indissociável da sua mediação linguística, pelo que o objetivo de aprofundamento de uma capacidade literária não poderá concretizar-se nunca, se não for acompanhado do desenvolvimento de uma mais lata competência comunicativa. Em sintonia com este pressuposto, as áreas nucleares da oralidade e, sobretudo, da leitura e da escrita são, no presente manual, objeto de trabalho sistemático no decurso das várias atividades propostas, em consonância com um critério de progressão continuada, como se deduz do grau de dificuldade crescente das várias propostas apresentadas. Tão diversificadas quanto possível, as atividades pretendem uma aproximação gradativa dos alunos ao trabalho metódico de análise e interpretação textuais, traduzindo-se na compreensão dos textos e das suas mensagens, explícitas e implícitas, na distinção de diferentes tipologias e objetivos comunicativos, na identificação da sua estrutura interna e das suas particularidades de estilo e linguagem. Procuram, por outro lado, encorajar a leitura autónoma dos alunos, familiarizando-os com autores e obras esteticamente plurais, ajudando a consolidar capacidades de fruição artística e a sensibilizar para a especificidade do discurso literário.

Uma nota final para esclarecer que os autores do manual optaram por adequar todos os textos ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, familiarizando, desde logo, os alunos com a norma que se encontrará em vigor, no sistema educativo português, a partir do ano letivo de 2011-2012, sem que, no entanto, estes deixem de contactar com as distintas variedades que a caracterizam e enriquecem. Nessa medida, apesar de, nos textos de autoria brasileira e africana, terem sido introduzidas as alterações ortográficas prescritas pelo Acordo, mantêm-se, naturalmente, inalteradas todas características (lexicais ou sintáticas, por exemplo) da variante respetiva.

M E T A S

O aluno deve ser capaz de:

1. Identificar a intenção comunicativa do interlocutor.
2. Saber escutar criticamente discursos orais (formais ou informais), identificando factos, opiniões e ideias/conceitos/mensagens.
3. Adequar o discurso ao objetivo comunicativo, ao assunto e ao interlocutor.
4. Expressar pontos de vista.
5. Ler com fluência.
6. Apreender criticamente o significado e a intencionalidade de textos escritos.
7. Dominar técnicas fundamentais de escrita compositiva.
8. Organizar o texto em períodos e parágrafos, exprimindo apropriadamente os nexos temporais e lógicos.
9. Escrever com correção ortográfica, morfológica e sintática.
10. Usar vocabulário apropriado, preciso e variado.
11. Aplicar corretamente as regras básicas de pontuação e de acentuação.
12. Expressar gostos pessoais e dar conta das leituras feitas.
13. Sintetizar o conteúdo de textos lidos.



Unidade Temática 1 | Diagnóstico

1 Atividade - Cronica

1.1 Lê atentamente o texto que se segue:

1 Era uma vez um homem que decidiu ler um grande dicionário antes de morrer. Ler mesmo. Do princípio até ao fim, da primeira até à última palavra.

E assim fez. Porque nestes derradeiros dias percebera que nunca conseguiria ler todos os livros que durante a vida escolhera como tendo de ser lidos. Por isso resolveu ler aquele que continha todas as palavras

5 da sua língua impressas em todos os outros.

Quando acabou de ler o dicionário inteiro ainda não tinha a vista cansada. Apenas lhe doía o som das palavras. E, agarrado ao livro, perguntava de si para si, em sussurro inquieto, por que razão qualquer palavra podia magoar tanto. Recordou-se então de quando era criança e do que pensava quando o repreendiam.

10 Para se consolar das palavras que sentia como injustas costumava dizer para si próprio que elas eram apenas sons e que estes não podem fazer mal a ninguém. Logo, também não o poderiam atingir a ele. Seria como se fosse surdo. Outras vezes imaginava que as mesmas palavras que o ofendiam nada significariam se fossem ditas a um esquimó, porque lhe escaparia necessariamente o respetivo sentido.

Paulo Teixeira Pinto, *Portugal Diário* (30/12/2002)

1.2 Assinala as frases que se seguem com V (verdadeiro), F (falso) ou ? (no caso de não encontrares no texto a informação que possa provar as afirmações):

a) – Um homem decidiu ler um dicionário, porque percebeu que não tinha tempo para ler todos os livros que gostaria de ler.

b) – Outrora, tinha decidido ler apenas livros de poesia.

c) – Quando acabou de ler o dicionário, doíam-lhe os olhos.

d) – As palavras podem magoar quem as ouve ou quem as pronuncia.

e) – Para se defender do efeito das palavras, o homem, por vezes, fingia que não percebia o seu sentido.

1.3 Faz corresponder os termos/vocábulos da primeira coluna aos respetivos sinónimos:

A. Repreender

B. Derradeiro

C. Sussurro

D. Inquieto

E. Ofender

a. Último

b. Intranquilo

c. Censurar

d. Magoar

e. Murmúrio

1.4 Atenta na palavra sublinhada na frase: “Do princípio até ao fim, da primeira à última palavra” (l.1). Se consultares o dicionário, encontrarás um verbete semelhante ao que transcrevemos:

Fim, s.m. Termo, conclusão, limite, remate. Extremidade, a última parte de qualquer coisa. Causa, motivo ou razão para fazer algo. Intuito, propósito.

a) – Seleciona o significado que a palavra tem na frase em que se encontra inserida.

b) – Redige uma frase na qual a palavra seja utilizada com outro sentido.

c) – Explica o sentido das abreviaturas “s.m.”, presentes no verbete transcrito.

1.5 Dá a tua opinião sobre a tarefa de ler um dicionário do princípio até ao fim.

1.6 Comenta a frase “Apenas lhe doía o som das palavras” (I.6), considerando os possíveis efeitos das palavras no contexto em que são escritas ou pronunciadas.

1.7 Atribui um título expressivo ao texto, justificando a tua opção.

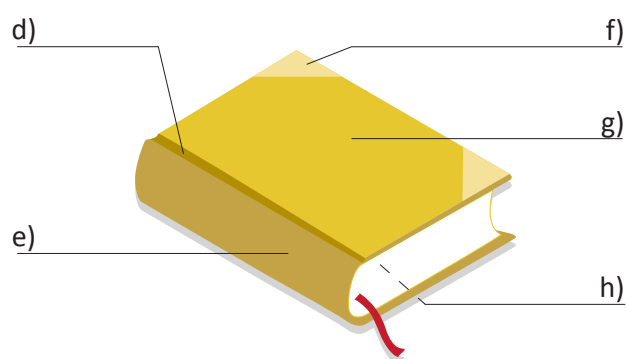
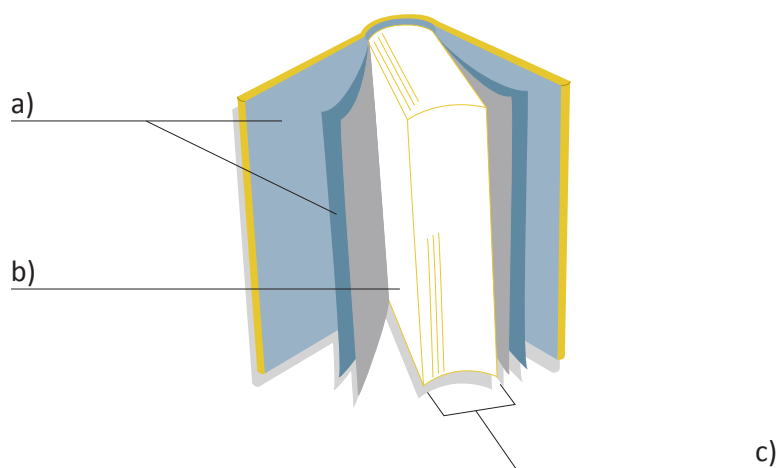
2 Atividade - Legendagem de um livro

Um dicionário, para além de um inventário de palavras, é um objeto concreto e material – um livro.

2.1 Define a palavra “livro”, referindo as partes que o constituem.

2.2 Legendagem da imagem com o seguinte vocabulário:

miolo, folha de rosto, lombada, cantoneira, contracapa, lombada, guardas, vinco ou dobra.



3 Atividade

3.1 A propósito de livros, dicionários e enciclopédias, lê a seguinte crónica:

Ando a ler um dicionário

1 Há poucos dias, na Feira do Livro de Lisboa, um homem parou diante de mim, e depois de me cumprimentar apresentou-me o filho, um menino dos seus onze anos: “Este é o António. Diga-lhe alguma coisa que o faça ler. Lá em casa todos nós temos a paixão pelos livros, há livros em toda parte, mas ele não se interessa por nenhum. O que fazer?”

5 Tentei, um tanto assustado, fugir ao desafio. Dei uma resposta qualquer, evasiva, mas depois que eles se foram embora pus-me a pensar naquilo. Como foi que eu próprio descobri a literatura? Devia ter a idade do António quando encontrei na biblioteca dos meus pais uma belíssima enciclopédia ilustrada, do início do século vinte, em dois volumes. Procurava-se a palavra “aves”, por exemplo, e havia uma ou duas páginas com preciosas estampas coloridas de aves de todo o mundo. Tinha, além disso, imensas mulheres nuas — um
10 deslumbramento!

Lembro-me em particular da famosa tela de Rubens, “O Julgamento de Paris”, talvez o primeiro concurso de misses de que há notícia. Paris, Príncipe de Troia, tem de decidir quem é a mais bela: Hera, Atena ou Afrodite. São três mocetonas bem nutridas, três deusas clássicas, de rijas e luminosas carnes brancas. A bem dizer foi por causa das mulheres que eu me apaixonei pelos livros. Descobri que por detrás daquelas
15 imagens, por detrás de cada mulher, mais ou menos despida, havia um enredo, e passei a interessar-me por essas histórias.

Nunca mais deixei de ler. Leio de tudo um pouco, romances, ensaios, poesia, e, é claro, continuo a interessar-me por enciclopédias e dicionários. Gosto particularmente de ler dicionários. A minha última paixão, em matéria de dicionários, chama-se Houaiss. Esperei por ele uns bons seis anos. Sempre que ia a uma
20 bienal do livro, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, perguntava pelo Houaiss. “Sai para o ano”, respondiam-me imperturbáveis os responsáveis pelo projeto, e, para manterem aceso o meu interesse, agitavam factos e números: mais de 228 mil verbetes, extensos grupos de sinónimos e antónimos, levantamentos de homónimos, parónimos, coletivos, informações de gramática e uso, bem como da origem de cada palavra; é o primeiro dicionário a registar a data em que a palavra entrou na língua, etc. e tal. Finalmente, há alguns
25 meses, o embaixador do Brasil em Berlim, Roberto Abdenur, ofereceu-me um exemplar (três quilos e seiscentos gramas em papel bíblia!), e pude assim confirmar a justeza da publicidade. Mais recentemente pedi a uma amiga que me enviasse, de São Paulo, a versão eletrónica do Houaiss. Não me desiludiu.

Conheci o António Houaiss há muitos anos, numa ocasião em que veio a Lisboa defender o Acordo Ortográfico. Fiquei imediatamente seduzido pelo esplendor do seu português, o rigor, a riqueza, o entusiasmo
30 com que aquele frágil velhinho carioca, filho de imigrantes libaneses, falava a nossa língua. Ouvir o António Houaiss discursar era uma alegria para a alma. Lembro-me de Natália Correia (a falta que ela faz a Portugal!), aos gritos, numa das salas da Assembleia da República: “Ajoelhem-se! Ajoelhem-se diante da erudição deste homem! Aprendam como se fala a nossa língua!”

O dicionário em que António Houaiss trabalhou durante tantos anos, e que acabou por ser concluído,
35 com o apoio de uma vasta equipa de especialistas, brasileiros, portugueses e africanos, já após a morte do seu mentor, é o melhor monumento à memória do grande lexicógrafo. Por incrível que pareça, porém, não vi na Feira do Livro nenhum exemplar à venda — e refiro-me à edição brasileira, da Editora Objetiva, porque (ó escândalo!) não existe ainda uma versão portuguesa.

O velho Houaiss teria sabido, certamente, o que dizer ao outro António, de onze anos, de forma a cativá-
40 -lo para a literatura. O que quer que ele dissesse parecia ser sempre novo. As palavras saíam-lhe dos lábios vigorosas e polidas, a brilhar, como se tivessem sido estreadas naquele mesmo instante. Suspeito que o pequeno António iria à procura dos livros, depois de ouvir António Houaiss, apenas no afã de descobrir neles, uma outra vez, a luz da nossa língua.

José Eduardo Agualusa, Revista *Pública*

3.2 Sugere conselhos/respostas para o desafio lançado ao autor: “Diga-lhe alguma coisa que o faça ler. Lá em casa todos nós temos a paixão pelos livros, há livros em toda parte, mas ele não se interessa por nenhum. O que fazer?” (1.2).

3.3 Indica as motivações que estiveram na origem da paixão que o autor nutre, ainda hoje, pelos livros.

3.4 Parece evidente a sua preferência por um determinado dicionário. Que razões a justificam?

3.5 Comenta o título atribuído à crónica transcrita, avaliando o seu grau de adequação ao conteúdo.

3.6 No texto alude-se às opiniões divergentes relativamente ao Acordo Ortográfico. Aponta as eventuais vantagens e desvantagens da sua adoção.

3.7 Pesquisa dados biográficos e bibliográficos sobre o escritor angolano José Eduardo Agualusa. Recolhe, igualmente, excertos da sua obra, podendo vir a inseri-los no teu portefólio.

4 Atividade

Dicionários e Enciclopédias

A informação contida em dicionários e enciclopédias materializa-se em verbetes organizados por ordem alfabética ou temática. No caso do dicionário, cada verbete contém um vocábulo/palavra com o(s) respetivo(s) significado(s) ou versão noutra língua, no caso dos dicionários bilingues. Além disto, apresenta a classe gramatical da palavra, bem como exemplos de utilização e origem etimológica. Quanto às enciclopédias, os seus verbetes ultrapassam o simples significado do vocábulo, apresentando, de forma organizada e metódica, informações mais abrangentes.

4.1 Observa e comenta a tira de banda desenhada, tendo em conta a funcionalidade do dicionário e alguns entraves à sua utilização.



Quino, O Mundo de Mafalda, Bertrand Editora

4.2 Refere as circunstâncias em que podes necessitar de consultar verbetes.

4.2.1 Indica fontes onde poderás encontrá-los.

4.2.2 Pronuncia-te sobre a sua utilidade.

4.3 Consulta um dicionário e transcreve os significados da palavra verbete.

4.3.1 Procede à recolha de:

- a) – referências gramaticais sobre esta palavra;
- b) – diversas aceções incluídas na entrada relativa à palavra verbete;
- c) – informações sobre a origem desta palavra.

4.4 Procura num dicionário e numa enciclopédia os seguintes verbetes:

- a) – autor
- b) – escritor
- c) – língua
- d) – literatura
- e) – cultura
- f) – palavra

4.5 Redige um texto sobre o valor afetivo das palavras, subordinado ao título “O Meu Dicionário Pessoal”, selecionando as palavras e os respetivos conceitos que mais te agradam.

5 Atividade

As palavras moram nos livros e dão vida aos pensamentos e às emoções. Com palavras escrevem-se inúmeras histórias.

Sábios Como Camelos

1 Há muitos anos viveu na Pérsia um grão-vizir – nome dado naquela época aos chefes dos governos –, que gostava imenso de ler. Sempre que tinha de viajar ele levava consigo quatrocentos camelos, carregados de livros, e treinados para caminhar em ordem alfabética. O primeiro camelo chamava-se Aba, o segundo Baal, e assim por diante, até ao último, que atendia pelo nome de Zuzá. Era uma verdadeira biblioteca sobre

5 patas. Quando lhe apetecia ler um livro o grão-vizir mandava parar a caravana e ia de camelo em camelo, não descansando antes de encontrar o título certo.

Um dia a caravana perdeu-se no deserto. Os quatrocentos camelos caminhavam em fila, uns atrás dos outros, como um carreirinho de formigas. À frente da cáfila, que é como se chama uma fila de camelos, seguiam o grão-vizir e os seus ministros. Subitamente o céu escureceu, e um vento áspero começou a soprar

10 de leste, cada vez mais forte. As dunas moviam-se como se estivessem vivas. O vento, carregado de areia, magoava a pele. O grão-vizir mandou que os camelos se juntassem todos, formando um círculo. Mas era demasiado tarde. O uivo do vento abafava as ordens. A areia entrava pela roupa, enfiava-se pelos cabelos, e as pessoas tinham de tapar os olhos para não ficarem cegas. Aquilo durou a tarde inteira. Veio a noite e quando o Sol nasceu o grão-vizir olhou em redor e não foi capaz de descobrir um único dos quatrocentos

15 camelos. Pensou, com horror, que talvez eles tivessem ficado enterrados na areia. Não conseguiu imaginar como seria a vida, dali para a frente, sem um só livro para ler. Regressou muito triste ao seu palácio. Quem lhe contaria histórias?

Os camelos, porém, não tinham morrido. Presos uns aos outros por cordas, e conduzidos por um jovem pastor, haviam sido arrastados pela tempestade de areia até uma região remota do deserto. Durante muito

20 tempo caminharam sem rumo, aos círculos, tentando encontrar uma referência qualquer, um sinal, que os

voltasse a colocar no caminho certo. Por toda a parte era só areia, areia, e o ar seco e quente. À noite as estrelas quase se podiam tocar com os dedos.

Ao fim de quinze dias, vendo que os camelos iam morrer de fome, o jovem pastor deu-lhes alguns livros a comer. Comeram primeiro os livros transportados por Aba, ou seja, todos os títulos começados pela
25 letra A. No dia seguinte comeram os livros de Baal. Trezentos e noventa e oito dias depois, quando tinham terminado de comer os livros de Zuzá, viram avançar ao seu encontro um grupo de homens. Eram as tropas do grão-vizir.

Conduzido à presença do grão-vizir o jovem guardador de camelos, explicou-lhe, chorando, o que tinha acontecido. Mas este não se comoveu:

30 – Eras tu o responsável pelos livros – disse –, assim por cada livro destruído passarás um dia na prisão.

O guardador de camelos fez contas de cabeça, rapidamente, e percebeu que seriam muitos dias. Cada camelo carregava quatrocentos livros, então quatrocentos camelos transportavam cento e sessenta mil! Cento e sessenta mil dias são quatrocentos e quarenta e quatro anos. Muito antes disso morreria de velhice na cadeia.

35 Dois soldados amarraram-lhe os braços atrás das costas. Já se preparavam para o levar preso, quando Aba, o camelo, se adiantou uns passos e pediu licença para falar:

– Não faças isso, meu senhor – disse Aba dirigindo-se ao grão-vizir – esse homem salvou-nos a vida.

O grão-vizir olhou para ele espantado:

– Meu Deus! O camelo fala!...

40 – Falo sim, meu senhor – confirmou Aba, divertido com o incrédulo silêncio dos homens – Os livros deram-nos a nós, camelos, a ciência da fala. Explicou que, tendo comido os livros, os camelos haviam adquirido não apenas a capacidade de falar, mas também o conhecimento que estava em cada livro. Lentamente enumerou de A a Z os títulos que ele, Aba, sabia de cor. Cada camelo conhecia de memória quatrocentos títulos.

45 – Liberta esse homem – disse Aba –, e sempre que assim o desejares nós viremos até ao vosso palácio para contar histórias.

O grão-vizir concordou. Assim, a partir daquele dia, todas as tardes, um camelo subia até ao seu quarto para lhe contar uma história. Na Pérsia, naquela época, era habitual dizer-se de alguém que mostrasse grande inteligência:

50 – Aquele homem é sábio como um camelo.

Isto foi há muito tempo. Mas há quem diga que, quando estão sozinhos, os camelos ainda conversam entre si.

Pode ser.

José Eduardo Agualusa, Estranhões & Bizarrocos [estórias para adormecer anjos]

5.1 O grão-vizir gostava muito de ler e, por isso, tinha uma original biblioteca ambulante.

5.1.1 Define a palavra biblioteca e refere as suas funcionalidades.

5.1.2 Explica o modo como o grão-vizir organizou a sua biblioteca.

5.2 E tu? És um utilizador frequente de bibliotecas? Porquê?

5.3 O texto transcrito pertence ao modo narrativo.

5.3.1 Transcreve frases exemplificativas da presença das várias categorias da narrativa: narrador, personagens, ação, tempo, espaço.

5.3.2 Classifica, quanto ao relevo, as personagens intervenientes.

5.3.3 Atendendo à sua presença na ação, como classificas o narrador? Justifica a tua resposta,

recorrendo a exemplos textuais.

5.3.4 Localiza a ação no tempo e no espaço.

5.3.5 Esta é, inequivocamente, uma história imaginária ou maravilhosa. Que elementos “fantásticos” nos permitem tirar esta conclusão?

5.4 Um dia, a estimada biblioteca ambulante sofreu um incidente.

5.4.1 Identifica o elemento da natureza causador desse incidente.

5.4.2 Como reagiu o grão-vizir a tão significativa perda?

5.4.3 A intervenção do jovem pastor impediu a morte da cáfila. Como?

5.4.4 Recuperados os camelos, mas não os livros, como reagiu o grão-vizir?

5.4.5 Como intervieram os camelos para poder salvar o jovem pastor?

5.4.6 Consideras que esta história tem um final feliz? Fundamenta a tua opinião.

5.5 Esta história pode considerar-se um elogio à leitura. Justifica a afirmação, comentando a frase: “... os camelos haviam adquirido não apenas a capacidade de falar, mas também o conhecimento que estava em cada livro” (l.41).

5.6 Indica os recursos estilísticos presentes nas frases: “As dunas moviam-se como se estivessem vivas” (l.10) e “O uivo do vento abafava as ordens” (l.12).

5.6.1 Comenta o seu valor expressivo.

5.7 Em trabalho de grupo, e partindo dos dois últimos parágrafos do conto, imagina as supostas conversas entre os camelos.

5.8 Cada um dos grupos poderá fazer uma apresentação dramatizada dos diálogos imaginados.

6 Atividade (complementar)

Viagem Virtual

1 A bibliotecária era uma mulher enrugada e zangada com a vida, dessas mulheres de cara azeda que murmuram pequenos insultos, porque não se atrevem nunca a levantar a voz. Deu-nos o atlas, arqueando as sobancelhas cinzentas e fez um trejeito suspeito com os lábios.

– Não se pode falar alto – recomendou-nos.

5 O meu amigo e eu sorrimos cúmplice e fomos sentar-nos numa das longas mesas de cerejeira. Apenas dois senhores de idade se encontravam na biblioteca, um folheando um livro de capa muito deteriorada, e o outro que lia um jornal, como se estivesse numa esplanada. Ao fundo, atrás do balcão austero, a vigilante olhava-nos, à espera de poder, a todo o momento, repreender-nos por qualquer motivo.

– Isto é que é um atlas? – perguntou o Dunas.

10 – Hum-hum!

– Deixa-me abri-lo.

– Tens de falar mais baixo ou então somos corridos – expliquei-lhe com um sorriso.

É só mapas! – exclamou, parecendo um pouco desapontado.

– E é por aí que vamos. Ora fecha-o lá – pedi-lhe. – Agora, abre-o num sítio ao calhas. – Assim fez. – Pronto.

15 Fecha os olhos e deixa cair o dedo num lugar qualquer, Dunas.

– Onde é que estamos? – perguntou mais entusiasmado.

- Deixa cá ver... Nem imaginas! Na Grécia!
– Chiu! – sentenciou a bibliotecária, olhando-me de soslaio.
– Na Grécia? Como é?
- 20 – Não sei muito bem, Dunas, nunca lá fui, mas posso contar-te uma história muito interessante de um grego que tinha um problema com um calcanhar...
– Estás a brincar... – riu-se.
– Qual quê! Ora ouve só...
O Dunas ouviu com a maior atenção do mundo a tragédia de Aquiles, que lhe contei com o mesmo
25 prazer com que o meu pai contava as suas histórias depois do jantar. Depois falei-lhe do Olimpo, dos jogos, dos argonautas...
– Quero ir para outra terra. Já sei tudo da Grécia. Posso abrir noutra página? – perguntou o meu amigo, curioso por conhecer novos mundos.
– Podes, Dunas, mas só mais uma, porque temos de apanhar a camioneta das cinco.
- 30 A seguir, o indicador foi parar à Suíça, e falámos de chocolate, relógios, banqueiros e montanhas cobertas de neve. Imaginámo-nos a subir num teleférico, olhando de cima os picos gelados e as pistas de esqui, onde, no instante seguinte, já estávamos a deslizar velozmente, de gorro na cabeça e mãos enluvadas contra o frio.
A tarde passou a correr, alheia aos “chius” da bibliotecária e ao cheiro a pó e a papel. Foram horas inesquecíveis, de aventura e prazer. Por uma tarde, o Dunas e eu viajámos juntos, numa biblioteca mal
35 iluminada. E descobrimos como é bom saber que tantos lugares na Terra esperam por nós.

Maria Teresa Maia Gonzalez, *O Guarda da Praia*

Depois de teres lido atentamente o excerto transcrito, responde de forma completa e precisa ao questionário:

- 6.1 Identifica as personagens do texto.**
- 6.2 Classifica-as quanto à sua importância na ação da narrativa.**
- 6.3 Caracteriza os protagonistas, transcrevendo passagens que comprovem a tua opinião.**
- 6.4 Explica as impressões que a personagem da bibliotecária te causou, justificando-as.**
- 6.5 Classifica o narrador, tendo em conta a sua presença (ou ausência) na ação, exemplificando com passos selecionados do texto.**
- 6.6 Utiliza três adjetivos para caracterizar o espaço onde decorre a ação.**
- 6.7 Copia as expressões que constituam informantes temporais.**
- 6.8 Transcreve um passo onde predomina:**
 - 6.8.1 a narração
 - 6.8.2 o diálogo
- 6.9 Conta, por escrito, uma viagem – real ou imaginária – que te tenha deixado particularmente impressionado (agradável ou desagradavelmente).**
- 6.10 Pesquisa dados biográficos e bibliográficos sobre a escritora Maria Teresa Maia Gonzalez. Recolhe, igualmente, excertos da sua obra, podendo vir a inseri-los no teu portefólio.**

7 Atividade (complementar)

7.1 Visionamento do documento “lerestademoda”.

(http://www.youtube.com/watch?v=_an5z2lxXH4&feature=related)

7.1.1 Reflexão conjunta sobre a leitura, o apelo intemporal e o valor afetivo dos livros.



8 Atividade - Inquéritos sobre hábitos de leitura

8.1 Responde ao inquérito a seguir apresentado, descrevendo os teus hábitos de leitura.

8.2 Em pequenos grupos, procede, com os teus colegas, ao tratamento das respostas, registando as conclusões mais significativas. Elaborem um gráfico e um relatório que ilustrem o perfil dos leitores/alunos e respetivas preferências do grupo/turma que poderá ser afixado num placard ou divulgado através de um jornal (de parede?), uma brochura, uma *webpage*, um blogue...



A Leitura

1. Ler é:

- a) – uma obrigação
- b) – uma necessidade
- c) – um prazer
- d) – um passatempo como outro qualquer

2. Costumo ler (em caso afirmativo, assinala com X):

- a) – revistas
- b) – jornais
- c) – livros não escolares

3. Tratando-se de livros, prefiro ler (não assinalar mais que dois):

- a) – romances
- b) – ficção científica
- c) – livros científicos
- d) – poesia
- e) – enciclopédias
- f) – banda desenhada
- g) – teatro
- h) – biografias
- i) – diários
- j) – outros

4. Leio:

- a) – todos os dias
- b) – de vez em quando
- c) – só leio quando estudo
- d) – ao fim de semana
- e) – nas férias

5. Por ano, sem contar com os manuais escolares, leio este número de livros:

- a) – nenhum
- b) – entre dois e cinco
- c) – mais de dez

6. O último livro que li foi (indica o autor e o título):

7. Um livro é:

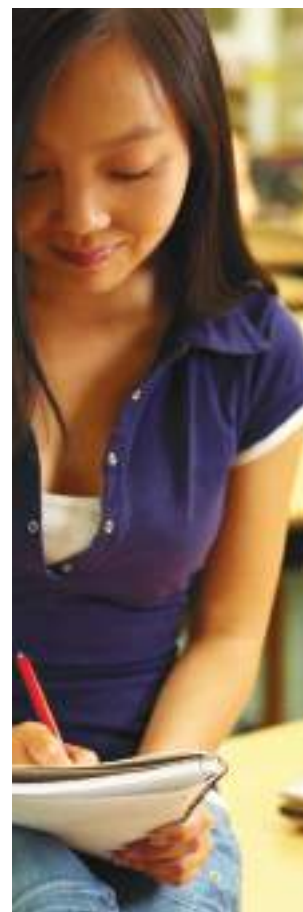
- a) – um bom presente
- b) – um presente sem valor

8. Gostaria de oferecer (indica o título de um livro) _____ a um amigo porque _____.

M E T A S

O aluno deve ser capaz de:

1. Pesquisar, selecionar e aplicar informação.
2. Selecionar estratégias adequadas ao objetivo de leitura.
3. Reconhecer o valor estético e a intenção pragmática do texto literário.
4. Selecionar textos/livros para o seu projeto individual de leitura tendo em conta os seus gostos e interesses.



Unidade Temática 2 | Projeto Individual
de Leitura

Unidade Temática 2 | Projeto Individual de Leitura

1 Atividade - Fronteras Perdidas

1.1 Escuta a leitura do texto:

1 Não gosto da palavra lusofonia. (...)

Os antigos romanos deram o nome de Lusitânia à mais ocidental das suas colónias europeias, em homenagem a Lusus, filho de Liber, antigo deus do vinho dos povos itálicos. (...). Hoje em dia ninguém em território português fala lusitano – fosse lá isso o que fosse. Toda a gente fala português. (...)

5 (...) Há milhões de pessoas, em Timor, em Goa, em Macau, bem como em países africanos de língua portuguesa, que, não falando a nossa língua, ou não a falando como idioma materno, se identificam com inúmeros aspetos da história e da cultura que nos é comum. A língua portuguesa é maior do que Portugal, maior do que Angola, maior do que o Brasil, maior do que todos os países juntos. Contudo, aquilo a que chamamos lusofonia parece-me ser algo ainda mais vasto. Algo que ultrapassa largamente o domínio da
10 língua. (...)

O fervor pelo bacalhau, o culto da saudade, Fernando Pessoa, José Saramago e Jorge Amado, mas também, Eusébio e Pelé. O fado, a morna, o chorinho e a rebita. Amália Rodrigues, Pixinguinha. Cesária Évora. Ouro Preto, Olinda e Alcântara. A Ilha de Moçambique. Nossa Senhora da Muxima. O Massacre de Santa Cruz. Aquele instante em que quase chorei, em que chorei, em que chorámos, quando avancei, quando
15 avançámos, quando avançaram Ramos Horta e o bispo Ximenes Belo, nós todos, juntos, para receber o Prémio Nobel da Paz. É a tudo isso, e a algo mais, ainda informe e impreciso, que me refiro quando recorro à palavra lusofonia. E nada disso, receio, cabe nessa palavra.

José Eduardo Agualusa, "Fronteras Perdidas", *Revista Pública* (28/07/2003)

(texto com supressões)

1.1.1 Realiza o teste de compreensão global, assinalando, no teu caderno, a alternativa:

1. De acordo com o autor, o conceito de "lusofonia" reporta-se a:

- a) – algo ainda informe e impreciso
- b) – um território onde se fala a língua portuguesa
- c) – aspetos exclusivamente históricos

2. A Lusitânia designava o território correspondente:

- a) – ao império romano
- b) – à Ilha de Moçambique
- c) – à mais ocidental das colónias do império romano

3. O nome de Lusitânia deriva:

- a) – da homenagem a Lusus
- b) – do acaso
- c) – da homenagem ao deus do vinho dos povos itálicos

4. Jorge Amado é um escritor

- a) – angolano
- b) – timorense
- c) – brasileiro

5. José Saramago foi galardoado com:

- a) – um Óscar da Academia de Hollywood
- b) – o Prémio Nobel da Paz
- c) – o Prémio Nobel da Literatura

6. O Massacre de Santa Cruz ocorreu em:

- a) – Portugal
- b) – Timor-Leste
- c) – Angola

7. O fado é um género musical tradicional de:

- a) – Angola
- b) – Portugal
- c) – Timor-Leste

8. Eusébio e Pelé foram dois:

- a) – campeões de natação
- b) – futebolistas de renome
- c) – escritores

9. Ramos Horta e Dom Ximenes Belo receberam o prémio Nobel:

- a) – da Literatura
- b) – da Medicina
- c) – da Paz

10. A língua portuguesa é falada:

- a) – apenas na Europa
- b) – em Portugal
- c) – em todo o mundo

2 Atividade - Verbetes Sobre Lusafonia

2.1 Considera os verbetes:

Lusofonia: “1. Qualidade de ser português, de falar português; o que é próprio da língua e cultura portuguesas. 2. Comunidade formada pelos países e povos que têm o português como língua materna ou oficial. 3. Difusão da língua portuguesa no mundo”.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (edição de 2001)

Lusofonia: “1. Conjunto daqueles que falam o português como língua materna ou não; 2. conjunto de países que têm o português como língua oficial ou dominante”.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (de 2001)

2.2 Compara as definições apresentadas, salientando os aspetos que consideres mais pertinentes.

2.3 Pesquisa reflexões efetuadas por outros escritores/personalidades sobre o conceito de lusofonia.

2.3.1 Troca impressões e esclarece pontos de vista sobre este tema com os teus colegas de turma.

2.3.2 Apresenta a tua definição pessoal de lusofonia.

2.4 José Eduardo Agualusa é um escritor angolano que fala e escreve em português. Refere outros escritores, oriundos de outros países, que usem a língua portuguesa como veículo de expressão literária.

2.5 Seleciona um dos autores referidos e procede a uma pesquisa biobibliográfica, cuja informação deverás expor à turma e inserir no teu portefólio.

3 Atividade

A música secreta da língua portuguesa

1 (...) Mas a poesia é também a língua. A música secreta da língua. Na língua portuguesa essa música é um marulhar contínuo. “Há só mar no meu país” — escreveu o poeta Afonso Duarte. E um poeta angolano falou da língua portuguesa como língua de viagem e mestiçagem. E eu acrescento: rio de muitos rios. E também pátria de várias pátrias. A língua é una. Mas é diversa. Tanto mais ela quanto mais diferente. Tanto mais pura
5 quanto mais impura.

Tanto mais rica quanto menos castiça e mais mestiça. Sem esquecer que houve o português de múltiplas tiranias e de várias resistências. O português da opressão colonial e o português da luta de libertação nacional.

Estranha contradição e, ao mesmo tempo, soberbo privilégio de uma língua que, tendo sido a do
10 sistema colonial, foi também a língua em que os povos começaram a procurar, a pensar e a dizer as suas identidades. Nos poemas, nas revistas, nos textos fundadores, mais tarde na luta de libertação e finalmente na proclamação da independência.

Língua de luta e poesia. Angola independente já estava nos poemas e nos textos em que Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Mário de Andrade e outros afirmaram a sua angolanidade e proclamaram: “Vamos
15 redescobrir Angola, vamos voltar às raízes.” E o mesmo aconteceu em Moçambique com os poemas de José Craveirinha e os discursos de Samora Machel. E também em São Tomé e Príncipe com a poesia de Alda Espírito Santo. E na Guiné-Bissau e Cabo Verde com a escrita dos seus poetas e os textos ideológicos e políticos de Amílcar Cabral. E finalmente em Timor, onde as armas e a poesia andaram juntas.

E que Brasil mais brasileiro do que o que vem de Castro Alves a João Cabral de Melo Neto, passando
20 por Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, sem esquecer a prosa de Machado de Assis, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles? Recorde-se que já no século XIX Almeida Garrett tinha escrito uma ode em que saudava a independência do Brasil, sublinhando que ela acrescentava “a lusa liberdade”.

Fernando Pessoa, através do seu heterónimo Bernardo Soares, escreveu: “A minha pátria é a língua
25 portuguesa.” A língua em que Portugal existiu sempre e em que os seus poetas cantaram a liberdade mesmo quando o povo português era também um povo oprimido. Língua da liberdade resgatada pela revolução dos cravos a 25 de Abril de 1974. (...)

“Cada língua — como escreveu George Steiner — é um ato de liberdade que permite a sobrevivência do homem.” É certo que hoje os novos oráculos não estão em Delfos. Estão nas bolsas e nos mercados. Mas

30 a fonte de Castália não secou. A escrita poética preserva o sagrado e é uma forma de resistência contra o grande mercado do mundo e a degradação da vida.

Hoje, como sempre, poesia é liberdade.

Manuel Alegre (parte do discurso proferido na inauguração da Cátedra Manuel Alegre na Universidade de Pádua)

3.1 Caracteriza a língua portuguesa, à luz das afirmações “A língua é una. Mas é diversa” (l.4).

3.2 Em que consiste a contradição, relativamente à essência da língua portuguesa, referida pelo autor?

3.3 Recorrendo às ideias transmitidas pelo escritor e às tuas opiniões sobre este assunto, fundamenta as expressões “a poesia é também a língua” (l.1) e “Hoje, como sempre, poesia é liberdade” (l.32).

3.4 Manuel Alegre refere diversos autores que escrevem em língua portuguesa. Copia o quadro para o teu caderno e preenche-o.

Países	Autores
Angola	
Moçambique	
São Tomé e Príncipe	
Guiné-Bissau	
Cabo Verde	
Timor-Leste	
Brasil	
Portugal	

3.5 Realiza um trabalho de pesquisa que permita:

3.5.1 Acrescentar outros nomes de autores ao quadro anterior.

3.5.2 Indicar os títulos das suas principais obras.

3.5.3 Referir as temáticas preferencialmente abordadas nos seus livros.

4 Atividade

4.1 Com base no exemplo apresentado, redige, no teu caderno, o Contrato de Leitura, tendo em conta os teus interesses e preferências.

Contrato de Leitura

PRIMEIRO OUTORGANTE: _____, professor (a) da disciplina de Temas de Literatura e Cultura da turma ____ do ____º ano, da Escola _____

SEGUNDO OUTORGANTE: _____, aluno (a) nº _____ da disciplina de Temas de Literatura e Cultura da turma _____ do ____º ano, do estabelecimento de ensino suprarreferido.

Entre o primeiro e o segundo outorgantes é estipulado o presente contrato de leitura que se regulará pelas cláusulas seguintes:

PRIMEIRA

O primeiro outorgante compromete-se a:

- a) apresentar ao segundo outorgante uma lista de livros (textos) e/ou sugerir a leitura de determinadas obras;
- b) orientar e esclarecer as leituras do segundo outorgante, por iniciativa própria e/ou quando e sempre que for solicitado;
- c) fornecer ao segundo outorgante um modelo de ficha de leitura (anexo A) que aquele preencherá de acordo com a leitura que efetuar dos livros;
- d) dotar o segundo outorgante de instrumentos de leitura que lhe permitam organizar e tratar a informação a incluir na ficha de leitura, assim como preenchê-la corretamente;
- e) planear, em parceria com o segundo outorgante, a apresentação oral das obras lidas e outras atividades decorrentes do cumprimento do contrato;
- f) avaliar as diferentes atividades envolvidas no cumprimento do contrato, atribuindo-lhes uma percentagem da avaliação total.

SEGUNDA

O segundo outorgante compromete-se a:

- a) ler _____ livros durante o ano, em períodos de tempo acordados com o primeiro outorgante;
- b) completar/preencher uma ficha de leitura para cada uma das obras lidas;
- c) apresentar oralmente cada livro à turma e partilhar com os colegas as suas experiências de leitura;
- d) trocar ideias com os membros da turma sobre as leituras realizadas, sob a forma de intervenções

orais, espontâneas ou solicitadas, ou debates promovidos;

e) planejar, em parceria com o primeiro outorgante, a apresentação oral das obras lidas e outras atividades decorrentes do cumprimento do contrato.

TERCEIRA

O primeiro outorgante tem direito a:

- a) elaborar uma ficha de leitura sobre livros que pretenda dar a conhecer;
- b) convidar autores (quando possível) a visitar a escola;
- c) propor modalidades alternativas de fichas de leitura e/ou sugerir formas criativas de apresentação das obras, a realizar individualmente ou em pequenos grupos.

QUARTA

O segundo outorgante tem direito a:

- a) escolher livros da lista proposta;
- b) sugerir novos títulos;
- c) propor modalidades alternativas de fichas de leitura e/ou sugerir formas criativas de apresentação das obras, a realizar individualmente ou em pequenos grupos.

QUINTA

O incumprimento por parte do segundo outorgante determina que:

- a) à percentagem da avaliação destinada ao cumprimento do contrato seja atribuída a classificação de 0 (zero).

SEXTA

O incumprimento por parte do primeiro outorgante determina que:

- a) o segundo outorgante fique desvinculado do cumprimento do contrato;
- b) a percentagem da avaliação correspondente ao cumprimento do contrato seja distribuída por outros itens de avaliação.

O presente contrato é aceite por ambos os outorgantes nos precisos termos aqui exarados e por todos vai ser assinado por o acharem conforme.

Escola _____, _____ de _____ de _____

O primeiro outorgante

O segundo outorgante

5 Atividade

5.1 Recorda o perfil de “leitor” que foi elaborado para a turma e traça o teu retrato pessoal de “leitor”, exprimindo as tuas preferências e as tuas motivações para ler.

5.2 Em pequenos grupos, sugiram alguns “Direitos Inalienáveis do Leitor”.

5.3 Confrontem as perspetivas dos diferentes grupos.

5.4 Lê a seguinte “declaração”:

Os Direitos Inalienáveis do Leitor

1. O Direito de Não Ler
2. O Direito de Saltar Páginas
3. O Direito de Não Acabar Um Livro
4. O Direito de Rerler
5. O Direito de Ler Não Importa o Quê
6. O Direito de Amar os “Heróis” dos Romances
7. O Direito de Ler Não Importa Onde
8. O Direito de Saltar de Livro em Livro
9. O Direito de Ler em Voz Alta
10. O Direito de Não Falar do Que se Leu

Daniel Pennac, *Como Um Romance*

5.4.1 Comenta os direitos enunciados por Pennac, exprimindo a tua concordância e/ou discordância.

5.4.2 Indica o título do teu livro preferido, fundamentando a tua seleção com base na frase do mesmo autor “o verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo amar... o verbo sonhar...”.



6 Atividade

NOTA INTRODUTÓRIA

Pedro Sena-Lino

Um jogo de computador com páginas

1 Nunca jogaste um jogo de computador com páginas?

Então não sabes o que perdes.

5 É um livro. Mas não é tipo pegar no livro e ver só os desenhos giros. Isso não é nada e até é um bocado à bebé, desculpa lá.

10 É agarrar o livro com as duas mãos e atirares-te lá para dentro como se o livro fosse um jogo de computador. E é bem melhor, porque aqui podes imaginar tudo: as tuas armas, os teus cenários, a cara dos teus inimigos!

Mas para isso é preciso começar.

Já está? Tens o livro entre mãos?

15 Então vamos começar. Não vamos demorar muito tempo que eu sei que tu queres passar rapidamente para as histórias. Isto é o que se chama uma introdução. É como aquelas partes na escola em que os stôres explicam tudo muito bem da matéria, ou antes dos jogos de computador, para saberes o que tens de fazer para ganhar. Aqui também vale fazer batota... Todas as pessoas que leem costumam passar estas páginas à frente... Se tu quiseres, podes fazê-lo. Ninguém vê: o livro é teu e fazes dele o que quiseres.

20 (Ah, mas afinal continuas aqui!).

Uma introdução serve apenas para abrir o apetite. É como aquelas bolachinhas estranhas que se servem antes dos jantares importantes, sabes?

E esta serve para dizer que a Porto Editora e estes escritores fizeram este livro para ti.

25 Deves perguntar-te porque é que juntámos tanta gente numa salganhada destas: Princesas, Príncipes, Fadas e Piratas. Pensámos que ias gostar de histórias com estas pessoas que são mais verdadeiras do que as pessoas reais – sim, porque nós todos achamos mesmo que tu tens razão: que os piratas, e fadas, e duendes, e monstros, e heróis, são mais a sério do que as pessoas reais. Para já, porque não morrem, e porque nos fazem companhia durante muito tempo. E são bons companheiros: não nos estragam as bonecas e os jogos como os colegas da escola. Ou não estão sempre a perder, como os heróis dos jogos de computador. E as aventuras que vivem e as coisas que fazem dão-nos uma espécie de calor dentro do coração que nos dá vontade de fazer coisas novas e diferentes!

35 Por isso é que pusemos aqui piratas, que são o máximo, e têm imensas aventuras para contar. Aquilo é que devia ser uma vida, a andar pelo mar fora com perigos, e tempestades, e tesouros! Nós também gostamos, e por isso é que quisemos criar esta espécie de livro-tesouro para ti. Porque achamos que as coisas que tu sentes, que tu vives, as que guardas só para ti, são mais importantes que os tesouros dos piratas. E essas coisas, que guardamos para nós e nem contamos aos nossos melhores amigos, nós conseguimos encontrá-las nas histórias – a ler. Ler é nunca estar sozinho, é saber que há escritores, que fazem as histórias, e leitores, que as leem, que sentem as mesmas coisas. É como ter uma turma invisível de pessoas que sentem como nós. Um grupo de piratas, mas em vez de estarem num navio, estão num livro!

40 E estes heróis têm problemas: pois claro, como tu também tens naquele nível do jogo de computador, ou com aquele colega chato da escola. É com os problemas que as histórias avançam – que a tua história



avança! Por isso quisemos pôr estes heróis com algumas dificuldades, mas atenção: eles precisam de ti para continuar! Precisam que tu leias e os oiças nas suas aventuras. Já pensaste que um livro só existe porque há pessoas como tu, que o leem?

45 Sim: é que os livros têm personagens lá dentro que só estão à espera que alguém viva com elas. E para isso é preciso abrir o livro, e ler com muita atenção, para que as personagens fiquem vivas. Eu, por exemplo, durante muitos anos fui o melhor amigo do Tintin. Conheci-o num livro e vivi tantas aventuras com ele que não podes imaginar.

E mais: se não houvesse pessoas como tu, os escritores não serviriam para nada. Já te perguntaste o que é um escritor? Eu ajudo: os escritores são pessoas que vivem mais na imaginação do que na terra, porque passam o dia a apanhar ideias como quem apanha borboletas, e depois a escrever essas ideias.

Se não houvesse escritores não havia histórias, que são aquele sítio onde nos escondemos quando tudo é sozinho e cinzento. Um livro é como uma casa onde tudo pode acontecer, mas estamos sempre seguros pela imaginação e pelo sonho.

55 E agora, que estás três vezes de parabéns, porque compraste este livro, porque achas que os heróis são mais verdadeiros que a realidade, e porque vais ler este livro, esperamos que gostes destas histórias. E deste livro. Os livros são lugares onde nós somos mais livres e maiores. Por isso esperamos que continues a viver aventuras neste e em outros livros.

AAVV, Princesas, Príncipes, Fadas e Piratas com Problemas

6.1 Indica as características prováveis do leitor/destinatário desta nota introdutória.

6.2 Transcreve expressões que indiquem o tom familiar/coloquial do autor e a sua intenção de criar proximidade com o destinatário desta mensagem. Quais os seus objetivos?

6.3 Aponta possíveis razões que justifiquem a inserção de uma nota introdutória nesta publicação.

6.4 O autor estabelece analogias entre o livro (a leitura) e outras formas de entretenimento (o jogo de computador) e de aprendizagem (a escola).

6.4.1 Copia para o teu caderno o quadro seguinte e preenche-o com informações retiradas do texto.

Livro & Jogo de Computador	Livro & Escola

6.5 Enumera as vantagens associadas ao livro e à leitura que se deduzem das palavras do autor.

6.5.1 Concordas ou discordas da sua opinião? Justifica.

6.6 Identifica os “intervenientes” envolvidos na escrita e na leitura, pronunciando-te sobre a relação de cumplicidade que os une.

6.7 Segundo o autor, a realidade e a ficção estão, de alguma forma, associadas. Explica em que medida.

6.8 Comenta as seguintes afirmações:

6.8.1 “[as histórias]... são aquele sítio onde nos escondemos quando tudo é sozinho e cinzento” (l.52).

6.8.2 “Ler é nunca estar sozinho”. (l.37)

6.9 Identifica os recursos de estilo presentes nas frases seguintes e comenta o seu valor expressivo:

6.9.1 “... um livro é como uma casa onde tudo pode acontecer” (l.53).

6.9.2 “[os escritores] passam o dia a apanhar ideias como quem apanha borboletas” (l.51).

6.10 Redige uma nota introdutória ao teu Plano Individual de Leitura, referindo as expectativas que tens relativamente à leitura, bem como os gostos e motivações que te definem como leitor.



M E T A S

O aluno deve ser capaz de:

1. Ler um texto com vista à localização e seleção de informação específica.
2. Usar procedimentos e técnicas de tratamento de informação (toma de notas, resumo, elaboração de esquemas, sínteses e diagramas).
3. Distinguir diferentes tipologias textuais, de acordo com as suas características, contextos, intenções e finalidades.
4. Realizar leitura crítica de textos, seguindo um protocolo de leitura adequado e pertinente que contemple a realização de inferências e a formulação de hipóteses interpretativas; a identificação das ideias principais, a sua organização interna; a realização de deduções e a interpretação de sentidos implícitos.
5. Ler textos jornalísticos e informativos variados de modo a
 - distinguir facto de opinião;
 - identificar elementos de persuasão e estratégias argumentativas destinadas a convencer ou a influenciar o leitor;
6. Identificar e caracterizar as diferentes tipologias e géneros textuais estudados.
7. Comparar textos, procedendo à análise das suas características, de acordo com as tipologias a que pertencem.
8. Emitir pontos de vista pessoais sobre os textos lidos e o seu conteúdo e justificar as suas posições.



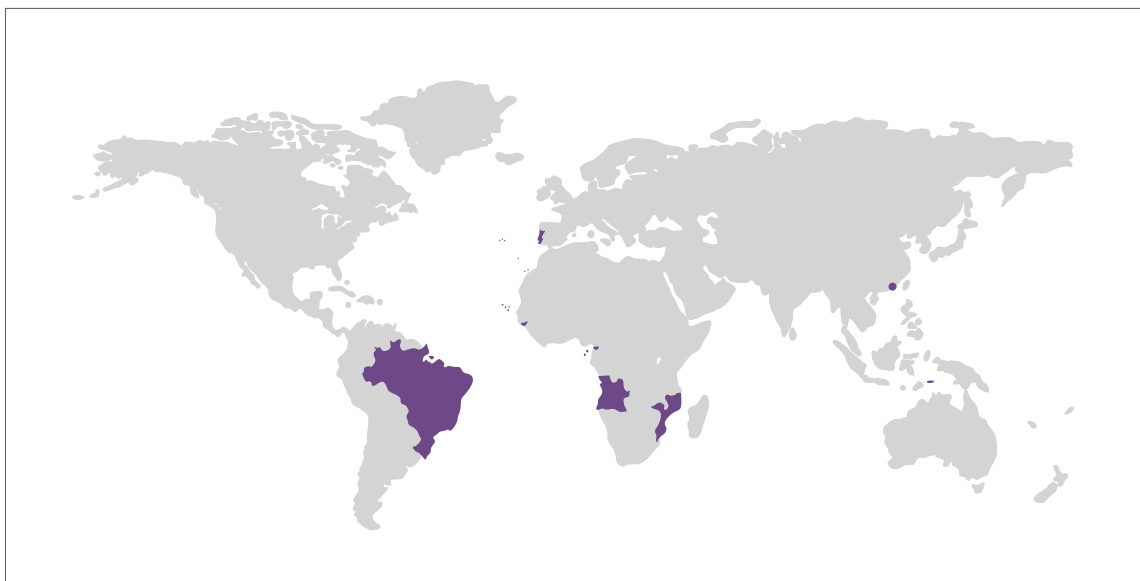
Unidade Temática 3 | Identidade

Unidade Temática 3 | Identidade

1 Atividade

A língua portuguesa, com 200 milhões de falantes, é uma das mais faladas em todo o mundo.

1.1 Observa o mapa-múndi:



Países de Língua Oficial Portuguesa

1.1.1 Identifica, no mapa, os países cuja língua oficial é o português.

1.1.2 Refere a capital de cada um desses países.

1.2 A CPLP foi criada em 1996.

1.2.1 O que significa a sigla CPLP?

1.2.2 Qual foi o último país a integrar esta comunidade?

1.2.3 Indica alguns dos objetivos da CPLP.

1.3 Comenta a importância do uso atual da língua portuguesa em Timor-Leste e no mundo.



2 Atividade

2.1 Considera as informações do quadro:

10 Razões para Aprender Português - A língua portuguesa e a lusofonia

1. Língua de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste
2. Língua de uso em Macau e Goa
3. Língua de trabalho em Organizações Internacionais:
 - ACP – Países de África, Caraíbas e Pacífico
 - Mercosul
 - OEI – Organização dos Estados Iberoamericanos
 - OUA – Organização de Unidade Africana
 - SADC – Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
 - UE – União Europeia
 - UL – União Latina
 - UEMOA – União Económica e Monetária da África Ocidental
4. Língua que une 200 milhões de falantes
5. Língua suporte de identificação de comunidades lusófonas: Alemanha, África do Sul, Austrália, Canadá, EUA, França, Luxemburgo, Suíça, Venezuela...
6. Língua de acesso ao conhecimento de um tempo histórico que revolucionou a imagem do planeta
7. Língua de vitalidade comercial e diplomática, língua de evangelização e mediação religiosa
8. Língua que permanece inalterável como legado jurídico, em zonas de anterior administração portuguesa
9. Língua que viajou por toda a Terra, deixando uma herança fonética e semântica
10. Língua difundida nas sete partidas do mundo em formas ancestrais, como as crenças, os costumes, os ditados, os provérbios

2.2 Apresenta cinco das tuas motivações para aprender português e partilha-as com a turma.

3 Atividade

Complexos

1 Vieram dizer-me que a minha língua
é a maior que há no mundo. Ao espelho, ponho a língua de fora: é
a minha língua, é portuguesa, mas não sei por que é que a consideram
a maior língua do mundo. Por muito que veja a minha língua ao espelho,
5 a língua que vejo não é maior nem mais pequena do
que milhões de outras línguas que há neste mundo. A não ser
que a minha língua não seja portuguesa, ou que uma língua
não tenha nacionalidade. Ponho-a de fora: e em vez de português
falo espanhol, falo inglês, falo francês, falo as línguas que sei
10 e as que não sei para que a minha língua deixe de ser portuguesa;
mas continuam a dizer que a minha língua é portuguesa,
e que é a maior que há no mundo. É, pelo menos, tão grande
como a língua de Camões, ou como a língua de Pessoa; a não ser
quando Camões fala castelhano, ou quando Pessoa fala inglês.
15 “E se me deixassem a língua em paz?” peço. Não serve de nada.
“Não vês que a tua língua é a maior do mundo? Como tu, duzentos milhões
têm a mesma língua; por isso, é a maior que há no mundo,
sem pensar nas outras que podem ser faladas por mais gente mas não
são tão grandes como a tua.” E volto a olhar a minha língua
20 ao espelho. “É a língua do Camões, a língua do Pessoa...” E sinto
um sabor estranho na minha boca, ao saber que tenho lá dentro duas
línguas, além da minha. E se eu bater com a língua no céu da boca? É
a minha língua, ou é a do Camões, ou é a do Pessoa, que vem bater
no céu da minha boca? E agarro na língua, para ver qual é a minha,
25 e arrancar da minha boca as línguas que não me pertencem, e devem
estar ressequidas de um e de mais séculos, se forem a do Camões e
a do Pessoa. É que eu não quero ter a maior língua do mundo; quero,
apenas, que a minha língua esteja quietinha, sem complexos
de grandeza, no lugar em que preciso dela para ir bater no céu
30 da boca, sem ter de empurrar para o lado as línguas do Camões, do Pessoa,
ou as dos outros duzentos milhões que fazem com que a minha língua
seja a maior do mundo.

Nuno Júdice, *Matéria do Poema*

3.1 Indica os motivos que, geralmente, são apontados para justificar que a língua portuguesa é a “maior que há no mundo” (l.12).

3.2 Que estratégia utiliza o sujeito poético para contrariar esses alegados “motivos”. Porquê?

3.3 Refere em que consiste a dimensão lúdica subjacente à construção deste poema.

3.4 Comprova que o título polissémico atribuído ao poema contém uma intenção crítica.

3.5 Camões e Pessoa são apresentados como poetas portugueses que recorreram a outras línguas para efeitos de criação literária. Depois de desenvolveres alguma pesquisa bibliográfica sobre ambos os autores, apresenta razões justificativas desse bilinguismo.

3.6 Todas as línguas contemplam inúmeras expressões idiomáticas. Estas são locuções ou modos de dizer que criam imagens, captando a emoção e a sensibilidade dos falantes, podendo, ainda, facilitar a memorização. Resultam da espontaneidade e da criatividade da comunicação verbal, sendo características de determinada língua, pelo que não é possível traduzi-las literalmente.

3.6.1 Sublinha a opção correta:

Ter a língua comprida: falar muito / saber línguas estrangeiras / ser maldizente

Dar à língua: ser indiscreto / estar desatento / expressar-se com vivacidade

Não ter papas na língua: ouvir atentamente / insistir / falar sem rodeios

Dar com a língua nos dentes: ser eloquente / contar um segredo / sentir frio

Falar pelos cotovelos: falar pouco / expressar-se timidamente / não parar de falar

4 Atividade -Exerto do Livro da Desassossego

- 1 Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro direto que me enoja independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida.

Fernando Pessoa/Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*

4.1 Demonstra que, para o autor, o valor da “língua portuguesa” se sobrepõe ao conceito político e social de “pátria”.

4.2 A língua é, muitas vezes, sujeita a maus tratos. Como reage o autor a essa situação?

4.3 Explica o sentido da frase “A palavra é completa vista e ouvida”.

4.4 Selecciona, de acordo com o teu gosto pessoal, uma das seguintes palavras:

Amor / Coragem / Ódio / Paixão / Dúvida / Melancolia / Liberdade / Sonho

4.4.1 Justifica a tua opção.

4.5 Redige um pequeno poema em que a palavra que seleccionaste possa ser “completa vista e ouvida” (l.7).

5 Atividade - Excerto O Espaço do Invisible 5

1 Uma Língua é o lugar comum donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e do nosso sentir: da minha Língua vê-se o mar. Da minha Língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou do deserto.

Vergílio Ferreira, *Espaço do Invisível 5*

5.1 “Uma Língua é o lugar comum donde se vê o Mundo” (l.1).

5.1.1 Explica a utilização de letra maiúscula nas palavras língua e mundo.

5.2 Demonstra como uma língua determina a visão do mundo de cada falante, dando alguns exemplos concretos.

5.3 Concordas com a associação metafórica da língua portuguesa ao mar sugerida pelo autor?

5.4 A que outras línguas poderão corresponder o rumor da floresta ou o silêncio do deserto? Justifica a tua resposta.

6 Atividade

Perguntas à Língua Portuguesa

1 Venho brincar aqui no Português, a língua. Não aquela que outros embandeiraram. Mas a língua nossa, essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós, moçambicanos, ficarmos mais Moçambique. Que outros pretendam cavalgar o assunto para fins de cadeira e poleiro pouco me acarreta.

5 A língua que eu quero é essa que perde função e se torna carícia. O que me apronta é o simples gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o vôo. Meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da Vida. E quantas são? Se a Vida tem/é idimensões? Assim, embarco nesse gozo de ver como a escrita e o mundo mutuamente se desobedecem. Meu anjo da guarda, felizmente, nunca me guardou.

10 Uns nos acalentam: que nós estamos a sustentar maiores territórios da lusofonia. Nós estamos simplesmente ocupados a sermos. Outros nos acusam: nós estamos a desgastar a língua. Nos falta domínio, carecemos de técnica. Ora qual é a nossa elegância? Nenhuma, exceto a de irmos ajeitando o pé a um novo chão. Ou estaremos convidando o chão ao molde do pé? Questões que dariam para muita conferência, papulosas comunicações. Mas nós, aqui na mais meridional esquina do Sul, estamos exercendo é a ciência de sobreviver. Nós estamos deitando molho sobre pouca farinha a ver se o milagre dos pães se repete na periferia do mundo, neste sulbúrbio.

No enquanto, defendemos o direito de não saber, o gosto de saborear ignorâncias. Entretanto, vamos criando uma língua apta para o futuro, veloz como a palmeira, que dança todas as brisas sem deslocar seu chão. Língua artesanal, plástica, fugidia a gramáticas.

20 Esta obra de reinvenção não é operação exclusiva dos escritores e linguistas. Recriamos a língua na medida em que somos capazes de produzir um pensamento novo, um pensamento nosso. O idioma, afinal, o que é senão o ovo das galinhas de ouro?

Estamos, sim, amando o indomesticável, aderindo ao invisível, procurando os outros tempos deste tempo. Precisamos, sim, de senso incomum. Pois, das leis da língua, alguém sabe as certezas delas? Ponho as minhas irreticências. Veja-se, num sumário exemplo, perguntas que se podem colocar à língua:

25 *Se pode dizer de um careca que tenha couro cabeludo?*

No caso de alguém dormir com homem de raça branca é então que se aplica a expressão: *passar a noite em branco?*

A diferença entre um ás no volante ou um asno volante é apenas de ordem fonética?

O mato desconhecido é que é o anonimato?

30 *O pequeno viaduto é um abreviaduto?*

Como é que o mecânico faz amor? Mecanicamente?

Quem vive numa encruzilhada é um encruzilheu?

Se diz do brado de bicho que não dispõe de vértebras: o invertebrado?

Tristeza do boi vem dele não se lembrar que bicho foi na última reencarnação. Pois se ele, em anterior

35 *vida, beneficiou de chifre o que está ocorrendo não é uma reencarnação?*

O elefante que nunca viu mar, sempre vivendo no rio: devia ter marfim ou riofim?

Onde se esgotou a água se deve dizer: “aquabou”?

Não tendo sucedido em maio mas em março o que ele teve foi um desmaio ou um desmarço?

Quando a paisagem é de admirar constrói-se um admiradouro?

40 *Mulher desdentada pode usar fio dental?*

A cascavel a quem saiu a casca fica só uma vel?

As reservas de dinheiro são sempre finas. Será daí que vem o nome: “finanças”?

Um tufão pequeno: um tufinho?

O cavalo duplamente linchado é aquele que relincha?

45 *Em águas doces alguém se pode salpicar?*

Adulto pratica adultério. E um menor: será que pratica minoritério?

Um viciado no jogo de bilhar pode contrair bilharzirose?

Um gordo, tipo barril, é um barrilgudo?

Borboleta que insiste em ser ninfa: é ela a tal ninfomaníaca?

50 *Brincadeiras, brincriações. E é coisa que não se termina. Lembro a camponesa da Zambézia. Eu falo português corta-mato, dizia. Sim, isso que ela fazia é, afinal, trabalho de todos nós. Colocamos essoutro português – o nosso português – na travessia dos matos, fizemos que ele se descalçasse pelos atalhos da savana.*

Nesse caminho lhe fomos somando colorações. Devolvemos cores que dela haviam sido desbotadas – o racionalismo trabalha que nem lixívia. Urge ainda adicionar-lhe músicas e enfeites, somar-lhe o volume da superstição e a graça da dança. É urgente recuperar brilhos antigos. Devolver a estrela ao planeta dormente.

Mia Couto, texto escrito especialmente para o Ciberdúvidas,

<http://ciberduvidas.sapo.pt/articles.php?rid=118>

6.1 Lê o texto e sublinha os neologismos (palavras criadas pelo escritor).

6.1.1 Explica o seu processo de formação.

6.1.2 Seleciona alguns deles e redige a sua definição, tal como apareceria num dicionário.

6.2 Explica o sentido da afirmação: “Venho brincar aqui no Português, a língua” (l.1).

6.2.1 Enumera as justificações do autor para esta sua tendência para “brincar” com a língua portuguesa.

6.3 Transcreve dois fragmentos textuais que comprovem a ternura que Mia Couto dedica à língua portuguesa.

6.4 Retira do texto os argumentos daqueles que apoiam e daqueles que criticam esta atitude de Mia Couto.

6.5 Relê o quarto parágrafo do texto. Identifica o recurso estilístico através do qual o autor caracteriza a língua portuguesa e explica o seu sentido.

6.6 No quinto parágrafo, recorre-se a uma metáfora para descrever o significado de “idioma” (l.20).

6.6.1 Recorda a história infantil subjacente à metáfora referida e explica o trocadilho usado pelo autor.

6.7 Esclarece o sentido da frase que o autor ouviu à camponesa da Zambézia: “Eu falo português corta-mato” (l.51).

6.8 Identifica a personificação presente no último parágrafo do texto.

6.8.1 Como é que Mia Couto explica as particularidades do português falado em Moçambique?

6.9 Comenta as seguintes frases: “Urge ainda adicionar-lhe músicas e enfeites, somar-lhe o volume da superstição e a graça da dança. É urgente recuperar brilhos antigos. Devolver a estrela ao planeta dormente” (l.55).

7 Atividade

A Nossa Língua Portuguesa

1 Lembro-me que aí pelos meus dez anos eu e meu primo André disputávamos renhidamente qual de nós dois era melhor ajudante de padre e por isso era garantido que quando um estava com *nho* padre logo o outro arranjava maneira de aparecer. Ora certo dia tinha eu quase que secretamente conseguido esgueirar-me para dentro da casa do padre, mas eis que logo de seguida batem à porta. Quem será, questionou *nho* padre. Quase é André, respondi. *Nho* padre não entendeu no imediato mas depois deve ter feito alguns jogos de cabeça porque começou a rir: Quase não, disse ele, ou é André ou não é. Quase é André é que não pode ser. Vai ver!

Fui e de facto era André. *Nho* padre continuava a rir mas eu não via onde podia estar a piada. Porque desde o princípio que eu tinha desconfiado que era o André que batia, mas de qualquer modo ainda não
10 o tinha visto e por isso não podia ter a certeza de ser ele e poder garanti-lo. De modo que o “quase” era a palavra correctíssima para indicar aquela relativa dúvida.

Isso para mim. Mas *nho* padre era indiano, tinha aprendido o português de Portugal e da gramática, e então para ele o “quase” só podia significar qualquer coisa “a meio de” e um “quase é André” não lhe dizia absolutamente nada.

15 *Nho* padre era muito mais velho e sabia muito mais e bem se esforçou por fazer-me aceitar o meu erro, mas mesmo nessa altura não creio que me tenha convencido de que tinha falado mal. É que sempre confessei o meu fraco pela língua portuguesa, mas adoro-a sobretudo com esse delicioso sabor a crioulo, quando as palavras adquirem significações muitas vezes tortuosas mas tão verdadeiras que é impossível não reconhecer uma ainda que inconsciente sabedoria na sua adulteração. Há tempos a minha
20 empregada doméstica falava-me da sua filha que tinha sido “entornada” no hospital. Não é entornado que se diz, corrigi-a, é internado. Mas ela logo me acusou de estar sempre a brincar com coisas sérias, se toda a gente diz “entornado”... Aliás, ainda há dias ela veio solicitar-me um “apresto” de dinheiro. O que tu queres é um “empréstimo”, sorri quase a medo, mas ela logo se alarmou: Não, não é para ser pago de uma vez, esclareceu-me, por isso é que estou a pedir-lhe um apresto, descontado mês a mês.

25 Confesso que fiquei sem bem entender a razão profunda dessa mudança de significação, apenas me tendo ocorrido que “apresto” quer dizer “em prestações”. Mas certamente que algum dia vou chegar lá. Por exemplo, em alguns dos nossos meios que poderíamos ter a tentação de dizer menos esclarecidos, a

expressão “impávido e sereno” transformou-se pura e simplesmente em “emparvo e sereno”. Numa primeira impressão podemos ser tentados a pensar numa pequena deturpação de sons, mas depois de repararmos nas nossas próprias pessoas serenamente emparvalhadas diante de certas manifestações político-culturais, ou então frente aos discursos dos nossos políticos a convencer-nos de que estamos vivendo no melhor dos mundos, temos que admitir que a língua enriqueceu-se com mais uma expressão poderosa e vivificante.

Há poucos dias um amigo meu, brasileiro, hospedado aqui num hotel em S. Vicente telefona-me: Germano, vem cá!, mas enquanto estou pensando, e começo mesmo a dizer que no momento não me dá jeito nenhum sair de onde estou para ir ter com ele, ele nem me ouve e continua despejando não sei quantas palavras sobre mim. Pouco depois volta a repetir o “vem cá!” e acabo finalmente entendendo: Ele apenas está a chamar a minha atenção para qualquer coisa.

Sem dúvida! Gosto desta língua que me permitiu ler no original as deliciosas prosas de Eça de Queirós ou Jorge Amado, entender e apreciar o “vem cá!” e nunca me impediu de sentir e afirmar a minha identidade de homem cabo-verdiano.

Germano Almeida, texto escrito especialmente para o Ciberdúvidas
<http://www.ciberduvidas.com/antologia.php?subtype=Cabo%20Verde>

7.1 Assinala as frases que se seguem com V (verdadeiro) ou F (falso), de acordo com a leitura que fizeste do texto:

- 7.1.1 André e o narrador são dois irmãos que disputam o privilégio de serem ajudantes de padre.
- 7.1.2 O texto relata um acontecimento da infância do narrador.
- 7.1.3 O narrador é heterodiegético.
- 7.1.4 Na aceção em que o narrador a utilizou, *nho* padre desconhecia o significado da palavra “quase”.
- 7.1.5 O narrador concordou plenamente com a correção feita por *nho* padre.

7.2 Corrige as afirmações falsas.

7.3 O que significa a expressão “tinha aprendido português de Portugal e da gramática” (l.12)?

- 7.3.1 De acordo com as informações do texto, como terá o narrador aprendido a falar português?

7.4 O escritor relata outros episódios de utilização imprecisa da língua. Enumera-os e completa a tabela, depois de a copiares para o teu caderno:

Episódio	Emissor	Palavra/ Expressão	Significado Adulterado	Significado Real

7.5 “temos de admitir que a língua enriqueceu-se com mais uma expressão poderosa e vivificante” (l.32).

7.5.1 Identifica o recurso estilístico presente na expressão destacada e comenta o seu valor expressivo.

7.6 Narra um episódio (real ou imaginário) em que uma imprecisão linguística provoque uma situação insólita.

8 Atividade

Língua materna

“(...) Português, irmão, é difícil mas não custa”

(Lourentinho, personagem de um livro de José Luandino Vieira)

“Pela voz da mãe eles conhecem a mãe deles...”

(Provérbio cabinda)

1 Há nas nossas relações com a língua materna um certo efeito almofada que, como a mão fresca das mães nas nossas infâncias febris, amortece a queda, suaviza a dor.

Quem não se lembra de mãos de seda (frias, frias) acordadas na noite, mudando toalhas ensopadas em água e vinagre (desconfio que a fórmula completa incluía também algumas lágrimas) sobre testas a arder em fogo forte, no início sempre difícil do cacimbo ou no final teimoso de alguns anos de chuva?

5 A febre cedia ao fim de alguns dias à força da palavra, de milagrosos chás de ervas perfumadas e quinino, substância eficaz mas responsável pelas amargosas e amargadas memórias. Pior, só óleo de fígado de bacalhau e alguns purgantes. Mais tarde inventaram a “resochina” e desde aí percebi que há sempre umas infâncias mais infâncias do que as outras.

10 Mas, dizia eu, a língua materna cresce conosco e ao mesmo tempo inaugura e aprende a distinguir os cheiros fortes da terra ou o sabor do pão de batata-doce, que como ela também leveda e tem de ser cuidado sob o risco de passar do ponto a abater... como as pessoas, a língua alargar-se-á à convivência com as outras sonoridades, outros empréstimos. Sempre observei com gosto a alquimia generosa da língua portuguesa engrossando ao canto umbundo, sorrindo com o humor quimbundo ou incorporando as palavras de azedar

15 o leite, próprias da língua nyaneka. O contrário também é válido e funciona para o universo das línguas bantu e não só faladas nos territórios onde hoje se fala também a língua portuguesa.

Este problema das línguas tornou-se um rio que engrossa, de vez em quando, e sai do leite, perde o sul e alimenta intermináveis discussões nem sempre ajudadas pela corda curta do bom senso e do bom gosto. Mas são sempre assim as *makas* de família: discute-se muito e faz-se pouco e há sempre tempo para essa e

20 outras confusões.

Continuando, a língua materna vai conosco à escola e aprende a domesticar-se e a fingir. Assimilada, calçada e de bata branca durante certas horas do dia, solta-se selvagem e descalça na hora do pontapé, do futebol e da pancada. Pode lá disparatar-se sem ser em língua materna?

Enfim, a língua é uma espécie de segunda pele, impressão digital, única, pessoal, mas transmissível,

25 contagiosa poderia mesmo dizer-se.

Os contadores de histórias do meu país sabem como usar as suas línguas maternas para realizarem as tarefas de Deus, a transmutação do corpo em voz e, uma vez voz, repetir o murmúrio da tradição que assim se fortalece e se transforma em pedra de tanto durar. Os poetas também sabem desses ofícios: o David Mestre ainda era miúdo e já dizia

(...) Mover a voz para
fora. Subverter-lhe a derme
inquieta no sopro ⁽¹⁾

30 À força de voz e no meio da língua fundamos o nosso lugar no mundo e inventamos a utopia quando a terra gela a frio intenso.

Assim também nos habituamos à dor e à tragédia quando as palavras que a anunciam são palavras da família, são as mesmas de nomear a alegria e os tempos festivos. E, no caso das nossas terras, a tragédia é

35 tanta e tão variada e tão frequente, que cada problema se cola à nossa pele: amigos que já não vamos rever, lugares da infância preenchidos de bombas, cidades que se esconderam (recuso a aceitar que desapareceram) como uma ferida de estimação a aguardar um tempo para ser tratada. Porque isto das dores e dos tempos tem as suas hierarquias, ângulos e perspectivas.

Assim se acumulam notícias e cresce o espanto que a língua tem dessas armadilhas: amortece a queda,
40 cuida dos viventes, ensinando a conviver com a notícia deste danado tempo dos anos da peste.

Por isso me custou tanto, quando, de repente, vi e ouvi notícias sobre as crianças do meu país. Primeiro um sobressalto, o reconhecimento dos lugares, o recorte da Baía, o desorganizado das ruas, o sempiterno sorriso. Depois o horror, o corpo doendo, doendo, uma por uma, a história de cada criança, sem família, sem roupa, sem comida, soltas na violência dos dias e das noites. Enganando as horas e os estômagos, crescendo

45 a correr para a morte... Na *Sky News* – em inglês!

(1) David Mestre, *Do Canto à Idade*, p. 19

Ana Paula Tavares, *O Sangue da Buganvília*.

8.1 Ao longo do processo de crescimento, uma língua materna desempenha inúmeras funções.

8.1.1 Selecciona as expressões que melhor correspondem às diferentes funcionalidades da língua materna e justifica as opções tomadas:

Expressões	Funcionalidades
a) - “um certo efeito almofada que (...) amortece a queda, suaviza a dor”. (I.1)	1) - descoberta
b) - “cresce connosco e ao mesmo tempo inaugura e aprende a distinguir os cheiros fortes da terra ou o sabor do pão” (I.10)	2) - conhecimento
c) - “vai connosco à escola e aprende a domesticar-se e a fingir” (I.21)	3) - liberdade
d) - “pode lá disparatar-se sem ser em língua materna?” (I.23)	4) - apaziguamento
	5) - afeto
	6) - sociabilidade
	7) - aprendizagem
	8) - naturalidade

8.2 Explica, por palavras tuas, a metáfora “Enfim, a língua é uma espécie de segunda pele, impressão digital, única, pessoal, mas transmissível, contagiosa poderia mesmo dizer-se” (l.24).

8.3 Na idade adulta, a língua materna continua a desempenhar, na compreensão da realidade e na expressão de pensamentos e emoções, as mesmas funcionalidades.

8.3.1 Transcreve expressões do texto que evidenciem a vivência, por via da palavra, de:

- a) - poesia
- b) - oração
- c) - tradição
- d) - consolo
- e) - sonho

8.4 Contudo, as emoções exprimem-se por meio de uma linguagem universal que dispensa as palavras. Justifica.

9 Atividade

Sobre a necessária reinvenção da língua portuguesa

1 Uma língua, num instante dado, ainda não existe, noutra instante depois já poderemos identificá-la, reconhecê-la, dar-lhe nome. Entre esses dois instantes, por assim dizer, unívocos, é grande a dificuldade de apurar até que ponto o que há de ser já está sendo, ou se o que foi já se transformou o bastante para que seja possível antecipá-lo como forma do que será. É a mil vezes repetida história metafórica e alegórica da crisálida, vida entre duas vidas, simultaneamente criador e criatura. Assim, mais ou menos segundo esta figuração, se terá feito a passagem do latim ao português, com aquela crisálida linguística pelo meio a tentar chegar aos mesmos significativos através doutros significantes. (...)

5 É por isto que alusões à hora, ao instante, ao momento, à época voltam com tanta insistência a uma reflexão que, aparentemente, deveria orientar-se não mais do que para a situação atual, uma vez que é do estado do português hoje que me propus ocupar-me aqui. Ainda que, perdoe-se-me esta nova digressão, me fosse de grande gosto, além do proveito que me traria, saber que causas se congregaram para que o português escrito, e presumo que também o falado, atingisse um tão alto grau de beleza e de precisão no século XVII, por exemplo, e que enfermidades o atacaram depois e o trouxeram, com algumas intermitências fulgurantes (Garrett, em primeiro lugar), a esta outra crisálida em que se está organizando não sei que inseto, por todos os indícios e demonstrações, provavelmente, um mutante.

10 Porém, muito mais do que saber que maleitas terão surgido nesse e noutros passados, importaria averiguar, com o arsenal científico de que os especialistas estão apetrechados, e não com a alegre ousadia de que eu próprio dou e darei mostra escandalosa, importaria averiguar, repito, as causas, e propor os remédios, se ainda os há, para a celerada e acelerada degradação que, não é novidade para ninguém e as exceções apenas o confirmam, está corroendo a língua portuguesa, essa que tanto nos envaidece chamar língua de Camões, sem ao menos nos perguntarmos se o mesmo Camões não a cuspiria da sua boca. É aqui que dói a matadura. E se eu não vim à Venezuela, como um fanático anunciador de catástrofes, a profetizar a morte da língua portuguesa, devo perguntar se, em Portugal e fora dele, estaremos a fazer sequer o estrito necessário para defender-lhe a vida.

25 Eu sei, ai de mim, que os otimistas são doutro parecer: dizem eles que a língua não precisou de quem cuidasse dela durante todos estes séculos e nem por isso se finou, que uma língua é um ser vivo, como ele eminentemente adaptável, que essa capacidade de adaptação sucessiva é a própria condição da vida, e que, agora metaforicamente falando, depois de bem baralhados os naipes, sempre estarão na mesa as mesmas

cartas, isto é, ainda haverá língua portuguesa bastante para que os portugueses saibam do que estão a falar. Oxalá. (...)

José Saramago, Fundação José Saramago
<http://www.josesaramago.org/saramago/detalle.php?id=54>

9.1 Atenta no primeiro parágrafo do texto.

9.1.1 Como é que o autor define “crisálida” (I.5)?

9.1.2 Explica a analogia estabelecida entre “crisálida” (I.5) e “língua” (I.1).

9.2 Relê, atentamente, o segundo e o terceiro parágrafos.

9.2.1 O autor pretende falar sobre o estado atual da língua portuguesa; no entanto, não resiste à tentação de olhar para o passado. Que explicações são apresentadas para tal atitude?

9.2.2. O autor refere que a língua portuguesa se encontra doente.

9.2.2.1. Transcreve três vocábulos que confirmem esta afirmação.

9.2.2.2. Substitui esses vocábulos por sinónimos, respeitando o sentido que apresentam no contexto.

9.3 Explica por que razão se utiliza a expressão “língua de Camões” (I.21) para designar a língua portuguesa?

9.4 Refere o(s) sentimento(s) subjacente(s) à afirmação: “... essa que tanto nos envaidece chamar a língua de Camões, sem nos perguntarmos se o mesmo Camões não a cuspiria da sua boca” (I.21)?

9.5 No último parágrafo do texto, José Saramago dá conta de outras opiniões, diferentes da sua, sobre o estado da língua portuguesa.

9.5.1 Quais são as opiniões “otimistas” (I.25)?

9.5.2 Transcreve a metáfora utilizada para referir esse otimismo.

9.6 Como interpretas a interjeição que termina o texto? Justifica a tua opinião.

10 Atividade

A língua portuguesa em Timor-Leste

1 A existência de quatro línguas em Timor é enriquecedora e vantajosa, pois cada língua é uma janela aberta para o mundo.

O contacto dos Portugueses com os Timorenses data de 1512, quando, depois da conquista de Malaca, os navegadores lusos sulcavam os mares da Insulíndia, em demanda de especiarias, cravo, noz-
5 -moscada, canela e sândalo. Na altura, a língua do comércio naquelas paragens era o malaio. Porém, ao longo dos séculos XVI e XVII, a língua franca era o português. O ensino da língua portuguesa em Solar, Flores, Timor e ilhas circunvizinhas foi implementado, sobretudo, pelos missionários dominicanos. (...)

Hoje, embora o português seja considerado a língua oficial de Timor, a par do tétum (art. 13º da Constituição de RDTL), a sua implementação depara-se com grandes obstáculos. Há setores da sociedade timorense que
10 são contra o uso da língua portuguesa; as línguas nacionais (21) e línguas estrangeiras (o bahasa indonésio e o inglês) são fortes concorrentes do português. O timorense, às vezes, recorre ao uso do idioma mais fácil para a comunicação (tétum, bahasa, inglês). Por outro lado, verifica-se a existência de insuficiente número de professores, de livros, de jornais e de rádios e da televisão. Ainda não está generalizado o costume de leitura entre os já “alfabetizados”, sobretudo leitura de livros, especialmente os da Literatura.

15 Desafios: continuar a apostar no ensino e na prática da língua portuguesa. Para isso, exige-se maior empenhamento dos governantes, maior distribuição de livros e de outro material, maior implantação da rádio e da televisão nos distritos e subdistritos. Daqui, a necessidade de cooperação de todos os países da CPLP.

20 Num mundo globalizado, o atual panorama da existência de quatro línguas em Timor (tétum, português, inglês e bahasa indonésio) é enriquecedor e vantajoso, pois cada língua é uma janela aberta para o mundo. Por outro lado, está o orgulho da preservação da própria identidade nacional. E aqui vale a mensagem do Poeta: “A minha Pátria é a minha língua” (Fernando Pessoa).

D. Carlos Filipe Ximenes Belo, *Agência Ecclesia*, 27 de maio de 2008.

10.1 “O contacto dos Portugueses com os Timorenses data de 1512” (I.3).

10.1.1 Refere as razões que motivaram a viagem dos portugueses.

10.1.2 Na época, que língua era usual nas transações comerciais?

10.1.3 Porém, ao longo dos séculos XVI e XVII, a utilização da língua portuguesa tornou-se mais comum. Quem contribuiu para tal facto?

10.2 Hoje, o art.13º da Constituição da República Democrática de Timor-Leste determina que, a par do tétum, o português seja considerado língua oficial.

10.2.1 Enumera as dificuldades no cumprimento do referido artigo da Constituição.

10.2.2 Aponta as medidas e as atitudes que poderão minimizar esses obstáculos.

10.2.3 Refere em que sentido a adoção da língua portuguesa contribui para “o orgulho da preservação da própria identidade nacional”.

10.3 Comenta a afirmação “a existência de quatro línguas em Timor é enriquecedora e vantajosa, pois cada língua é uma janela aberta para o mundo” (I.1).

10.4 Pesquisa informação sobre a aprendizagem e a utilização da língua portuguesa, ao longo dos séculos, em Timor-Leste.

10.4.1 Elabora uma síntese esquemática que apresente, numa perspetiva diacrónica, a informação recolhida.

10.5 Discute a importância da língua portuguesa como idioma de Timor-Leste, propondo hipóteses de resolução para:

10.5.1 as reticências colocadas ao uso da língua portuguesa nas conversas quotidianas dos timorenses;

10.5.2 as principais dificuldades no ensino e na aprendizagem da língua portuguesa.

10.6 Procede a outras leituras complementares sobre o mesmo assunto, refletindo sobre as questões da(s) língua(s) e da identidade timorense. Sugerimos, ainda, o visionamento da reportagem “Timor – um país para cumprir” emitida pelo Canal Sic, disponível em www.youtube.com

11 Atividade - Excerto de A Descoberta do Mundo

1 Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. (...). A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

5 Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope.

Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo nas minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança da língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

10 Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega.

Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras

15 línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

Clarice Lispector, *A Descoberta do Mundo*

11.1 Transcreve a frase que melhor sintetiza o assunto do excerto.

11.2 Enumera as dificuldades inerentes ao ato de escrever em língua portuguesa.

11.3 Explicita a caracterização que é feita da língua portuguesa como veículo de expressão.

11.4 Demonstra, através de elementos textuais, que a língua portuguesa permanece viva e em incessante renovação.

11.5 Explicita o valor expressivo da comparação presente na frase “Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope” (l.5).

11.6 Explica a razão pela qual a autora pretere o inglês, apesar de o considerar “preciso e belo” (l.13).

11.7 Tendo em conta a pluralidade de línguas usadas em Timor-Leste, se te perguntassem com que línguas te identificas, o que responderias? Justifica a tua resposta.

11.8 Pesquisa dados biográficos e bibliográficos sobre a escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), uma das mais importantes figuras do universo literário lusófono do século XX. Recolhe, igualmente, excertos da sua obra, podendo vir a inseri-los no teu portefólio.

12 Atividade

12.1 Faz uma leitura expressiva do poema:

A Língua Portuguesa

1 Esta língua que eu amo
Com seu bárbaro lanho
Seu mel
Seu helénico sal

5 E azeitona
Esta limpidez
Que se nimba
De surda
Quanta vez

10 Esta maravilha
Assassinadíssima
Por quase todos os que a falam
Este requebro
Esta ânfora

15 Cantante
Esta máscula espada
Graciosíssima
Capaz de brandir os caminhos todos
De todos os ares

20 De todas as danças
Esta voz
Esta língua
Soberba
Capaz de todas as cores

25 Todos os riscos
De expressão
(E ganha sempre à partida)
Esta língua portuguesa
Capaz de tudo

30 Como uma mulher realmente
Apaixonada
Esta língua
É minha Índia constante
Minha núpcia ininterrupta

35 Meu amor para sempre
Minha libertinagem
Minha eterna
Virgindade.

Alberto de Lacerda, *Oferenda I*

12.1.1 Que sentimento(s) confessa o sujeito poético nutrir pela língua portuguesa?

12.1.2 Retira do texto as expressões que se podem inserir no campo lexical de amor e do erotismo.

12.2 O sujeito poético convoca a polivalência metafórica da classe do nome para descrever sensorialmente a língua portuguesa.

12.2.1 Sublinha os nomes do poema.

12.2.1.1. Distribui-os convenientemente pela tabela seguinte, que deverás copiar para o teu caderno, de acordo com as notações sensoriais que veiculam:

Sensações				
Visão	Audição	Tato	Olfato	Paladar

12.3 A par da expressividade do nome, o poeta recorre à adjetivação para celebrar a língua.

12.3.1 Que atributos lhe são associados?

12.3.2 Explica o recurso ao superlativo em “assassinadíssima” (l.11) e “graciosíssima” (l.17).

12.4 Refere as capacidades que, na opinião do poeta, definem a língua portuguesa.

12.4.1 Identifica o recurso estilístico que enuncia tais capacidades e comenta o seu valor expressivo.

12.5 Explicita o significado dos versos “Esta língua portuguesa capaz de tudo como uma mulher realmente apaixonada” (l.28).

12.6 Um idioma é um sistema de palavras com que se exprimem as ideias e os sentimentos.

12.6.1 Redige um poema que corresponda à expressão de um sentimento intenso à tua escolha.



13 Atividade - Excerto de A Substância do Amor e Outras Crônicas

1 Há frases que se tornam independentes do seu corpo, o texto literário, o artigo, o discurso ou o poema, para alcançarem a natureza sempre um tanto equívoca dos pensamentos sempre a servir. Fernando Pessoa deixou-nos pelo menos duas destas frases: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena” e “A minha pátria é a língua portuguesa”. Não são com certeza as frases mais luminosas de Pessoa. Entre mil, porém, estas
5 ganharam asas e andam agora por toda a parte, servindo os mais contraditórios propósitos e aos mais diversos senhores. Há bocas que se abrem e a gente já sabe: ou entra mosca ou sai Pessoa.

Quanto a mim, descobri-me cidadão desta nossa língua – vasto território de afetos, valores e memórias –, ao cair de uma tarde já distante, na fronteira entre Singapura e a Malásia. Lembro-me que era uma sexta-feira porque a estrada estava cheia de autocarros. O motorista explicou-me, num inglês tumultuado, que
10 às sextas-feiras os malaio imigrados em Singapura, onde ganham quatro vezes mais, regressam à pátria para passar o fim de semana com a família. Aos gritos, sempre aos gritos, mostrou-me a fila compacta de autocarros, e depois a desordem de feira dentro do próprio veículo, e a multidão, ao longo da estrada, carregando às costas a opulência de Singapura.

Atordado pelo calor, o alarido, a estupenda fragrância que se desprendia de um cesto com mangas,
15 mesmo atrás de mim, não percebi que já tínhamos chegado à fronteira. O motorista sacudiu-me do torpor gritando instruções em malaio, e a seguir em inglês, mas ao princípio não percebi a diferença. Compreendi finalmente, quando os outros passageiros começaram a sair, que também eu devia saltar do autocarro, com os meus documentos, e passar a fronteira a pé. Não havia fila no portão destinado aos estrangeiros. O guarda lançou um olhar distraído para a minha fotografia, sorriu, e carimbou o passaporte. Agradei, guardei-o no
20 bolso, e dirigi-me para um bloco de pequenos restaurantes improvisados, disposto a comprar alguma coisa para comer antes de reentrar no autocarro.

O autocarro? Deus, onde estava o autocarro?!

Eram centenas ali e na escuridão todos me pareciam iguais. Tentei lembrar-me do rosto do meu vizinho. Tentei lembrar-me de algum outro passageiro. Todos me pareciam iguais. Sentei-me numa mesa ao ar livre,
25 num dos restaurantes, e só então me dei conta, assustado, quase em pânico, de que estava sem dinheiro. Comigo tinha apenas o passaporte, de cidadão português, e um bloco de apontamentos. Deixara a carteira no autocarro, dentro da mochila, com os restantes documentos. Por instantes imaginei o meu destino: ficaria ali, naquele fim de mundo, mendigando umas moedas aos viajantes para comer um pratinho de arroz.

Corri quilómetros à procura do autocarro. Finalmente, já desesperado, fui ter com um polícia e expliquei-
30 -lhe o que tinha acontecido. Ele olhou-me desconfiado e pediu para ver o passaporte.

– Português? – O homem lançou-se nos meus braços. Eu também sou português.

Também não era: natural de Malaca, cidade famosa pela sua população de remotíssima origem portuguesa, falava uma língua de fantasia, que ao princípio me pareceu crioulo de Cabo Verde, e depois me recordou velhos textos setecentistas.

35 Acho que o voltei a ver, recentemente, num belíssimo documentário brasileiro sobre o mundo lusófono: “Além Mar”. Estava sentado numa pequena sala de visitas, na sua casa, no “bairro português” de Malaca. As paredes da sala segregavam uma luz impossível. Ao centro havia uma imagem de Nossa Senhora.

Naquele entardecer, na fronteira entre Singapura e a Malásia, ele foi comigo, de autocarro em autocarro, até que um dos motoristas me reconheceu. O polícia confiou-me a ele num discurso expansivo, inflamado,
40 que eu julgo ter compreendido, mesmo sem entender uma única palavra. Por fim voltou-se para mim e apertou-me a mão.

Não sei se chorei. Não me lembro. Talvez tenha chorado.

José Eduardo Agualusa, *A Substância do Amor e Outras Crônicas*

13.1 Escolhe a afirmação que consideras verdadeira:

13.1.1 “Tudo vale a pena se a alma não é pequena” é uma frase da autoria de:

- a) – José Eduardo Agualusa
- b) – Fernando Pessoa
- c) – um cidadão anónimo

13.1.2 O autor desta crónica encara a língua portuguesa como

- a) – um mero conjunto de signos linguísticos e regras gramaticais
- b) – um código linguístico estranho
- c) – um património linguístico marcado pelo afeto, por valores e por memórias

13.1.3 O cronista evoca um episódio que ocorreu

- a) – na fronteira entre a Malásia e Singapura
- b) – no centro de Singapura
- c) – na Malásia e em Singapura

13.1.4 Singapura é

- a) – o espaço preferido pelos malaios para passar o fim de semana
- b) – uma estância de férias para os malaios
- c) – um local de trabalho para muitos malaios

13.1.5 O protagonista deste episódio foi auxiliado

- a) – por um vizinho de viagem
- b) – pelo motorista do autocarro
- c) – por um polícia

13.1.6 O polícia a que o autor se refere era natural

- a) – de Portugal
- b) – da Malásia
- c) – de Malaca

13.2 Relê os quatro últimos parágrafos do texto.

13.2.1 “– Português? – o homem lançou-se nos meus braços. Eu também sou português” (l.31).

13.2.1.1 – Justifica o motivo que leva o emissor desta frase a afirmar-se como português.

13.2.1.2 – Indica um outro elemento presente no texto que indice marcas da presença de Portugal no Oriente.

13.3 Esclarece o significado do último parágrafo do texto.

13.4 Em termos pessoais, identificas-te com este sentimento de “fraternidade lusa”? Fundamenta a tua resposta.

14 Atividade - Texto de Imprensa e Punlicidade

14.1 Lê o excerto deste texto da imprensa que apresenta uma das possíveis linhas orientadoras a considerar na construção do futuro timorense.

1 Mas em breve, quando a quase totalidade dos estrangeiros abandonar o território, caberá aos timorenses desbravar o seu caminho rumo à prosperidade. Investir, produzir, apostar em áreas chave. E o turismo – arrisco a dizer – será uma das áreas fundamentais para o desenvolvimento do país.

5 Não se veem, por enquanto, viajantes em Timor-Leste. Mas consigo sem esforço imaginar o país como um destino turístico de relevo. Já estive noutros lugares com muito menos para oferecer em termos de beleza e de diversidade cultural, e que são verdadeiros ímanes para viajantes de todo o mundo. Algumas ilhas tailandesas, por exemplo.

10 É certo que viajar em Timor-Leste não é fácil. As estradas que rasgam o país são tudo menos confortáveis. Distâncias curtas demoram pouco menos que uma eternidade a percorrer. Mas o país tem, para além da componente cénica, imenso para proporcionar aos viajantes que nele se aventurem. Intercâmbios com culturas riquíssimas, um povo de uma amabilidade extrema, lugares onde se fica com a sensação de se recuar no tempo. E praias belíssimas espalhadas por toda a costa. O monte Ramelau e as plantações de café e cacau do centro do país. As ilhas de Jaco e Ataúro e muitos, muitos outros lugares. E, melhor que tudo, os inconfundíveis sorrisos das crianças timorenses e os seus olhos negros, profundos, igualmente risonhos. Se a riqueza de um país se medisse pelo encanto dos mais novos, Timor-Leste seria a mais próspera nação do planeta.

Filipe Morato Gomes, *Jornal Público* (16/05/05)

14.2 Comenta a frase “E o turismo – arrisco a dizer – será uma das áreas fundamentais para o desenvolvimento do país” (l.2), exprimindo a tua concordância ou discordância.

14.3 Considera o anúncio publicitário sobre um outro arquipélago:

14.3.1 Trata-se de publicidade comercial ou não comercial? Justifica a tua opinião.

14.3.2 Identifica o seu público-alvo.

14.3.3 Transcreve o *slogan*.

8 imagens

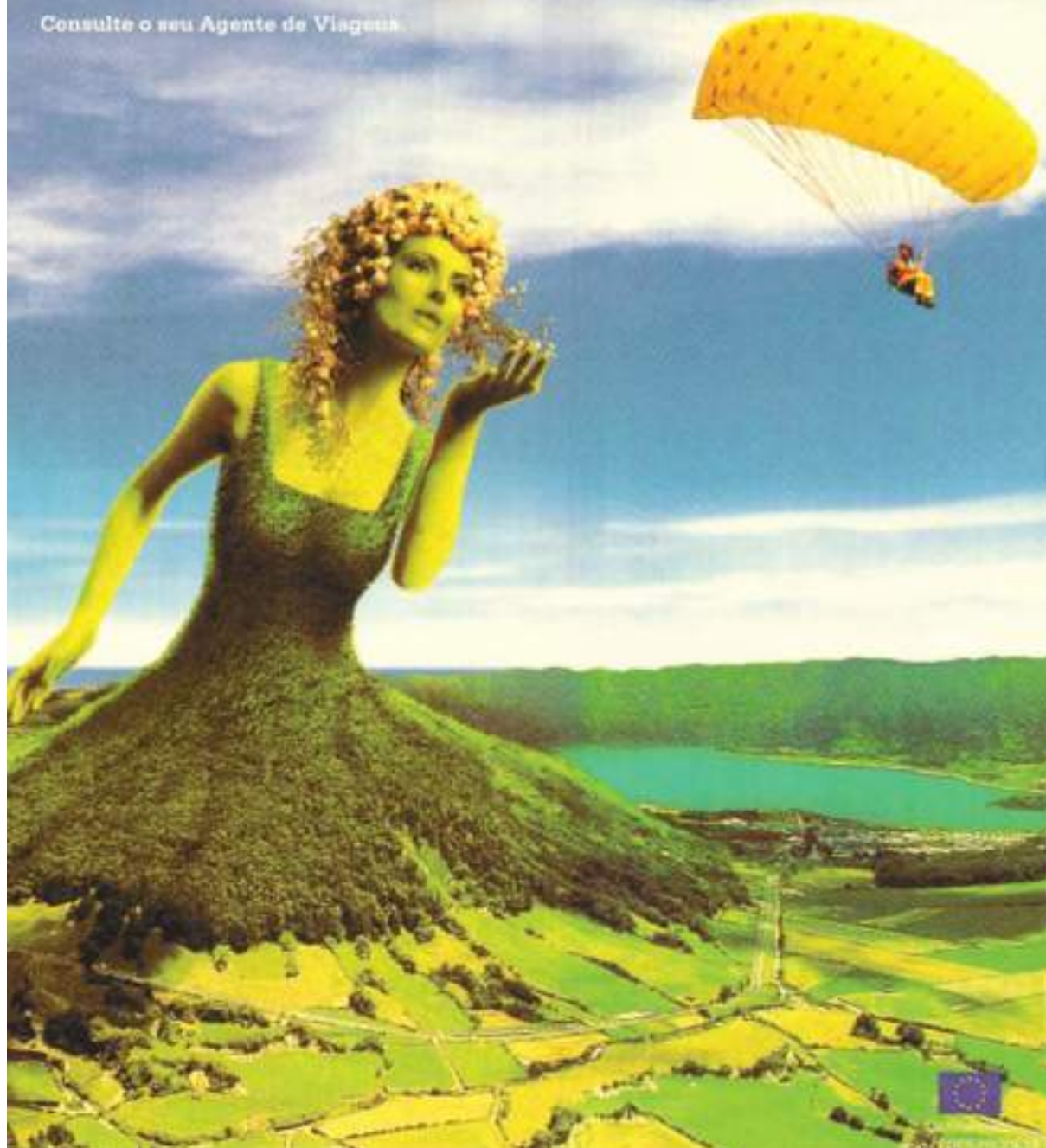
Apanhe uma boleia da Natureza

e parta à descoberta da aventura. O clima temperado e os bons ares dos Açores são um convite à prática do desporto. Do parapente à escalada, do mergulho ao golfe, a escolha é sua. Agora imagine-se a fazer tudo isto rodeado por algumas das mais belas paisagens do mundo. Cones vulcânicos há muito extintos e agora em flor, lagoas deslumbrantes e tapetes verdes que parecem ter saído da paleta de um pintor. Desta forma, o desporto é uma aventura para os sentidos. Porque, nos Açores, tudo é uma verdadeira dádiva da Natureza Viva.

Consulte o seu Agente de Viagens.



A NATUREZA VIVA



14.4 Atenta na conjugação entre texto verbal e icónico.

14.4.1 Indica os elementos do texto icónico que correspondem aos seguintes elementos do texto verbal:

- a) – “... parta à descoberta da aventura”.
- b) – “... prática do desporto. Do parapente...”
- c) – “... algumas das mais belas paisagens do mundo”.
- d) – “Cones vulcânicos há muito extintos e agora em flor, lagoas deslumbrantes e tapetes verdes...”

14.4.2 Identifica os seguintes recursos expressivos presentes no texto verbal:

- a) – frases de tipo imperativo
- b) – adjetivação expressiva
- c) – metáforas
- d) – comparação

14.4.3 Comenta o valor expressivo da comparação e das metáforas identificadas.

14.5 Em trabalho de grupo, constrói um cartaz publicitário que pretenda dar a conhecer a tua região e promover as potencialidades turísticas de Timor-Leste. Não te esqueças de fazer acompanhar os elementos pictóricos de um texto verbal sugestivo e de inventar um *slogan* cativante e eficaz.



15 Atividade - Notícia

15.1 Naturalmente, o futuro e a identidade de um país dependem, também, do investimento na educação e na qualificação profissional dos seus cidadãos. Lê o seguinte excerto de uma notícia:

1 O Governo de Timor tem já aprovada a futura Universidade Nacional, que vai também ter o apoio das instituições de ensino superior portuguesas.

5 “Ainda no mês de janeiro, o Conselho de Ministros aprovou, pela primeira vez, o Estatuto da Universidade Nacional de Timor Lorosae. Hoje, temos um Estatuto e o Estatuto define que a Universidade passa agora a ter sete Faculdades. Faculdades que têm a maior relevância para o processo de desenvolvimento de Timor e, paralelamente também, vamos ter quatro Centros de Investigação Científica – os *National Research Centers* – nas áreas que têm a ver com áreas de ensino nessas Faculdades”, explica o ministro timorense.

10 E as prioridades no ensino superior em Timor estão já definidas. “A primeira Faculdade será a Faculdade de Agricultura, já que somos um país agrário. A segunda será a Faculdade de Engenharia, Ciências e Tecnologia, a terceira será a Faculdade de Medicina e Ciências da Saúde, a quarta será a Faculdade de Educação, Artes e Humanidades, a quinta será a Faculdade de Economia e Gestão, a sexta a Faculdade de Direito e, por último mas não menos importante, a Faculdade de Ciências Sociais. Para além destas sete faculdades, vamos ter quatro Centros de Investigação Científica. O primeiro será na área da Agricultura e Desenvolvimento Rural, o segundo na área Petrolífera e Geologia, o terceiro na área de Saúde Pública e o quarto será na área de

15 Biotecnologia e Ambiente”, explica João Cândio Freitas.

Diversas instituições portuguesas estão envolvidas com Timor na reintrodução da Língua Portuguesa, incluindo 120 professores portugueses que lecionam em 13 distritos do território timorense.

Fonte: TV Ciência – 19/04/2010

<http://www.hojelusofonia.com/reintroducao-da-lingua-portuguesa-em-timor-vai-ser-reforcada/>

15.2 Identifica as medidas que estão a ser tomadas no âmbito da educação e da qualificação profissional dos timorenses.

15.3 Mediante as necessidades atuais do país, procura justificar a criação faseada das diferentes universidades e centros de investigação. Quais terão sido as prioridades tidas em conta? Concordas ou discordas? Fundamenta a tua opinião.



M E T A S

O aluno dever ser capaz de:

1. Reconhecer diferentes textos da tradição oral, integrando-os no gênero respectivo, segundo das suas características temático-formais.
2. Recontar textos da tradição oral.
3. Identificar temas e motivos mais frequentes no texto tradicional
4. Recriar textos da tradição oral.
5. Proceder à análise de textos da tradição oral, tendo em conta as suas principais características e modelos de composição.
6. Identificar esquemas de construção de textos narrativos.
7. Identificar marcas da oralidade no texto tradicional .
8. Problematizar as relações existentes entre LTO e a literatura de autor.
9. Distinguir diferentes usos (literários, simbólicos, ideológicos) da matéria textual pertencente à LTO.
10. Reconhecer as implicações estéticas, pedagógicas e ideológicas das reescritas da tradição.



Unidade Temática 4 | Tradição

- Lendas, mitos e contos tradicionais
- Fábulas

LENDAS, MITOS E CONTOS TRADICIONAIS

Timor-Leste possui uma rica tradição oral que continua viva e a circular entre as pessoas. A memória, nomeadamente dos mais velhos, os *catuas*, funciona como repositório vivo de muitas histórias cuja origem se perde no tempo e cuja transmissão vai sendo assegurada na comunidade, passando de geração em geração. De cariz mais realista ou mais fantástico, os textos tradicionais recuperam muitas vezes elementos do contexto, como a natureza, os animais e as pessoas, mas também do maravilhoso e da magia. Com diferentes objetivos, incluindo o moralizante, mas também a pura distração e entretenimento, os textos podem revestir diferentes formas (em prosa e em verso) e ser difundidos em múltiplas versões e variantes.

1 Atividade

Lê os excertos seguintes e reflecte sobre as características e funcionalidade da literatura tradicional.

Os textos são conservados na memória dos *Lia-Nain*, os senhores da palavra. As histórias têm então duas formas: as *ai-cnanoic*, ou memórias, que podem ser em prosa ou em verso, e as *ai-cnanânuic*, ou canções, em verso, geralmente de carácter lírico.

Identidade Timorense [http://www.cerit.org/gentes_cult_contos.html]

Sobre estes transmissores da cultura oral, fonte de muitos dos textos que hoje conhecemos através de coletâneas que os recolhem, veja-se o que dizia, na segunda metade do século XX, Ezequiel Enes Pascoal:

Os *lia ná'in* formam, geralmente, verdadeira elite de homens escolhidos pela sua facilidade de expressão. Oradores natos, narram com opulência de pormenores. Com abundância de mímica. Descontraídos. Uma descontração diferente daquela com que falam, habitualmente, com um velho missionário, conhecido pessoal ou que, pelo menos, sabem que é amigo e a quem consagram, na sua qualidade de *ná'i-lúlic* – senhor sagrado – um respeito reverencial, na mais estrita aceção da palavra.

Ezequiel Enes Pascoal, *A Alma de Timor vista na sua Fantasia – Lendas, fábulas e contos*

Os textos que circulam oralmente estão ligados à memória coletiva dos povos e resultam da sua interpretação do mundo, ordenando-o segundo esquemas facilmente percebidos por todos. Nas sociedades tradicionais, alguns destes textos podem surgir associados a ritos iniciáticos ou a tradições de cunho religioso e mítico. É possível encontrar a recorrência de determinados temas considerados importantes para a vida da comunidade (agricultura, chuva, etc.), assim como símbolos marcantes, como acontece com o crocodilo, por exemplo.

A religião tradicional timorense implica um certo monoteísmo. Deus, *Marômac*, não é habitualmente objeto de culto, sendo este dirigido aos espíritos dos antepassados e aos *lulik*, objetos que por determinados motivos são considerados sagrados. Estes são guardados nas *uma-lulik*. Não existem templos, pois a Natureza é o templo de *Marômak*, o seu dono. Existem representações dos antepassados. O culto consiste em sacrifícios chamados estilos. Habitualmente têm um carácter propiciatório e terminam com um banquete em que se consome a carne dos animais mortos. Estes, nos grandes estilos, são porcos e búfalos. Os ritos fúnebres são os mais espetaculares devido ao número de animais mortos, visando alimentar a alma do morto e garantir-lhe a eternidade. Os mitos revelam antepassados, origens ou o poder sagrado de animais e pessoas. O crocodilo é talvez a figura mais importante da mitologia. É o totem, o antepassado dos habitantes de Timor. A serpente e a águia são agentes da divindade, assim como a estrela da manhã. O mundo é tripartido entre os espíritos, a divindade e os homens. O mito do crocodilo, mito de origem, explica o surgimento da ilha e do primeiro habitante dela.

Identidade Timorense [http://www.cerit.org/gentes_cult_mitos.html]

Ainda sobre o espírito totémico de muitos dos textos da literatura oral timorense, lê esta reflexão:

(...) Não é nítida a demarcação entre as diversas ordens da natureza, sobretudo entre o homem e o animal. Nesse estágio atribuem-se a seres materiais as faculdades mais ou menos desenvolvidas dos seres animados e conscientes.

A esta luz compreende-se a aliança do homem com o animal ou a planta, aliança que assume sempre o caráter de parentesco – a mais íntima das alianças – mesmo que exclua a ideia da consanguinidade, como sucede em Timor, em relação ao crocodilo. Ainda que os nativos o considerem, em quase toda a ilha, como avô, não tendo, até, em algumas regiões, outro nome que não seja o de avô – *ná'i bei* – nenhum dos que lhe dão esse nome atribui tal ascendência a laços de sangue.

Ezequiel Enes Pascoal, *A Alma de Timor vista na sua Fantasia – Lendas, fábulas e contos*

2 Atividade

Contos sobre a origem de Timor-Leste

1.

1 Em tempos passados, vivia na ilha Celebes um crocodilo velho que não conseguia apanhar peixes para se alimentar. Resolveu, por isso, procurar algum porco distraído nas margens para matar a fome. Tanto procurou, sem nada encontrar, que acabou por cair exausto e entristecido, sem conseguir voltar para a água. Um rapaz que passava teve pena do crocodilo e resolveu puxá-lo pela cauda, levando-o até a água. Em 5 retribuição, o crocodilo prontificou-se a levá-lo às costas sempre que fosse necessário. Ambos se tornaram grandes amigos mas, apesar disso, ao sentir fome novamente, o crocodilo pensou em devorar o rapaz. Antes de o fazer, porém, quis ouvir a opinião dos outros animais, que se mostraram revoltados com a ingratidão do crocodilo. Dominado pela vergonha, o animal mal-agraçado resolveu mudar-se para um local onde ninguém o conhecesse. Como o seu único amigo era o rapaz que o salvara, convidou-o para irem juntos 10 em busca de um disco de ouro que flutua nas ondas. No meio do caminho, o crocodilo, cansado, precisou de parar um pouco para descansar. Porém, não conseguiu voltar a seguir viagem, transformando-se numa belíssima ilha. O rapaz tornou-se homem e viu, preso ao seu peito, o disco de ouro com o qual o crocodilo sonhara. Decidiu que viveria nessa ilha a que deu o nome de Timor, que significa “Oriente”.

Versão anónima, a circular *online* [revista e corrigida]

2. Lenda de Timor

1 Conta a lenda que há muito, muito tempo, um crocodilo já muito velhinho vivia numa ilha da Indonésia chamada Celebes. Como era muito velho, este crocodilo já não tinha forças para apanhar peixes, por isso estava quase a morrer de fome.

5 Certo dia, resolveu entrar terra adentro à procura de algum animal que lhe servisse de alimento. Andou, andou, andou, mas não conseguiu encontrar nada para comer. Como andou muito e não comeu nada, ficou sem forças para regressar à água.

Um rapaz ia a passar e encontrou o crocodilo exausto. Teve pena dele e ofereceu-se para o ajudar a voltar. Então, pegou-lhe pela cauda e arrastou-o de volta à água. O crocodilo ficou-lhe muito agradecido e, em paga, disse ao rapaz que fosse ter com ele sempre que quisesse ir passear pelas águas do rio ou do mar. 10 O rapaz aceitou a oferta e, a partir daquele dia, muitas foram as viagens que os dois amigos fizeram juntos. A amizade entre os dois era cada vez maior, mas, um dia, a fome foi mais forte e o crocodilo pensou que comer o rapaz era a melhor solução. Antes de tomar esta decisão, perguntou aos outros animais o que achavam da ideia. Todos lhe disseram que era muito ingrato da parte dele querer comer o rapaz que o tinha salvo.

15 O crocodilo percebeu que estava a ser muito injusto e ficou com muitos remorsos. Então, resolveu partir para longe, para esconder a vergonha. Como o rapaz era o seu único amigo, pediu-lhe que fosse com ele. O

rapaz saltou para o dorso do crocodilo e deixou-se guiar pelo mar fora.

A viagem já ia longa quando o crocodilo começou a sentir-se cansado. Já exausto, resolveu parar para descansar, mas, naquele momento, o seu corpo começou a crescer e a transformar-se em pedra e terra.

20 Cresceu tanto que ficou do tamanho de uma ilha. O rapaz, que viajava no seu dorso, passou a ser o primeiro habitante daquela ilha em forma de crocodilo.

E assim nasceu a ilha de Timor.

<http://www.junior.te.pt/servlets/Rua?P=Portugal&ID=781>

3. O Rapaz e o Crocodilo

1 Em Massacar, na ilha dos Celebes, vivia um crocodilo. Isto passou-se muito antes dos tempos que já lá vão. Velho, sem velocidade para os peixes da ribeira, não teve outro recurso senão pôr pé no seco e aventurar-se terras adentro a ver se topava cão ou porco que lhe matasse a fome. Andou, andou e nada topou.

5 Resolveu regressar, mas o caminho era longo e o sol ardia. Abrasado, sentiu o crocodilo que as forças iam faltar-lhe e que, mais passo menos passo, ficaria ali como uma pedra.

Mas o acaso fez que lhe passasse mesmo à mão e a tempo um rapaz. Este, condoído, ajudou-o a arrastar-se até à ribeira. O crocodilo ficou-lhe gratíssimo, oferecendo-se para, a partir daquele dia, o levar às costas pelas águas dos rios e do mar. Certa vez, apertado pela fome e sem cão ou porco que a matasse, 10 decidiu-se a comer o rapaz. Antes, porém, para alívio da consciência, consultou os outros animais sobre se devia ou não comê-lo. Desde a baleia ao macaco, todos ralharam muito com ele acusando-o de ser ingrato. Inclinando-se perante a opinião geral e no receio de que a sua presença passasse, de futuro, a ser mal tolerada, o crocodilo dispôs-se a partir mar fora e a levar consigo o dedicado rapaz por quem, vencida a tentação, sentia amizade quase paternal. Foi nesta disposição que convidou o rapaz a pular-lhe para as 15 costas.

Fazendo-se, então, ao mar, nadou, onda após onda, em demanda das terras onde nasce o sol, convencido de que lá havia de encontrar um disco de ouro semelhante ao outro que o norteava. Porém, quando, já cansado de nadar, pensou em dar meia volta e regressar às terras de origem, sentiu que o corpo se lhe imobilizava e se transformava rapidamente em pedra e terra, crescendo, crescendo, até atingir as dimensões 20 de uma ilha.

Caminhou então o rapaz sobre o dorso desta ilha, rodeou-a com o olhar e chamou-a de Timor que, em língua malaia, quer dizer oriente.

<http://www.ponto.altervista.org/Lugares/Lendas/croco.html>

4. O crocodilo que se fez Timor

1 Há muito, muito tempo, em Macássar, um crocodilo lembrou-se, certa manhã, de dar um longo passeio. O céu estava sem uma nuvem, o ar fresco aflagava a terra e das aldeias não vinha nenhum ruído. Absorvido pelo pensamento de apanhar algum peixe, de caçar algum cão ou porco para lhe saciar a fome, não reparou que se ia afastando da terra. Quando voltou a si, já o sol ia a pino.

5 Resolveu regressar ao coilão, mas a meio do caminho viu-se obrigado a parar. O crocodilo sentiu-se cansado e sem forças para chegar a sua casa. Julgou que ia morrer e suspirava que lhe aparecesse alguém que lhe salvasse a vida, mesmo que fosse um apetecido cão.

Quando estava nestas aflitivas considerações e bons propósitos, apareceu um rapaz. O rapaz comovido e cheio de bondade arrastou o crocodilo até à água. Mal se viu na água, o crocodilo ofereceu-se para levar o 10 jovem, no dorso, sempre que quisesse banhar-se no coilão ou no mar.

O rapaz aceitou a oferta. Fiel ao compromisso, o crocodilo levava, no seu dorso, o seu amigo a passear ou no coilão ou no alto mar. Tanta vez o levou até que um dia, angustiado pela fome sem conseguir caçar, sentiu a tentação de o comer.

Não querendo proceder de ânimo leve, visto que estavam em jogo a sua honra e a sua consciência, **15** resolveu ouvir primeiro os peixes e a baleia, depois outros macacos, sobre se devia ou não comer o rapaz. Todos ralharam com ele, acusando-o de ser ingrato.

Inclinando-se perante a opinião geral, e não querendo ser réu de tal perfídia, o crocodilo dispôs-se a partir para o mar e levar consigo o dedicado rapaz. Assim que apareceu o rapaz, convidou-o a pular-lhe para as costas.

20 Fazendo-se, então, ao mar, o crocodilo andou, andou, andou a caminho das terras onde nasce o Sol, convencido de que por lá haveria coisas tão lindas como esse disco de ouro. Exausto, parou, por fim, sob um céu de turquesa, transformou-se em terra que foi crescendo e sem perder a configuração de crocodilo. Surgiram montanhas, cresceram árvores, apareceram ribeiras. O rapaz caminhou, caminhou e passou a chamar-lhe Timor, isto é, Oriente.

Texto adaptado de

1) Eduardo dos Santos, *Kanoik, mitos e lendas de Timor*

2) Ezequiel Enes Pascoal, *A Alma de Timor vista na sua fantasia*

Disponível em http://www.arnug.com/mep/?page_id=200

2.1 Lê os quatro textos selecionados e analisa-os, tendo em conta os seguintes aspetos:

- a) - Título
- b) - Personagens
- c) - Ação
- d) - Conclusão

2.2 Identifica as partes principais da história, elaborando um esquema do seu desenvolvimento.

2.3 Como classificas a ação do rapaz quando encontra o animal em sofrimento? E como retribui o crocodilo?

2.4 Como é explicada, nos quatro textos, a motivação para a grande viagem final?

2.5 Relê os parágrafos onde se descreve a transformação do animal. O que a motiva? Qual o seu significado simbólico?

2.6 De acordo com a leitura realizada, qual é o tema principal dos textos? Há mais algum tema relevante? Justifica.

2.7 Identifica marcas da oralidade presentes nos textos.

2.8 Descobre algumas das características que os distinguem. Como explicas as diferenças entre eles?

2.9 Conheces outra versão diferente desta história? Quem ta contou?

Sobre os gêneros da literatura tradicional e a possibilidade da sua sistematização, lê o excerto seguinte:

Gêneros da literatura tradicional

- 1 Qualquer estudo de literatura oral tradicional requer um esforço de sistematização dos respetivos gêneros, um esforço que permitirá uma delimitação dos campos de análise, sem o qual se corre o risco de cair em conceitos abstratos. Esta necessidade afigura-se tanto maior quanto se trata de um universo vasto, variado e “esmigalhado” de textos, apresentando, por vezes, fronteiras muito ténues entre si. (...)
- 5 Consideramos neste universo um leque imenso de gêneros, como sejam contos populares, lendas, mitos, provérbios, ditos populares, apodos, adivinhas, lengalengas e trava-línguas, orações, rezas, responsos, fórmulas de superstições e de mezinhas, esconjuros, orações com escárnio, pragas e maldições, agouros ou profecias, galanteios ou piropos, pregões, quadras, autos populares, romanceiros, cancioneros, excelências, etc. Que tipo de arrumação e sistematização podem merecer estes gêneros e os textos que lhes dão suporte?
- 10 Algumas propostas têm sido formuladas por diferentes autores, merecendo-nos especial apreço,(...) as de Bausinger (1968), Jolles (1972) e Pinto-Correia (1993). O estudioso alemão Hermann Bausinger (1968: 6-7), arruma esta literatura em três grandes grupos: 1 – formas e jogos verbais; 2 – formas dramáticas e musicais; 3 – formas narrativas. O primeiro grupo inclui provérbios, ditos populares, apodos, adivinhas, lengalengas e trava-línguas, orações, rezas, responsos, fórmulas de superstições e de mezinhas, esconjuros, orações
- 15 com escárnio, pragas e maldições, agouros ou profecias, galanteios ou piropos, pregões, etc. O segundo incluiu quadras, autos populares, romanceiros, cancioneros e excelências. No terceiro grupo entram contos populares, lendas e mitos. Importa não ignorar que, embora cada texto contenha, em termos de forma e de conteúdo, características mais ou menos nítidas que permitem arrumá-lo num destes grupos, também é certo que raramente um texto concentra em si mesmo a realização plena e rigorosa de um determinado
- 20 género. E tal acontece porque alguns resultam do “sincretismo de vários gêneros, mesmo que, quase sempre, os traços de um deles se tornem dominantes e surjam com maior clareza” (Furtado, 1980: 19). Esta observação faz sentido, especialmente, no grupo das formas narrativas, quando se percebe que as fronteiras entre conto popular, lenda e mito nem sempre são claras.

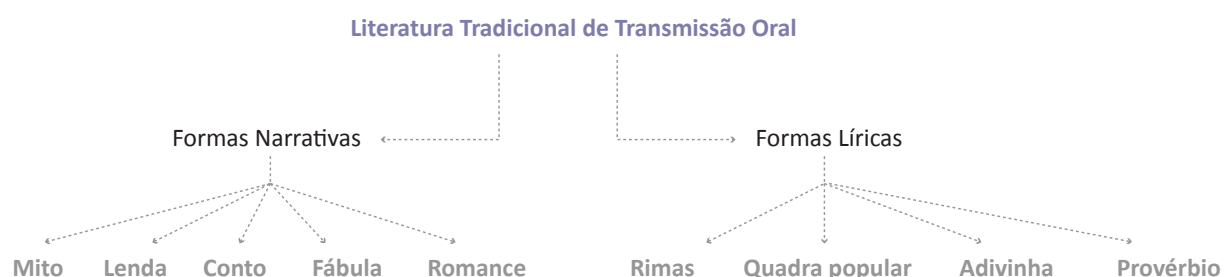
Alexandre José Parafita Correia, *Mouros Míticos em Trás-os-Montes*

O conto, na sua origem, é considerado como um género tradicional, pertencendo à literatura oral, a par de outros como o mito, a gesta ou saga, a lenda e a anedota. Enquanto o mito se define como um texto ligado a crenças e rituais, frequentemente de conteúdo religioso, a saga propõe a narração de acontecimentos tidos como verídicos e a anedota, apesar de constituir igualmente um relato verídico, apresenta acontecimentos de índole mais pessoal ou privada, com claras intenções de entretenimento. O conto, por seu turno, distingue-se por propor a narração de acontecimentos fictícios, com o objetivo de divertir e, simultaneamente, moralizar.

A reduzida extensão sintagmática do conto acaba por ter implicações na condensação ou mesmo redução ao nível de determinadas categorias da narrativa. Esta concentração atinge sobretudo a ação, o tempo e a personagem, conduzindo a que a ação seja normalmente linear, sem a presença de intrigas secundárias, mantendo o leitor preso à intriga principal; a uma relativa economia temporal e a um reduzido número de personagens, essenciais para o desenvolvimento da intriga.

De entre os gêneros da Literatura Tradicional, alguns deles esquematizados no diagrama que se segue, destacam-se, pela persistência e relevo em diferentes literaturas, os mitos e as lendas. Trata-se de narrativas que explicam por que ocorrem fenómenos naturais ou cósmicos, esclarecendo as relações existentes entre os deuses e os homens. Os mitos referem-se mais a outros mundos ou são mais

abstratos e a lendas começam com um núcleo relacionado com a verdade e adquirem depois uma vertente de índole maravilhosa (ou ao contrário).



Lê atentamente as seguintes definições destes dois géneros:

Mito

- 1 O mito é uma história sagrada; relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, no tempo fabuloso das “origens”. Por outras palavras, o mito conta como, graças aos atos dos seres sobrenaturais, uma realidade teve existência, quer seja a realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É, pois, sempre uma narrativa de uma
- 5 “criação”, conta-se como qualquer coisa foi produzida, como começou a ser. O mito não fala senão naquilo que aconteceu realmente, naquilo que se manifestou completamente.

Mircea Eliade, *Aspetos do mito*

De acordo com Victor Jabouille (*Introdução à Ciência dos Mitos*), o mito pode, segundo o seu conteúdo, classificar-se como:

Mito teológico – relata o nascimento dos deuses, os seus matrimónios e genealogias;

Mito cosmogónico – debruça-se sobre a criação e o ordenamento do mundo e os seus elementos constitutivos;

Mito antropogónico – apresenta a criação do homem;

Mito soteriológico – apresenta o universo da iniciação e dos mistérios, das catábases e dos percursos purificadores;

Mito cultural – narra a atividade de heróis que, tal como Prometeu, melhoram as condições do homem;

Mito etiológico – explica a origem das coisas e das pessoas; pesquisa as causas por que se formou uma tradição, procurando, em especial, encontrar episódios que justifiquem nomes;

Mito naturalista – justifica miticamente os fenómenos naturais, telúricos, astrais, atmosféricos;

Mito moral – relata as lutas entre o Bem e o Mal, entre anjos e demónios, entre forças e elementos antagónicos;

Mito escatológico – descreve o futuro, o destino do homem após a morte, o fim do mundo.

Lenda

- 1 O que é então uma lenda? Pese embora as divergências que possa haver sobre a natureza do seu conteúdo, é correntemente aceite que se trata de um relato transmitido por tradição oral de factos ou acontecimentos encarados como tendo um fundo de verdade, pelo que são objeto de crença pelas comunidades a que respeitam. É “uma história não atestada pela História” (Jolles, 1976: 60). Está localizada numa área geográfica
- 5 ou numa determinada época, embora os factos históricos “apareçam transfigurados pela imaginação popular” (Reis e Lopes, 1990: 216). A existência de uma lenda é, em si mesma, uma consequência da fragilidade da história, ou dos documentos que a fundamentam. Por isso, nasce sempre num espaço nebuloso da história, procurando complementá-la, ou justificá-la, num quadro de representações do imaginário. As personagens da lenda são seres bem definidos e bem representados na memória coletiva da comunidade. A lenda surge,

10 por isso, mais histórica e mais verdadeira do que o conto que é, por natureza, mais ficcional. Aliás, raramente uma lenda começa com a fórmula “era uma vez...”, como sucede com o conto. E se é certo que, à força de ser sucessivamente contada ao longo das gerações, a lenda passa por um processo de diluição do seu fundo real com a incorporação de uma forte componente imaginativa e fantasiosa, certo é também que ela é sempre contada pela comunidade como mantendo um forte fundamento histórico e real.

Alexandre José Parafita Correia, *Mouros Míticos em Trás-os-Montes*

3 Atividade

Lê com atenção outra versão da mesma história e faz o levantamento das diferenças principais em relação aos textos anteriores, construindo um esquema comparativo. Observa, por exemplo, a descrição inicial do crocodilo, a localização espacial da narrativa, o desenvolvimento da intriga e as suas várias sequências, o epílogo ou a conclusão final. Está, ainda, especialmente atento ao título do texto e à forma como a história é contada, incluindo a presença do discurso direto e as opções estilísticas do autor.

Que conclusões tiras sobre as características deste texto?

Timor despontou como as folhas do Bétele, como o caule da Arequeira

1 Em tempos idos, lá para terras de Macaçar, um desolado crocodilo saiu do seu coito, com a mira de se alimentar. Era verão, pelo que os campos feneciam de aridez.

Perto dum coilão, onde o crocodilo vivia alapardado, ficava uma pequena e humilde povoação.

5 Para ali se dirigiu, indo colocar-se à sombra duma grande e velha árvore, à coca dum rafeiro vadio, dum porco, ou de qualquer cabrito descuidado. Mas, por mais que se tivesse aproximado daquela desolada povoação, nada conseguiu lograr. Regressou, pois, amargurado e faminto. O Sol, que a sombra da velha árvore encobria, mitigando-lhe o ardor, ia já alto.

Quando, merencório, abandonou a frescura daquele sítio, era já meio-dia; fora, a terra escaldava; para chegar à foz da ribeira, ainda tinha muito que rastejar, e as margens eram só areia escaldante.

10 Então, tentou mover-se apressadamente; mas, a meio caminho, não podia sofrer mais, porque a areia queimava como fogo.

Arrastava-se penosamente, atormentado pela fome e por um calor infernal, sem que o refrigério duma nuvem passageira viesse reconfortá-lo. O infeliz crocodilo gemia e contorcia-se, sentindo que a morte se aproximava.

15 A sua angústia era imensa!

Um rapazito, que por acaso passava perto, a tomar o seu banho, ouviu aqueles gemidos lancinantes. Aproximou-se, solícito, para saber donde proviriam aqueles gritos. Ao ver o pobre animal prestes a morrer, disse para consigo:

“Coitado deste netinho crocodilo, uns minutos mais e morrerias!”

20 Tentou levantá-lo e, vendo que não pesava muito, transportou-o para a água. O crocodilo, ao sentir-se de novo dentro de água, recobrou ânimo, exultando de satisfação, sem saber como agradecer ao seu salvador. Mas, passados os primeiros momentos, disse, movido de gratidão:

“De hoje em diante seremos grandes amigos. Ai do crocodilo que ousar molestar-te!... Desejando passear pelas ribeiras ou pelos mares, basta que me chames e digas: amigo, lembra-te do bem que te fiz; e

25 eu virei logo oferecer-te o meu dorso para viajares por onde te aprouver. Se for do teu agrado, partiremos agora mesmo.”

E, confiante, lá andou o rapazito a vogar, às costas do crocodilo, sendo já tarde quando voltou a casa. Dali

em diante, sempre que desejasse fazer-se ao mar, bastava-lhe chamar pelo amigo crocodilo, para que este aparecesse como por encanto. Foi assim durante muito tempo.

30 Mas um dia o crocodilo deslizou com o amigo para o alto mar, e aí o seu instinto sentiu grande tentação. Teve ganas de tragar o seu amigo. Mas resistiu a tão feia tentação. Resolveu aconselhar-se francamente com os peixes do mar e, por fim, também com um cachalote:

“A uma pessoa que nos valeu, devemos fazer bem ou mal?”

Todos responderam que devemos fazer bem.

35 Mas esta resposta não lhe satisfez os instintos, e a saliva começava a crescer-lhe na boca, embora no fundo do seu íntimo ele se esforçasse por resistir. Consulta, então, todos os animais da terra, e todos respondem como os peixes. Finalmente, deseja saber a opinião do macaco. Este, pulando dum lugar para outro e arregalando muito os olhos, indaga estupefacto:

“Que dizes tu?”

40 E o crocodilo repete o que dissera já aos outros animais. Aqui o macaco para, sentado num ramo, ao lado do crocodilo, e prega-lhe esta reprimenda mestra:

“Tu não tens vergonha?! Tu, a quem, um dia, estando prestes a morrer, à torreira do sol, este jovem desconhecido ergueu e transportou para o mar; tu queres agora, em paga, devorá-lo?!”

45 E, vituperando-o ainda mais por tão feio pensamento, aviltou-o quanto pôde e afastou-se para o cume da árvore.

O crocodilo, confuso e transido de vergonha, não pensou mais em devorar o seu grande amigo. Mas, levando-o, um dia, em direção ao oriente, e entrando no mar de Timor, disse-lhe reconhecido:

50 “Meu bom amigo, o favor que me fizeste jamais o poderei pagar. Dentro em breve eu devo morrer; deves voltar para terra, tu, os teus filhos, todos os teus descendentes, e comer a minha carne em paga do bem que me fizeste.”

Baseados nesta lenda, os velhos afirmam que a ilha de Timor, principiando em Lautém e acabando em Cupão, é esguia como o corpo dum crocodilo, e a parte central assemelha-se-lhe à barriga.

Timor quer dizer Oriente; muitos timorenses chamam ao crocodilo antepassado ou avô.

55 Se qualquer crocodilo devora alguém, é porque, dizem, este lhe fez ou disse algo de mal. Ou quando uma pessoa é apanhada por aquele, costuma gritar: Antepassado ou avô! Maldição! Maldição! Quando entram ou passam numa ribeira onde haja crocodilos, costumam atar uma fita verde de folha de palmeira na cabeça, numa perna e, algumas vezes, também na mão, e chamam para junto de si o cão. Assim, o crocodilo sabe, e não os morde.

Identidade Timorense [http://www.cerit.org/gentes_cult_mitos.html]



4 Atividade - Leitura de Ilustrações

As duas ilustrações que se seguem foram criadas por duas jovens *designers* portuguesas, respetivamente Miriam Reis e Ana Biscaia, e destinavam-se a ilustrar a lenda que estás a estudar.



Ilustração 1

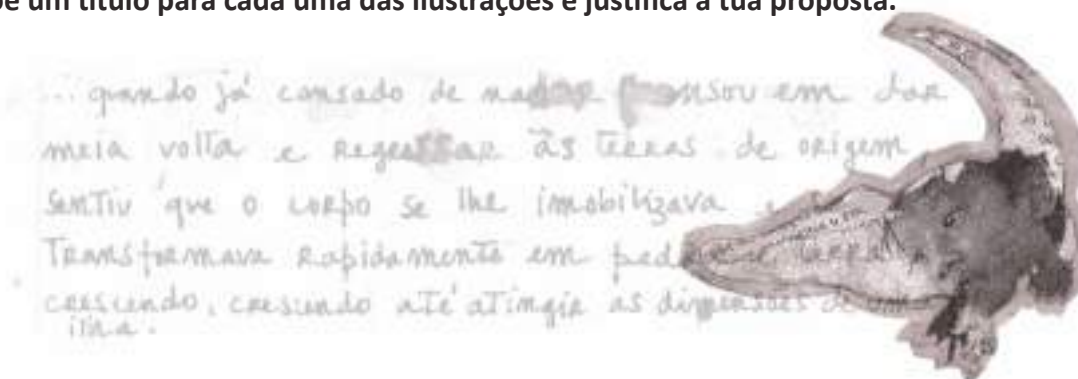


Ilustração 2

4.1 Procede à sua observação e à sua análise, redigindo um texto cuidado, tendo em conta, entre outros aspetos que julgues pertinentes, os seguintes:

- Elementos de ligação ao texto
- Formato, enquadramento e ponto de vista adotado
- Presença de personagens e formas de representação selecionadas
- Cores dominantes e seu significado
- Técnica escolhida e sua relação com o tema
- Marcas do estilo e da interpretação pessoal do seu autor

4.2 Propõe um título para cada uma das ilustrações e justifica a tua proposta.



5 Atividade

A versão que se segue pertence a um autor português e foi publicada numa coletânea de contos e lendas em Portugal. Redige um breve texto de análise ao conto, tendo em conta, entre outros aspetos que te pareçam relevantes, os seguintes:

– Referência ao facto de se tratar de um conto alusivo a uma cultura diferente (e distante!) da portuguesa;

– Tratamento do tema da velhice e seu significado;

– Estratégias utilizadas para construir a imagem inicial do crocodilo;

– Relação entre as personagens principais e sua evolução ao longo da narrativa;

– Motivações para a consulta aos animais sobre a decisão de comer o rapaz;

– Descrição da metamorfose final;

– Semelhanças e diferenças em relação às versões estudadas.

A Ilha de Timor

1 Há muitos e muitos anos, do outro lado do mundo, vivia num pântano um crocodilo. Como já era velho, faltava-lhe velocidade, raramente conseguia apanhar peixes para comer e, por isso, começava a sentir fome, fraqueza e desânimo.

5 Saiu então do pântano e aventurou-se em terra, em busca de algum bicho que lhe matasse a fome. Mas o sol era ardente, o caminho longo e o crocodilo sentia-se sem forças para continuar.

Cheio de fome e sozinho, pensou que acabaria ali os seus dias, imóvel como uma pedra. Até que passou um rapaz. Ao ver o pobre animal naquele estado, sentiu pena e resolveu ajudá-lo a arrastar-se até uma ribeira. Aí o crocodilo pôde refrescar-se e alimentar-se um pouco. E, ao conversarem, percebeu que o sonho do rapaz era viajar e conhecer mundo.

10 Tão grato ficou o velho crocodilo que se ofereceu para levar o seu amigo às costas a passear pelas águas do rio e do mar. E assim atravessaram as ondas, dia e noite, noite e dia, rumo às terras onde nasce o sol.

15 Mas um dia, já cansado, o crocodilo percebeu que não podia continuar. E como a fome de novo apertasse, não encontrou solução que não fosse comer o rapaz. Antes, porém, decidiu consultar outros animais, a fim de aliviar a consciência. E todos, da baleia ao macaco, o censuraram, fazendo-lhe ver como seria ingrato para quem o ajudara.

Arrependido dos seus pensamentos, o crocodilo seguiu caminho, com o rapaz sempre às costas e sem perder o sol de vista. Quando as forças já o abandonavam, ainda pensou em dar meia volta e regressar. Mas de repente sentiu o corpo aumentar de tamanho e transformar-se em terra e em pedra. Rapidamente se converteu numa ilha verde, cheia de montes, florestas e rios.

20 O rapaz caminhou então por aquela bonita ilha e deu-lhe o nome de Timor, que em língua malaia quer dizer Oriente. E é por isso que Timor tem a forma de um crocodilo.

João Pedro Mésseder e Isabel Ramalhete (reconto de), *Contos e Lendas de Portugal e do Mundo*

6 Atividade - Trabalho de Pesquisa

- Realiza uma pesquisa, em alguns jornais, de notícias sobre o aparecimento de crocodilos
- Redige uma notícia sobre o aparecimento de um crocodilo em terra (não te esqueças de identificar claramente a data e o local onde foi avistado o crocodilo, assim como indicar testemunhas oculares do ocorrido). Inventa um título apelativo para o teu texto.
- Procura, num Dicionário de Símbolos ou de Mitos, o significado simbólico do crocodilo e redige um pequeno texto onde sintetizes as ideias mais importantes nele incluídas.

7 Atividade

Se as versões anteriores partilhavam muitos elementos, incluindo a mesma estrutura narrativa e episódios afins, há outras versões que divergem consideravelmente, propondo visões alternativas para explicar os mesmos factos. Lê com atenção a versão que se segue e procura identificar as diferenças em relação às versões anteriores, assim como os elementos em comum. Que podes concluir da comparação dos textos?

A Ilha de Timor

- 1 Era um dia de chuva torrencial. No mar, as ondas eram altas e o vento soprava com violência. No meio daquele mar estava um jovem transportado pelas ondas.
- O jovem procurava desesperadamente salvar-se e, com o resto das suas forças, continuava a nadar abraçado às ondas! Já só lhe restava um pouco de coragem e alguma esperança. Ele queria sobreviver mas,
- 5 pouco a pouco, as suas forças iam desaparecendo e ele já só se deixava arrastar ao sabor das ondas.
- De repente, no meio de todo aquele pesadelo, apareceu, na sua frente, um crocodilo que simpaticamente lhe perguntou:
- Para onde vais?
- O jovem respondeu:
- 10 – Não sei! Estou quase a afogar-me... Já não aguento mais... Sinto-me completamente perdido!... Sem forças!
- O crocodilo teve pena do jovem e disse-lhe:
- Então vem comigo. Vou levar-te para terra!
- O jovem já muito cansado e quase sem vida aceitou o convite. Com muito esforço conseguiu deitar-se
- 15 em cima da cabeça do crocodilo e saíram por entre as ondas em busca de salvação. De tão cansado não sentiu mais nada... adormeceu profundamente. Quando, muitas horas depois, abriu os olhos descobriu que estava em terra firme. O crocodilo tinha desaparecido.
- Já de pé, sentiu-se voar um pouco acima da terra e, ao olhar para baixo, notou que o formato desta terra era semelhante ao da cabeça do crocodilo no meio do mar.
- 20 Por isso, o povo timorense acredita que a ilha de Timor é a cabeça do crocodilo.

Helena Marques Dias (dir.), *Lendas e Fábulas de Timor-Leste*

8 Atividade – Conto Tradicional e Conto Literário

Lê com atenção os excertos que se seguem:

O conto literário

1 A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário.

5 A voz do contador, seja oral ou seja escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões –, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório.

10 Estes recursos criativos também podem ser utilizados na passagem do conto oral para o escrito, ou seja, no registro dos contos orais: qualquer mudança que ocorra, por pequena que seja, interfere no conjunto da narrativa. Mas esta voz que fala ou escreve só se afirma enquanto contista quando existe um resultado de ordem estética, ou seja: quando consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a arte do conto, do conto literário. Por isso, nem todo contador de estórias é um contista.

15 Estes embriões do que pode ser uma arte só se consolidam mesmo numa obra estética quando a voz do contador ou registrador se transforma na voz de um narrador: o narrador é uma criação da pessoa; escritor, é já “ficção de uma voz”, na feliz expressão de Raúl Castagnino, que, aparecendo ou mais ou menos, de todo modo dirige a elaboração desta narrativa que é o conto.

20 Estes modos variados de narrar por vezes se agrupam, de acordo com alguns pontos característicos, que delimitam um gênero. Se apresentam algumas tantas características, podem pertencer a este ou àquele gênero: podem ser, por exemplo, romances, poemas ou dramas. Convém considerar que esta “classificação” também tem sua história. Há fases em que ela se acentuou: a dos períodos clássicos, por exemplo (a Antiguidade greco-latina, a Renascença) em que há para cada gênero um público e um repertório de procedimentos ou normas a ser usado nas obras de arte. E há períodos em que estes limites se embaralham, em que se dilatam as possibilidades de misturar características dos vários gêneros e atingir até a dissolução da própria idéia de gênero e de normas: é o que acontece progressivamente do Romantismo até o Modernismo.

O limite dos gêneros torna-se um problema. Lembre-se ainda que houve um tempo em que vários modos de hoje comungavam num mesmo gênero, sem especificações. Isto gera algumas confusões, que se refletem na terminologia. [...]

O conto maravilhoso

1 O conto, segundo a terceira aceção de Julio Casares, entendido como “fábula que se conta às crianças para diverti-las”, liga-se mais estreitamente ao conceito de estória e do contar estórias, e refere-se, sobretudo, ao conto maravilhoso, com personagens não determinadas historicamente. E narra como “as coisas deveriam acontecer”, satisfazendo assim uma expectativa do leitor e contrariando o universo real, em que nem sempre as coisas acontecem da forma que gostaríamos.

Este é o sentido que lhe atribui André Jolles, para quem o conto, ao lado da legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso memorável e chiste, é uma “forma simples”, isto é, uma forma que permanece através dos tempos, recontada por vários, sem perder sua “forma” e opondo-se, pois, à “forma artística”, elaborada por um autor, única, portanto, e impossível de ser recontada sem que perca sua peculiaridade.

10 Este conto, segundo Jolles, não pode ser concebido sem o elemento “maravilhoso” que lhe é imprescindível. As personagens, lugares e tempos são indeterminados historicamente: não têm precisão histórica. Lembre-

-se do “Era uma vez...” que costuma iniciar contos deste tipo. E o conto obedece a uma “moral ingênua”, que se opõe ao trágico real. Não existe a “ética da ação”, mas a “ética do acontecimento”: as personagens não fazem o que devem fazer. Os acontecimentos é que acontecem como deveriam acontecer. Este conto 15 é transmitido, oralmente ou por escrito, através dos séculos. Porque pode ser recontado com “as próprias palavras”, sem que o seu “fundo” desapareça. Pelo contrário, qualquer um que conte o conto manterá a sua forma, que é a do conto e não a sua, que é uma “forma simples”. Daí o conto ter como características justamente esta possibilidade de ser fluido, móvel, de ser entendido por todos, de se renovar nas suas transmissões, sem se desmanchar: caracterizam-no, pois, a mobilidade, a generalidade, a pluralidade.

Nádia Battella Gotlib, *Teoria do conto*

A narrativa, aqui entendida como relato de uma ação decorrida numa determinada sequência temporal, tem uma importância determinante na forma como os seres humanos apreendem o mundo e se compreendem a eles próprios. As narrativas, sob diferentes formas (contos de fadas, histórias de aventuras, biografias, histórias policiais, ficção científica, banda desenhada, ou outras), são uma presença constante no quotidiano do homem, revelando-se como formas que, desde tempos imemoriais, permitiam a organização e elaboração do conhecimento, assim como a sua partilha e manutenção ao longo de gerações, em culturas onde apenas a oralidade existia como possibilidade de comunicação.

No âmbito da forma narrativa, tem-se revelado particularmente produtivo um género literário específico conhecido pela designação de conto. Na sua versão tradicional, a sua origem perde-se no tempo, ainda que seja sobretudo a partir do século XIX que tenha reconhecimento enquanto género culto autónomo. O conto literário – também designado como conto de autor – encontra as suas raízes no conto tradicional, cuja transmissão era feita oralmente e em circunstâncias particulares. Talvez seja a sua origem, bem como a sua aceitação relativamente tardia enquanto género literário, além da sua brevidade, que explicam o facto de ainda hoje, por alguns, ser injustamente considerado um género menor.

O conto literário herda algumas das características principais do conto popular, uma vez que, inclusivamente, os orientam os mesmos objetivos de captar e manter a atenção do leitor/ouvinte, das quais se destacam a linearidade e a simplicidade (condensação) da ação; a concentração e/ou redução do tempo e do espaço; limitação do número de personagens; intensidade narrativa e unidade de efeito.

As principais diferenças residem na alteração radical do contexto da narração, uma vez que a atividade de contar histórias exigia a copresença do contador e do(s) ouvinte(s), além da interação cúmplice entre ambos. O conto literário foi evoluindo e abandonou a condição de género menor, ganhando um estatuto próprio e uma autonomia considerável. Nos nossos dias, assistimos mesmo a uma notável expansão do género, já que são inúmeros os autores consagrados que produzem contos, que são publicados com grande sucesso. Além disso, os próprios estudos literários consagram-lhe cada vez mais atenção, havendo estudiosos que se lhe dedicam inteiramente. As principais alterações que o conto contemporâneo revela têm a ver com:

- a) - a introdução de microações que quebram a linearidade da intriga;
- b) - a existência de finais abertos ou inconclusivos;
- c) - o pendor intimista e reflexivo do conteúdo;
- d) - as variações na velocidade narrativa com a introdução quer de pausas descritivas, quer de momentos de reflexão do narrador.

8.1 A partir dos excertos, procede à caracterização do conto tradicional. Ilustra esses traços distintivos com exemplos retirados dos textos já estudados.

8.2 Procura contactar algum contador de histórias que conheças e procede à recolha e transcrição de alguma lenda (ou sua tradução para português, no caso de a história ser narrada em outra língua).

8.3 Observa com atenção a forma como a história é contada, nomeadamente os gestos e expressões do contador, as variações de tom de voz e de ritmo, entre outros fatores. Que podes concluir acerca da importância dessas estratégias auxiliares na literatura oral?

9 Atividade – Versões literárias de contos tradicionais

O contacto com a tradição influencia os escritores e inspira-os a escrever novas versões dos textos que ouviram contar muitas vezes. Lê com atenção os dois textos que se seguem, da autoria de dois dos mais importantes escritores timorenses, Fernando Sylvan e Luís Cardoso, e procura identificar neles características do conto literário.

O crocodilo que se fez Timor

1 Disseram, e eu ouvi, que desde há muito séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não era só pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

5 O pântano, é de ver, é o pior lugar para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.

Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.

Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que ia valendo ao crocodilo era ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava, conversava... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe.

10 De qualquer maneira, conversar assim, isoladamente, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para a refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquinhos, cães...

Muitas vezes, exclamava para si próprio:

15 – Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!

– Tem paciência, tem paciência... – dizia a si próprio.

– Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo – recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia

20 levantar a cabeça e abrir a boca.

– Tenho que sair deste lugar, e procurar caça mais além...

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto de suas forças e ia ficar, ali, assado.

25 Foi nesta altura que passou pelo sítio um rapazinho vivaz que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

– Que tens, Crocodilo, ha!, como tu estás?! Tens as pernas partidas, caiu-te alguma coisa em cima?

– Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro.

- Respondeu o rapazinho:
- 30 – Se é só por isso, posso ajudar-te – e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano.
- No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava a ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.
- Este rapazinho deve ser mais saboroso do que o que provei e vi em toda a minha vida – e imaginava-se
- 35 a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo e, depois, devorá-lo.
- Não sejas ingrato – diz-lhe o outro com quem ele conversa e era ele mesmo.
- A fome tem seus direitos.
- Isto é verdade, mas olha que trair um amigo é um ato indigno. E, este, é o primeiro amigo que tens.
- Então, vou deixar-me ficar na mesma, e morrer à fome?
- 40 – O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha, e procura alimento.
- Isso é verdade...
- E quando o rapazinho o pousou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda e disse-lhe:
- 45 – Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo...
- Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que mais há por esse mar a fora.
- Sonho... falaste em sonho? Sabes, eu também sonho... – arrematou o crocodilo.
- 50 Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado comê-lo. E ainda bem.
- Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...
- Ouve, Crocodilo, o meu sonho não passou e eu não aguento mais cá dentro.
- 55 O prometido é prometido... Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo, Rapazinho. Queres, agora mesmo, ir por esse mar afora?
- Isso, só isso, Crocodilo.
- Pois eu, agora, também. Vamos então.
- Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa
- 60 canoa, e partiram para o alto mar.
- Era tudo tão grande e tão lindo!
- O mais surpreendente para os dois era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos de onde as árvores e as montanhas lhe acenavam. E as nuvens também. Não sabiam se eram mais bonitos
- 65 os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.
- Ouve-me, Rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou...
- O meu não vai acabar.
- Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas
- 70 sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa ilha carregada de montes, de florestas e de rios.

Fernando Sylvan, *Cantolenda Maubere-Hananuknanoik Moubere – The legends of the Moberes*

O Crocodilo fez-se Ilha

“Ali também Timor que o lenho manda
Sândalo salutífero e cheiroso”

Camões

1 Nunca tinha chovido tanto e de uma só vez naquelas paragens. Como se a monção viesse para nunca mais voltar. As águas subiram, inundaram a terra, aproximaram-se dos céus onde deixaram sementes de *caleic* (Entada Scandens) germinando trepadeiras, amarrando o mar e a terra ao infinito. Foi o tempo em que tudo se ligou. Uma bola completamente azul pendurada no firmamento rolando no tempo. Os seres

5 misturavam-se e percorriam lugares outrora restritos apenas a alguns. A água fizera o que os homens alguma vez ousaram, diluindo as fronteiras terrestres. Não havia classificação consoante os locais onde habitavam ou de acordo com os seres que digeriam. Eram todos iguais e celestiais, terrenos e marítimos.

Mas foi chuva de pouca dura. O caos e a desordem aproximavam os naturais dos sobrenaturais. A época das chuvas terminou sem ter dado antes um sinal do seu fim próximo. Repentinamente. O mar arrastou-se

10 para os seus limites. Como uma esteira líquida que se dobra. O céu separou-se pelo sopro do vento em busca da extensão dos mares. Uma trepadeira unia a abóbada celestial ao umbigo da terra resistindo à separação do espaço único. Por ela trepavam os mortos e desciam os iluminados. Depois partiu-se com o peso dos mortos e pela fúria dos iluminados. Voltou tudo a ficar com as suas fronteiras definidas. O céu, o mar e a terra separados como antigamente.

15 Os crocodilos antes do dilúvio viviam no mar e nas extensões das águas que entravam pela terra dentro. Foram os que mais se aproximaram da divindade. No fim da estação das chuvas, quando as águas começaram a secar, todos os animais, movidos pelo instinto de sobrevivência foram recuando para os seus anteriores nichos. Os pequenos crocodilos, movediços e irrequietos, sentindo que o mar se encurtava cada vez mais, foram deixando os locais por onde tinham andado em busca de alimentação mais condimentada que não

20 fosse apenas peixe, barbatanas e espinhas. Mas aquele velho crocodilo, que nunca se tinha aventurado para além das poças de água, onde esperava os incautos transeuntes, mostrava-se renitente em abandonar aquele recanto da terra onde corriam cabrito, porco, cão, veado, búfalo e homem. A prole bem tentou demovê-lo dessa teimosia quase divina. Já não queria mais regressar para o seu meio aquático. Por mais que insistissem, dizendo que em breve, com a seca, morreria de calor e com fome, tencionava ficar. Dizia ser a

25 natureza o seu melhor aliado, que com ele sempre fora benevolente. Mais do que os da sua espécie que se devoram a si mesmos. Com tal argumento convenceu-os a irem-se embora. Era a sabedoria acumulada ao longo do tempo. O clã entendeu a sua atitude como sendo um sinal da sua senilidade e a resignação ao fim próximo. Há um momento único no tempo de cada um para decidir a forma mais digna de se ausentar. Um grande sáurio arrasta-se no chão mas nunca no tempo. Os pequenos choraram antecipadamente lágrimas

30 de crocodilo pelo fim do progenitor. Como não estava nenhum outro animal presente, eram genuínas as lágrimas choradas. Arrastaram-se para o mar e o velho crocodilo foi ficando cada vez mais distante e abandonado.

O sol incidiu raios a pique chicoteando a terra. O velho crocodilo sentiu a falta de água. Sufocava. Suava por toda a pele para refrescar o seu corpo. Perdera as forças nas patas e mal aguentava o seu tamanho

35 quando pretendia arrastar-se. Os abanões da cauda nem davam para assustar as moscas zumbindo em seu redor. E por fim chegou a fome. Essa velha senhora que o atiçava a atirar-se contra tudo o que se movia. E nada se movia à sua frente. Nunca passara por tão difícil provação. Chorou com pena própria culpabilizando-se por ter esse espírito rabugento e teimoso não lhe permitindo seguir recomendações dos mais novos considerando-os como sendo imaturos e de geração espontânea. Fez então a sua introspeção como forma

40 de atenuar o seu sofrimento e ter um fim de um verdadeiro ancião réptil. Quando era líder gostava de pregar partidas aos seus correligionários deixando-os nos caminhos por onde se cruzavam os caçadores de peles para enfeitar a vaidade humana. E como depois matava os mais fracos para treinar as suas potentes mandíbulas em exercício de terrificação e desta forma reivindicar um território onde só cabia o seu estatuto especial. E como chorava a valer para chamar a atenção dos transeuntes, mostrando piedade pelas lágrimas

45 julgando serem verdadeiras e ele depois os matava a sangue-frio, às vezes a quente para saciar os seus

apetites carnais.

Viu então desenharem-se, no horizonte nublado dos seus olhos, vultos de animais que se aproximavam atraídos pelo cheiro da morte de um velho tenebroso. Em rodopio de dança fúnebre e algazarra. Eram cabritos, faziam mé-mé e passavam ao lado. Eram macacos, saltitavam, mostravam os dentes e a língua e passavam ao lado. Eram veados, javalis e homens. Por mais que lamentasse a sua sorte e jurasse comendo areia quente, ninguém o socorreu.

Titi procurava pelos pais depois da descida das águas. Na sua inocência, sem saber distinguir o falso do verdadeiro das lágrimas, perguntou-lhe se precisava de ajuda.

– Leva-me até ao mar. Prometo entregar-te aos teus pais! – rogou o crocodilo com voz de finada.

Triste com a sorte alheia mais do que com a própria, aproximou-se. Vendo-o quase desfalecido pensou somente em salvá-lo. “A vida de quem quer que seja deveria ser tida em conta para além dos seus atos” – pensou. Um pensamento grande de mais para as suas pequenas forças. Havia uma desproporção entre o peso do colosso moribundo e a potência dos seus inexistentes músculos dos braços. Os olhos do crocodilo já não choravam. Titi foi buscar as cordas da trepadeira e enrolou-as ao longo do corpo daquele que encarnava o horror sobrenatural. Puxou, mas nem um passo adiante. Faltavam-lhe mais forças para arrastar o peso do quase morto. Foi pedir ajuda, mas o silêncio dos vingadores apenas foi quebrado pela voz irritante do mandatado macaco:

– Que morra aquele que tanto mal nos fez!

Assustou-se com a resposta. Mas não desanimou. Lembrou-se daquele búfalo bravo que amansara, para tomar conta dela. Um guardava a outra. Pediu-lhe para a ajudar a pôr um velho moribundo no mar. Quando chegaram ao local, o búfalo franziu os olhos, levantou as sobranceiras e deu uma cornada no ar soltando espumas brancas pela boca de raiva. Parecia o mar revoltado.

– Não, tudo menos isso! Ele devorou metade da minha família e também os teus pais! – gritou irritado.

E com tamanha indignação que o seu corpo parecia multiplicar-se numa manada de búfalos prontos para a vingança.

Titi não teve outra alternativa senão voltar para junto do crocodilo e lamentar a sua morte. Preparava um canto fúnebre para consolar o espírito do moribundo quando uma luz lhe iluminou o pensamento. “Ninguém deve morrer fora do local onde nasceu. Por onde se nasce por onde se morre.” Foi ter com o seu guardador e argumentando dessa forma foi ajudada. O búfalo só deu pelo engano quando o crocodilo, dentro de água, começou a revitalizar as suas forças. Afinal a terra do crocodilo era a água e esta fazia-o renascer. O morto fez-se vivo. O búfalo estava magoado com a menina. Esta traíra a sua amizade. Depois, condescendente, deslizou a sua acusação para o instinto maternal. Dela e da água. Às vezes a maternidade, na sua luxúria, gerava a bestialidade.

Foi-se embora. Voltou a ser bravo. A única condição que lhe garantia respeito e sobrevivência.

O crocodilo, vendo o desfecho de uma amizade desfeita, quis recompensar a sua salvadora pela perda de um amigo, prometendo ser ele o verdadeiro. Não era tão traiçoeiro como a fama das suas lágrimas.

– Pula para o meu dorso. Eu te levo a conhecer os mares – disse o crocodilo, com voz paternal.

Levada pelo encanto de conhecer as profundidades dos oceanos e pelo remorso de ter traído o seu amigo pulou para as placas do grande sáurio. E sem a vigilância dos olhos dos outros animais e a coberto da distância e da escuridão da noite que com ela trazia os instintos escondidos da natureza de cada um, ele tencionava comer aquela criança, salgada e temperada pelos ares do mar. A lei da natureza predominava sobre a moral. Está na natureza do crocodilo devorar a sua caça. Mas as forças dos seus músculos foram-se esgotando na jornada. Sentiu que o seu fim chegava. Não conseguiu mexer as patas nem mesmo a cauda. Encalhou no seu destino. Rendido à evidência da morte, quis a grandiosidade. As suas patas alongaram-se e cravaram bem fundo nos corais. O corpo distendeu-se e as placas ganharam elevação, surgindo florestas, colinas e ravinas, planaltos e planícies. Uma voz surgiu então do ventre do ainda crocodilo quase terra:

– Sou velho e vou morrer. Tu és linda. Serás mulher e cuidarás de mim e das florestas de árvores de sândalo. Brevemente chegarão príncipes. Uns em busca da tua beleza, e outros do cheiro do sândalo salutar e cheiroso.

Luís Cardoso, *Revista Camões*, nº 1 (*Pontes Lusófonas*), 1998.

9.1 Depois de teres lido todas as versões aqui apresentadas, procura detetar os elementos que existem em comum entre todas elas. Qual a sua relevância narrativa e simbólica?

9.2 Identifica, igualmente, os elementos presentes nos textos que pertencem à cultura timorense e reflete sobre a sua importância e significado.

10 Atividade

O texto seguinte, de Xanana Gusmão, retoma elementos da lenda estudada, propondo a aproximação de Timor-Leste à imagem do crocodilo.

Avô Crocodilo

1 Diz a lenda
e eu acredito!

O sol na portinha do mar
abriu os olhos
5 e espraçou os seus raios
e traçou uma rota

Do fundo do mar
um crocodilo pensou buscar o seu destino
e veio por aquele rasgo de luz

10 Cansado, deixou-se esticar
no tempo
e as suas crostas se transformaram
em cadeias de montanhas
onde as pessoas nasceram
15 e onde as pessoas morreram

Avô crocodilo

– diz a lenda
e eu acredito!
é Timor!

Xanana Gusmão, *Mar Meu* (escrito na prisão de Cipinang a 8 de outubro de 1995)

10.1 Explica, por palavras tuas, o significado do título do poema.

10.2 Qual é o tema principal do texto? Justifica a tua opinião.

10.3 Identifica marcas de narratividade presentes no poema.

10.4 Como entendes a referência ao sol logo no início do poema?

10.5 Justifica a estrutura circular que caracteriza o texto.

11 Atividade – Texto ensaístico

Esta narrativa (e as suas múltiplas versões e variantes) já deu lugar ao estudo e à reflexão sobre o seu significado simbólico e sobre a sua relação com as culturas dos povos timorenses. Um desses estudos, apresentado sob a forma de um ensaio, é da autoria do Padre José Câncio da Costa Gomes. Neste excerto, podes encontrar uma leitura possível da lenda, à luz da própria história de Timor-Leste.

Um Provável Pacto Tribal

1 Na minha opinião, devemos compreender a Lenda do Crocodilo num contexto de relação tribal. A competição tribal e a negociação de paz eram populares na Ilha de Timor até décadas mais recentes. Muito provavelmente, aí havia competições de poder quer por guerra quer por palavras de algumas figuras carismáticas. Considero que a Lenda do Crocodilo demonstra uma referência muito forte para a última
5 hipótese. Se houvesse conflitos, então sempre tinha havido solução, com aliança para a paz comprometida, sob juramento de sangue, num lugar sagrado ou no santuário. (...) Hoje, muitas pessoas nas regiões mais remotas, como mencionei anteriormente, ainda consideram os pactos da paz ou juramentos feitos pelos seus antepassados como relevantes.

10 Nesta lógica, aparecem elementos comuns que caracterizam os timorenses. (...) Normalmente, a sua confiança na autoridade é muito alta (incluindo respeito aos pais), e a coesão tribal é muito forte. Mas há sempre condições, em termos de confiança, que causam inconsistência na sua relação horizontal. O seu comportamento e a sua maneira de reagir dependem daquelas atitudes mentais, que formam a sua maneira de ser.

15 A Lenda popular aparece como o retrato de um juramento entre dois rivais identificados: o Rapaz e o Crocodilo. (...) O Rapaz encontrou o Crocodilo no mar e aí começava a interação entre os dois. O encontro orienta-se para uma aliança harmoniosa entre ambos. O Crocodilo, por natureza, tinha força que podia derrotar o Rapaz, mas a bondade do Rapaz dominava-o. A lenda continua a afirmar que, de repente, o Rapaz se transformou num Homem forte. É interessante saber que, aqui, um homem forte significa uma pessoa madura que tem autoridade sobre os outros. Noutro lado, o Crocodilo morreu e, então, transformou-se
20 numa Ilha (a terra) que deu a vida para o Homem. Essa lenda também reflete a crença tradicional timorense sobre comunhão entre a natureza e os humanos.

José Câncio da Costa Gomes, *Uma versão analítica sobre a lenda crocodilo de Timor* (adaptado)

11.1 Identifica a tese principal do autor sobre o significado da lenda.

11.2 Enumera dois dos principais argumentos do autor para justificar esta sua interpretação.

11.3 Que significados simbólicos atribui o autor do texto às duas personagens principais?

11.4 Como interpreta o conflito latente entre os dois protagonistas?

11.5 Na última frase deste excerto, o autor avança com outra possibilidade de interpretação da lenda, mas não a desenvolve. Identifica essa leitura e, num texto breve e cuidado, procura explicar o seu sentido, apresentando argumentos que sustentem essa opinião.

12 Atividade - Entrada do Dicionários do Simblos

Lê com atenção a seguinte entrada do *Dicionário dos Símbolos*, relativa ao crocodilo:

CROCODILO

Cosmóforo ou portador do mundo, divindade noturna e lunar, senhor das águas primordiais, o crocodilo, cuja voracidade é a da noite* que devora todos os dias o Sol, apresenta, de uma civilização ou duma época a outra, muitas das inumeráveis facetas desta cadeia simbólica fundamental que é a das forças senhoras da morte e do renascimento. Se ele é temível, é porque a força que ele exprime, independentemente de qualquer fatalidade, é inelutável, como a noite para que volte o dia, como a morte para que volte a vida.

O Ocidente retém do crocodilo a sua voracidade, mas faz dele sobretudo um símbolo de duplicidade e de hipocrisia. Na mitologia chinesa, o crocodilo é o inventor do tambor* e do canto; desempenha, portanto, um certo papel no ritmo e na harmonia do mundo; conhece-se também um crocodilo que produz um brilho de luz. As lendas cambojanas também relacionam o crocodilo com o brilho duma gema e dum diamante. Em todos estes casos, estamos novamente no simbolismo do relâmpago, tradicionalmente associado ao da chuva*.

Porque o crocodilo está naturalmente em relação com a água, seja ele a produzi-la ou a reinar sobre ela. Ele é, na Índia, a montada do mantra Vam, que é a semente verbal da Água. A iconografia nem sempre o distingue do makara*, *montada* de Varuna, que é o *Senhor das Águas*. Nas lendas e nas conceções populares do Camboja, o rei da terra e das águas não é o nâga de Angkor, mas o seu homófono e homólogo exato, o nâk, que é o crocodilo. O asura Bali, o Kron Pali cambojano, *senhor da terra*, é um crocodilo.

A *bandeira do crocodilo*, utilizada no Camboja nos ritos funerários, também está relacionado com a lenda do Kron Pali. Lembra, em todo o caso, que Pali reina sobre o mundo inferior, o que é preciso relacionar com a atribuição do crocodilo ao Seth egípcio (o Tifon grego), *símbolo das trevas e da morte*. O crocodilo está, aliás, ligado ao reino dos mortos em numerosos países da Ásia (DANA, GRAD, GUES, PORA, SOUN).

Para os Pueblo-Mistecas e para os Astecas (antigo México), a terra nasceu dum crocodilo que vivia no mar original. No Códice Bórgia, o crocodilo está representado como símbolo da terra (KRIR, 62). O Crocodilo da casa dos jatos de água é também um dos nomes dados num manuscrito do Chilam Balam ao Dragão Celeste que vomitará o dilúvio no fim do mundo.

Na versão maia da gênese, o grande crocodilo original transporta a terra sobre o seu dorso, num búzio*.

Divindade ctoniana, aparece muitas vezes como

substituto do grande Jaguar*, senhor dos mundos subterrâneos. Nesta qualidade, é frequentemente associado aos nenúfares*.

Símbolo de abundância, de dominante lunar, é muitas vezes representado na glíptica maia com o signo *u* (signo da lua) sobre a cabeça, donde brotam os nenúfares ou rebentos de milho. Noutros sítios, as plantas saem diretamente do seu nariz, feito de conchas*. Ele vela, na mitologia maia, nas extremidades dos quatro caminhos, como faz o jaguar entre os Astecas. Neste caso, ele é frequentemente bicéfalo e pode ser substituído por serpentes ou lagartos (THOH). A associação, na glíptica maia, do crocodilo e de uma mandíbula aberta sublinha ainda o parentesco com o jaguar, mandíbula da terra a devorar o Sol. A associação crocodilo-mandíbula é universalmente relacionada com o seu papel iniciático.

Em numerosos mitos índios da América do Sul, o crocodilo aparece também como um substituto do jaguar, expressão das forças ctonianas. Tem, geralmente, por antagonista, a tartaruga (LEVC). A complementaridade jaguar-crocodilo cobre a dos elementos fogo e água, de que eles são os avatares, ou os senhores.

Para os Melanésios, o crocodilo-antepassado, fundador da quarta classe social, a última em data, tem igualmente a serpente por substituto (MALM).

Em mais lado nenhum aparece tão bem como na sociedade Poro da Libéria o seu profundo significado iniciático. Para a celebração destes ritos de circuncisão os jovens, chamados a tornarem-se assim adultos, desaparecem na floresta para um retiro que pode durar quatro anos. Diz-se então que estão mortos, devorados pelo Poro ou *espírito-crocodilo*. Acredita-se que estão a sofrer uma nova gestação, no fim da qual, se não morrerem, o que por vezes acontece, são *rejeitados* por Poro depois de terem perdido o seu prepúcio. Diz-se então que nascem mais uma vez, trazendo cicatrizes que são a marca dos dentes de Poro – o que não deixa de fazer lembrar a ideia da *vagina dentada*. Um doente do Dr. Abraham, sublinha Bruno Bettelheim ao comentar este costume, comparava a vagina às mandíbulas dum crocodilo, o que indica que na nossa época, os Ocidentais podem produzir fantasmas análogos. (BETB, 140).

Na mitologia egípcia, o crocodilo Sobek, que assiste avidamente à psicostasia*, é o *Devorador*. Engole as almas que não puderem justificar-se e que serão apenas lixo no seu ventre. Mas para a sua travessia com os rebanhos, os *guês* recorriam a diversos processos mágicos a fim de evitar o crocodilo; ele era até cantado, por zombaria sem dúvida, como o *Encanto das Águas*. Foram-lhe erguidos templos, contudo, na região dos lagos; uma cidade foi-lhe dedicada: Cro-

codilopolis. *Erguido das águas primordiais*, ele foi invocado como o *toro dos touros*, *grande ser macho*, deus da fecundidade, ao mesmo tempo aquático, ctoniano e solar. Viam-no, com efeito, sair das ondas, como o Sol pela manhã, e devorar os peixes, considerados inimigos do Sol. Domesticavam-se crocodilos sagrados, que eram enfeitados com joias (POSD. 71).

Noutras regiões do Egito, eles eram, pelo contrário, considerados como monstros. Os hieróglifos traduzem esta diversidade de sentimentos e de crenças, ao mesmo tempo que dão disso uma explicação pelo menos parcial: os olhos do crocodilo indicam o nascer do dia; a sua goela, um assassinio; a sua cauda, as trevas e a morte.

Para Plutarco (*Ísis e Osíris*,75), o crocodilo seria um símbolo da divindade. Mas as razões que ele invoca são as mais fracas da hermenêutica sagrada: *Ele não tem língua; ora, a razão divina não tem necessidade de palavras para se manifestar. É o único animal que, vivendo no meio das águas, tem os olhos cobertos por uma membrana leve e transparente: ele vê sem ser visto, privilégio do primeiro dos deuses. Os crocodilos produzem sessenta ovos que levam outros tantos dias para eclodir. A sua vida dura também, no máximo, sessenta anos. Ora, o número sessenta é o primeiro que os astrónomos utilizam nos seus cálculos.*

Na Bíblia, o crocodilo, sob o nome de Leviatã*, é descrito como um dos monstros do caos* primitivo (*Job*, 40, 25; 41, 26).

Foi, aliás, esta imagem que prevaleceu nos sonhos, pelos menos dos Ocidentais: *o crocodilo assemelha-se ao dragão quanto ao seu significado, mas encerra uma vida ainda mais antiga, mais insensível, capaz de destruir impiedosamente a do homem. É um símbolo negativo, pois exprime uma atitude sombria e agressiva do inconsciente coletivo* (AEPR, 275).

A sua posição intermediária entre os elementos terra e água faz do crocodilo o símbolo das contradições fundamentais. Ele agita-se na lama, donde sai uma espécie de vegetação luxuriante: neste aspeto, ele é o símbolo da fecundidade. Mas ele devora e destrói, saindo de repente das águas e dos juncos: sob este aspeto, ele é o demónio da maldade, o símbolo de uma natureza viciosa. Fecundidade, crueldade, é a imagem da morte e desempenha por vezes um papel de psicopompo: os defuntos eram por vezes representados no Egito sob a forma de crocodilos. Parece-se com os grandes hidrossáurios pré-históricos e com os dragões das lendas: sob este aspeto, ele é o senhor dos mistérios da vida e da morte, o grande iniciador, o símbolo dos conhecimentos ocultos, a luz alternadamente eclipsada e fulminante.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*

12.1 Identifica o elemento mais assiduamente associado ao crocodilo e explica a razão desta associação.

12.2 Qual das leituras aqui apresentadas se aproxima mais do universo simbólico timorense? Justifica a tua opinião.

12.3 De acordo com este texto, parece-te plausível considerar que o crocodilo é um símbolo universal? Justifica.

12.4 Consulta outro dicionário de símbolos ou faz uma pesquisa na internet, de modo a apurar outros valores simbólicos do crocodilo.

12.5 Com base nos teus conhecimentos e nos textos que já estudaste, redige um pequeno parágrafo sobre o significado simbólico do crocodilo em Timor-Leste, para acrescentar à entrada deste Dicionário.

13 Atividade – Textos teóricos sobre o conto

Os excertos que te apresentamos em seguida refletem sobre alguns elementos relativos ao conto. Procuram defini-lo e apontar-lhe as suas principais características, estabelecem relações de diferenciação e de proximidade com outros géneros, averiguam a sua génese e delineiam algumas linhas genéricas para o seu estudo. Ao propor a leitura e análise destes textos neste momento, pretende-se possibilitar e promover uma reflexão-síntese, de índole mais teórica, a partir da leitura e da análise das narrativas já estudadas, tomando-as como ilustração de algumas das noções aqui presentes. Elabora um resumo das ideias principais que caracterizam o conto.

1 Costuma-se definir o conto como um género narrativo de menor extensão sintagmática do que a novela e o romance, com os quais é normalmente comparado em vários dos seus fatores. A extensão não é um critério suficiente, mas favorece outras características.

5 A ação é una e linear, tende à concentração dos eventos e não permite a inserção das intrigas secundárias que são desenvolvidas na novela ou no romance.

O elenco de personagens é reduzido, centrando-se geralmente numa só personagem, que dá unidade ao conto. As personagens tendem a ser planas (...). A tendência sintética do conto dificilmente permite a complexidade e a imprevisibilidade que se projetam na temporalidade relativamente longa vivida pela personagem redonda, de forma a revelar os seus conflitos e alterações psicológicas.

10 Embora o conto possa referir um tempo diegético alargado, os principais eventos concentram-se num espaço de tempo muito breve, privilegiando o presente. (...) O tempo é organizado de forma económica, predominando o sumário e a elipse. Raramente se institui a pausa descritiva e a frequência mais utilizada é de tipo singulativo, relatando-se uma vez, geralmente no pretérito perfeito ou no presente histórico, o que aconteceu uma vez. Predomina a cena dialogada, também chamada de processo de *showing* pela crítica de língua inglesa. É o diálogo que faz avançar a ação, implicando o pouco desenvolvimento da narração, da descrição e da dissertação. O conto é, assim, pouco propenso às digressões.

15 O espaço em que se movem as personagens é também de âmbito restrito, em consonância com os eventos pouco diversificados que nele ocorrem, permitindo uma maior concentração geográfica e diegética.

Maria Saraiva de Jesus, *Antologia do Conto Realista e Naturalista*

1 O conto tem raiz na tradição oral sendo reconhecido literariamente como género narrativo já muito tardiamente, no início do século XIX (...). O relato do conto ocorria em geral em ambiente comunitário, ao serão, necessitando o contador de não enfadar o seu ouvinte, optando por uma linearidade de ação, com vista a uma mais fácil veiculação da moralidade pretendida. Essa linearidade de ação obriga-o a obedecer a uma série de exigências formais como um tempo e espaço reduzidos e um número de personagens também

5 reduzido, de maneira a facilitar o empenho, por parte do alocutário heterogéneo (...).

O conto literário herdou algumas dessas condicionantes e exigiu transposições necessárias à adaptação. (...) O contador transforma-se em contista e o ouvinte em leitor, exigindo esta transformação as adaptações decorrentes da configuração por parte do contista a determinados “modelos de escrita” e por parte do leitor a determinados “horizontes de espera”. O modo literário que recebe e adapta o conto oral é o

10 narrativo e o conto vai conviver com outros géneros deste modo. Assim se compreende que muitas vezes as fronteiras delimitadoras dos géneros imbriquem umas nas outras e apresentem uma certa miscigenação de propriedades discursivas, revelando uma certa dificuldade de obediência, por parte do contista, às unidades de tempo, espaço, personagens e ação (...).

15 O conto literário aparece, assim, difícil de conceituar devido a esta inserção no modo narrativo. No entanto, ele mantém algumas propriedades configuradoras da sua individualização como género deste modo: a curta extensão sintagmática, o teor moralizante de uma história fechada com princípio, meio e fim, de modo a não deixar ao leitor caminhos abertos para interpretações divergentes, a concentração de espaço,

tempo, e reduzido número de personagens. Em alguns casos, verificam-se certas alterações em relação a estas componentes do conto tradicional, nomeadamente no que se refere à linearidade de ação, que muitas vezes apresenta uma sequência de micro-ações, e à introdução de velocidades narrativas próprias de outros géneros, como por exemplo a pausa descritiva.

Henriqueta Maria Gonçalves e Maria da Assunção Morais Monteiro, *Introdução à Leitura de Contos de Eça de Queirós*

1 Originariamente, o termo conto significava qualquer história ou narração breve, especialmente aquelas que tratassem de acontecimentos lendários, extraordinários e fortemente imaginativos. Hoje, dá-se o nome de conto a uma narração relativamente curta, destinada a produzir um único efeito dominante e na qual se contêm elementos dramáticos. A ação de um conto concentra-se numa só personagem, numa só situação e num só momento. Ainda quando não preencha todas estas condições, o conto obedece sempre a uma regra de unidade. Um bom conto deve conter uma personagem (ou um grupo de personagens), apresentada num certo ambiente e envolvida, física ou espiritualmente, numa situação de conflito. O conflito dramático – a colisão de forças opostas – constitui a essência de todos os contos.

Harry Shaw, *Dicionário de Termos Literários*

1 O conto enraíza-se em ancestrais tradições culturais que faziam do ritual do relato um fator de sedução e de aglutinação comunitária: das narrativas das *Mil e Uma Noites* à encenação dos encantos da comunicação narrativa no conto “O Sésamo” de M. Torga, passando pelas jornadas do *Decameron*, pelas fábulas, pelos contos de fadas, etc., o conto esteve originalmente ligado a situações narrativas elementares: nelas, um narrador, na atmosfera quase mágica instaurada pela expressão “Era uma vez...”, suscitava, num auditório fisicamente presente, o interesse por ações relatadas num único ato de narração e que não raro tinham, para além dessa função lúdica, uma função moralizante. Pode dizer-se que o conto literário herdou algumas dessas dominantes pragmáticas: exemplifique-se no que à mencionada função moralizante diz respeito com o título *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner, de certo modo herdeiros, no que toca à “exemplaridade”, dos *Contos e histórias de proveito e exemplo* (1575) de Gonçalo Fernandes Trancoso. Pode dizer-se também que estas raízes socioculturais são remotamente responsáveis por uma certa subalternização que pode afetar o conto, em confronto com o romance, género que se reclama de uma cultura regida pela díade escrita/leitura, com tudo o que ela implica, e já não da oralidade que muitas vezes preside ao conto popular.

Carlos Reis e Ana Cristina Macário Lopes, *Dicionário de Narratologia*

14 Atividade

Num registo completamente diferente, o texto que se segue corresponde ao verbete de uma entrada de enciclopédia e visa divulgar conhecimento zoológico geral sobre o crocodilo.

Crocodilo

1 Réptil da ordem dos crocodilos e da família Crocodylidae que são os verdadeiros crocodilos. Os crocodilos constituem uma das quatro ordens de répteis atuais, testemunhos da deslumbrante fauna que povoou a Terra no Mesozoico. Os atuais crocodyliformes (ordem Crocodyliformes ou crocodilos) são os sobreviventes representantes da linhagem dos arcossauros que originaram a grande radiação de dinossauros e seus parentes e das aves no Mesozoico. Todos os crocodilos atuais fazem parte de uma linhagem que se iniciou no fim do período Cretácico, diferindo muito pouco nos detalhes estruturais dos crocodyliformes primitivos do início do Mesozoico. Os crocodilos atuais estão divididos em três famílias: os Aligatoridae que incluem os aligatores e os caimões,

um grupo vivendo sobretudo no Novo Mundo; os Crocodilídeos ou
10 crocodilos que estão amplamente distribuídos e incluem o crocodilo
de água salgada, um dos maiores répteis vivos, e os Gavialídeos que
incluem os gaviais, representados por uma única espécie na Índia e
na Birmânia.

Todos os crocodilos (crocodilianos) têm um alargado e bem
15 reforçado crânio e maxilares maciços e musculares adaptados a
permitir uma grande e rápida abertura da boca e o seu eficiente
fecho. Os dentes, em número de 18 ou 19 de cada lado da maxila
superior e 15 na maxila inferior, estão implantados em alvéolos, um
20 tipo de dentição que era típico de todos os arcossauros bem como das primeiras aves. Outra adaptação que
não se encontra em nenhum outro vertebrado, exceto nos mamíferos, é um completo palato, que separa a
boca das fossas nasais. Esta inovação permite respirar quando a boca está cheia de água, ou alimentos, ou
ambos.



Os crocodilos verdadeiros podem atingir um comprimento superior a cinco metros e atingir um peso de
1000 quilos. Têm um focinho relativamente curto, com a superfície dorsal da cabeça irregular, sem cristas
25 bem definidas.

Os indivíduos que constituem a ordem dos crocodilos têm o corpo largo, cabeça grande e comprida
(os ouvidos, os olhos e orifícios nasais estão situados na parte superior da cabeça), mandíbulas poderosas,
providas de dentes cónicos implantados em alvéolos, quatro patas curtas que terminam em dedos com
unhas e membranas interdigitais. As costelas estão ligadas ao externo, a cauda é grande, pesada e comprida.
30 A pele grossa e coriácea, com escudos córneos, sendo os do dorso e abdómen retangulares e interiormente
reforçados por ossos dérmicos. A abertura auditiva é protegida por uma prega da pele, a língua não é protáctil
e o coração está dividido em quatro cavidades com os ventrículos separados. Não possuem bexiga urinária,
são ovíparos e depositam os ovos em “ninhos” constituídos por substâncias vegetais em decomposição.
A postura varia entre 20 e 50 ovos. A fecundação é interna e, para a realizarem, dispõem de um órgão
35 de copulação simples. O acasalamento ocorre sempre na água, onde os machos realizam vistosas paradas
nupciais.

Os nascituros medem de 20 a 30 centímetros de comprimento, têm a cabeça relativamente curta,
embora cresça rapidamente e membros proporcionalmente mais longos que os dos adultos. São geralmente
de cor verde-azeitona.

40 Na água, a rapidez dos seus movimentos deve-se sobretudo à força da sua cauda. Em terra deslocam-se
mais depressa do que é habitual supor.

A alimentação dos crocodilos varia com a idade. Alimentam-se de pequenos insetos até vertebrados,
especialmente peixes.

O crocodilo estuarino (*Crocodylus porosus*) encontrado na Ásia central e o crocodilo do Nilo (*Crocodylus
45 niloticus*) atingem grande tamanho (têm sido referidos indivíduos com o peso de 1000 kg), são rápidos e
agressivos e são conhecidos por atacarem animais de grande tamanho, como bovinos, veados e humanos.
Os aligatores ou caimões americanos (*Alligator mississippiensis*) são menos agressivos que os crocodilos e
menos perigosos para os humanos. O gavial dos Ganges, Índia e Birmânia, (*Gavialis gangeticus*), alimenta-se
de peixes e tem o focinho comprido, estreito e muito diferenciado do resto do crânio. Pode ultrapassar os
50 6,5 m de comprimento.

“Crocodilo”. *Infopédia*. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$crocodilo](http://www.infopedia.pt/$crocodilo)

14.1 Identifica as características deste tipo de texto e relaciona-as com a sua finalidade comunicativa. Que conclusões tiras?

14.2 Analisa a forma como o texto está construído, atentando nas informações que vão sendo fornecidas.

14.3 Como se organiza internamente este verbete?

14.4 Elabora um esquema de leitura do texto onde registes as informações mais relevantes nele contidas.

14.5 Que elementos desconhecias sobre esta espécie? O que te chamou mais a atenção?

15 Atividade

Lê com atenção a seguinte reportagem retirada da revista *National Geographic*, procurando identificar marcas deste tipo de texto, distinguindo-o da notícia.

Quando os crocodilos mandavam

NOVEMBRO 2009, texto de Mel White



Imagem 1

1 Este olho pertence a um crocodilo-do-nilo, um caçador aperfeiçoado por uma longa sequência evolutiva de tentativa e erro. Durante 240 milhões de anos, estes predadores conseguiram conquistar o espaço entre a terra e a água. À medida que os seus habitats diminuem, contudo, muitas espécies de crocodilos enfrentam um futuro incerto.

5 No verão de 2008, um crocodilo-americano partiu da baía de Biscayne, na Florida e instalou-se no campus da Universidade de Miami, onde ocasionalmente interrompia os seus banhos de sol nas margens do lago Osceola para petiscar uma tartaruga.

10 Embora não fosse o primeiro crocodilo a surgir na área, tornou-se certamente o mais famoso. Chamaram-lhe Donna, em homenagem à reitora da universidade, Donna Shalala, embora mais tarde se descobrisse que se tratava de um macho. De vez em quando, Donna espojava-se na relva junto ao bar da universidade, obrigando à mudança de localização de algumas mesas.

15 Na madrugada de 1 de outubro, alguém a matou, o que violou as leis estaduais e federais: o crocodilo-americano é uma espécie considerada em risco pela legislação da Florida e uma espécie ameaçada pela legislação federal. Um mês depois, a polícia deteve um homem e um adolescente que alegadamente pretendiam o crânio como troféu.

20 É tentador utilizar Donna como metáfora para as dificuldades sentidas pelas 23 espécies reconhecidas de crocodilianos no mundo, um grupo de répteis que inclui crocodilos, aligátors, caimões e gaviais. Depois de resistirem a milhões de anos de alterações climáticas à escala planetária, à dança das placas tectónicas e a outras vicissitudes ecológicas, enfrentam agora um novo desafio: nós.

25 Durante a década de 1970, a população de crocodilos da Florida diminuiu possivelmente para menos de 400 indivíduos. O crescimento populacional explosivo daquele estado empurrou os répteis para longe das baías de água salgada protegidas, onde em tempos tinham vivido. Muitos foram mortos por caçadores furtivos desejosos das suas peles. Outros foram empalhados para exposição em museus ou capturados para exibições ao vivo.

Desde então, as medidas de conservação conduziram a uma recuperação dos crocodilos da Florida. “A gestão de crocodilos não é complicada”, diz Steve Klett, diretor do Refúgio Nacional de Vida Selvagem de Crocodile Lake. “Se protegermos o seu habitat e evitarmos o seu abate, eles reagem. A grande questão agora é definir o limite dos seus domínios: depois de ocuparem todo o habitat disponível, para onde irão?” No caso de Donna, para uma zona urbana, onde não deveria viver, mas provavelmente não havia melhor alternativa.



Imagem 2

Afirma-se frequentemente que os crocodilianos de hoje são sobreviventes da época dos dinossauros. É uma verdade, embora parcial: os crocodilos modernos existem há cerca de 80 milhões de anos, mas são apenas uma pequena amostra dos seus parentes crocodilianos que em tempos dominaram o planeta.

Os crurotarsianos (termo utilizado pelos paleontólogos para designar os crocodilos e os seus congéneres) surgiram há 240 milhões de anos, aproximadamente ao mesmo tempo que os dinossauros. No Triásico, os antepassados dos crocodilos radiaram numa grande variedade de formas terrestres, que incluía animais esguios e de membros longos mas também enormes e temíveis predadores. Alguns, como o animal designado por Effigia, caminhavam sobre duas patas pelo menos durante parte do tempo e eram provavelmente herbívoros.

Os crurotarsianos eram de tal forma dominantes em terra que os dinossauros estavam limitados nos nichos ecológicos que conseguiam ocupar, mantendo dimensões corporais reduzidas e populações pequenas.

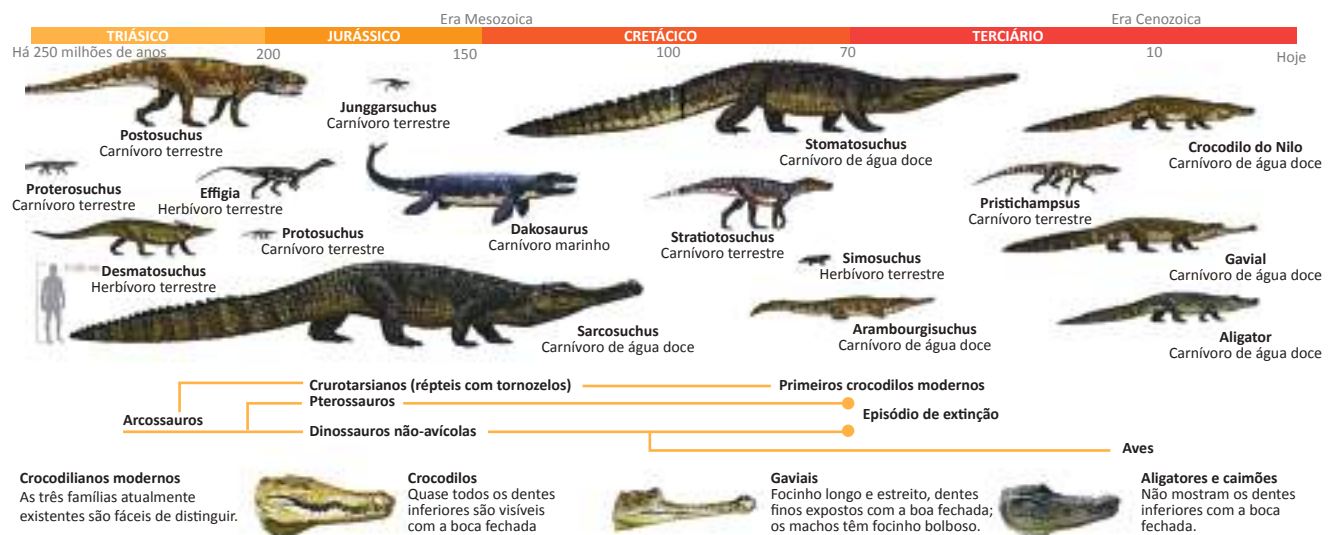


Imagem 3

No final do Triásico, há cerca de 200 milhões de anos, um cataclismo desconhecido eliminou a maior parte dos crurotarsianos. Com a terra livre de concorrentes, os dinossauros assumiram o controlo. Em simultâneo, enormes predadores como os plesiossauros evoluíram no oceano, deixando pouco espaço para intrusos. Os crocodilos sobreviventes assumiram uma nova diversidade de formas, mas acabaram por viver, como os seus descendentes da atualidade, nos únicos sítios possíveis: rios, pântanos e charcos.

A restrição dos nichos ecológicos talvez limitasse as oportunidades evolutivas das criaturas, mas também poderá tê-las salvo. Muitas espécies de crocodilos sobreviveram à extinção em massa do final do Cretácico ocorrida há 65 milhões de anos, quando um asteróide desferiu um golpe mortal nos dinossauros (à exceção das aves, atualmente consideradas dinossauros tardios) e uma ampla variedade de outras formas de vida em terra e nos oceanos.

Ninguém conhece a razão pela qual os crocodilos sobreviveram, quando tantos animais morreram, mas o seu habitat de água doce é uma explicação: de modo geral, as espécies de água doce lidaram melhor com esse cataclismo do que os animais marinhos, que perderam grandes extensões de habitat de águas superficiais quando os níveis do mar baixaram.

É possível que o regime alimentar diversificado e a capacidade heterotérmica para passar longos períodos sem alimento também os ajudassem.

Uma vez desaparecidos os dinossauros terrestres e os monstros marinhos, por que motivo não assumiram os crocodilos o controlo definitivo sobre a Terra? Nessa altura, os mamíferos já tinham iniciado a sua marcha evolutiva rumo ao domínio global. Ao longo do tempo, as linhagens de crocodilos mais divergentes foram-se extinguindo, restando apenas as formas de corpo atarracado e membros curtos com que estamos familiarizados.



Imagem 4

“A principal alteração na história recente da conservação dos crocodilos tem sido a diminuição da caça ilegal motivada pelas suas

peles”, explica John Thorbjarnarson, especialista da *Wildlife Conservation Society*. Esta foi substituída pela criação em cativeiro e caça organizada, que permitiram a recuperação de algumas espécies. “Há 20 anos havia 15 ou 20 espécies ameaçadas de extinção. Agora, há apenas sete efetivamente em risco, todas em virtude da perda da maior parte do seu habitat”, acrescenta.

Espécies como o aligátor-chinês e o crocodilo-das-filipinas já não possuem praticamente qualquer habitat, tendo sido empurradas para fora dos seus antigos domínios pela agricultura e pelo crescimento urbano. E até espécies que reagiram de forma positiva às medidas de conservação enfrentam um problema que é uma versão em grande escala do caso de Donna: o contacto e o conflito com seres humanos.

A população do gavial-da-Índia, uma espécie que em tempos se estendia desde o Paquistão a Myanmar, sofreu graves reduções em meados do século XX. Graças à diminuição da caça furtiva e à implementação de zonas protegidas, a recuperação nas décadas de 1980 e 1990 deu aos conservacionistas razões para acreditar que os problemas tinham acabado. No entanto, censos recentes mostraram que o número de gaviais caiu para apenas algumas centenas, o que lhes valeu o estatuto de espécie em perigo crítico.



Imagem 5

Alguns crocodilianos que habitam zonas longínquas do planeta não se encontram em perigo imediato e outros, como o aligátor--americano, conseguiram recuperações dramáticas. Mas resta saber quantos conseguirão resistir num mundo onde os seus lares pantanosos são cobiçados por seres humanos e onde algumas espécies se tornam indesejadas, pois são capazes de devorar animais de estimação ou até seres humanos.

Origem presumida dos antigos mitos sobre dragões, os crocodilianos e os seus antepassados enfrentaram alterações quase inimagináveis no planeta e descobriram formas de se adaptar. No momento em que o ritmo das alterações ambientais acelera, contudo, os seus maiores desafios ainda estão para vir.

National Geographic, novembro de 2009

http://www.nationalgeographic.pt/articulo_print.jsp?id=2042273

-
- 15.1 Esta reportagem inclui variada informação científica. Como explicas a sua presença neste tipo de discurso?
- 15.2 Procede ao levantamento de alguns exemplos de estratégias que caracterizam o discurso de divulgação científica.
- 15.3 Qual é o pretexto para o autor falar da situação em que vivem os crocodilos no mundo? Explica a escolha desse *fait divers* introdutório.
- 15.4 Que razões são apontadas pelo texto para explicar a sobrevivência da espécie?
- 15.5 De acordo com o texto, que desafios enfrenta a espécie em questão?
- 15.6 Explica, por palavras tuas, o título do texto.
- 15.7 O texto apresenta alguns dados relevantes da história dos crocodilos na terra. Sintetiza, num texto breve, as etapas principais dessa presença.
- 15.8 Presentes em várias latitudes e continentes, as várias espécies de crocodilos parecem ter sempre o mesmo inimigo comum. Identifica-o e redige um comentário onde dês conta da tua opinião sobre a relação atual do Homem com a Natureza e, em particular, com as espécies selvagens.
- 15.9 Redige a notícia relativa ao crocodilo Donna, seguindo as informações presentes no texto.
- 15.10 Propõe uma outra legenda para a primeira imagem que ilustra este texto e justifica a tua proposta.
- 15.11 Atenta na imagem 3. Que informações fornece? E que critério segue para a organização da informação que apresenta?
- 15.12 Identifica as três famílias de crocodilos existentes na atualidade e caracteriza-as utilizando as tuas próprias palavras.
- 15.13 Redige a legenda da imagem 3.
- 15.14 Observa agora a imagem 5. De que tipo de imagem se trata?
- 15.15 Que informações fornece?
- 15.16 Analisa a distribuição geográfica das famílias de crocodilos. A que conclusões chegas?
- 15.17 Em que região se encontram os vestígios fósseis mais a norte? E mais a sul?
- 15.18 Localiza Timor-Leste no mapa e caracteriza a situação da espécie nessa região do globo a partir dos dados fornecidos.
- 15.19 Identifica o continente e/ou a região do mundo onde a presença de crocodilos é mais significativa.

16 Atividade – Outras sugestões de atividades

– Realização do debate entre os animais sobre o desejo do velho crocodilo de se alimentar do rapaz que o salvara, com a escolha de um moderador e diferentes participantes defendendo ideias opostas. Registo, sob a forma de ata, das várias posições apresentadas, os respetivos argumentos e as conclusões finais.

– Trabalho de pesquisa sobre a presença do crocodilo em outros domínios da arte e da cultura timorense, nomeadamente nas várias formas de artesanato, na pintura, na literatura ou na música. Exposição ou divulgação dos trabalhos realizados na escola e/ou na comunidade.

17 Atividade

Na tradição guineense, o crocodilo está igualmente presente, surgindo como personagem de contos ou motivo artístico em pinturas. O mesmo confronto entre o homem e o animal, que é possível ler na Lenda de Timor-Leste, encontra-se patente na narrativa que se segue:

O menino e o crocodilo

- 1 Um crocodilo, andando a passear, encontrou-se com um menino e disse-lhe:
– Ensina-me o caminho do rio porque eu perdi-me.
O menino respondeu:
– Para te levar até à beira do rio, não tenho confiança em ti.
- 5 Respondeu-lhe o crocodilo:
– Não duvides de mim porque não estou a enganar-te, mas, se não acreditas, amarra-me as mãos e as patas.
O menino assim fez e depois carregou com o crocodilo à cabeça. Quando estavam perto do rio, o menino disse ao crocodilo:
- 10 – Como já chegámos, vou pôr-te no chão. A seguir, desatou as cordas com que o amarrara.
Logo que o menino voltou costas, o crocodilo apanhou-o.
– O que me queres fazer? – interrogou o menino.
– Quero comer-te – respondeu o crocodilo e, carregando com o rapazinho, marchou para o rio.
Encontraram uma mulher de idade.
- 15 Então o pequeno disse:
– Tenho a certeza de que me vais comer, mas deixa-me chamar esta mulher de idade para eu lhe contar o bem que te fiz e a paga que tu me dás.
O pequeno falou assim à velha:
– Tratei bem este crocodilo e ele quer matar-me.
- 20 A velha retorquiou:
– Isso não tem importância, porque no mundo, hoje em dia, quem faz bem só recebe ingratidões. Repara no que sucede comigo. Quando eu era nova, bonita, todos me requestavam; hoje, que estou velha e cansada, ninguém me ajuda.
Virando-se para o crocodilo, continuou:
- 25 – O mundo é assim, leva-o!
O crocodilo entrou na água com a criança. Ao mesmo tempo, apareceu, na margem do rio, uma lebre.
O menino disse ao crocodilo:
– Espera. Eu vou chamar a lebre para ela ser também testemunha do que me fizeste.
Novamente o menino relatou à lebre o que se passara.
- 30 A lebre, surpreendida com o que lhe disse o pequeno, respondeu:

– Tu tens muita coragem. Como é que te atreveste a ajudar o crocodilo?

O pequeno ripostou:

– Andei com precaução, porque, quando o transportei até ao rio, lhe amarrei as patas e as mãos.

Volta a lebre a falar:

35 – Não! Isso que me dizes, eu não acredito. Explica-me bem como é que fizeste.

O crocodilo tornou a pôr as mãos e as patas para trás e o menino amarrou-o.

– Como é que o carregaste? – perguntou a lebre.

O menino arranjou uma rodilha e pôs o crocodilo à cabeça. Fez tudo isto sentado e só depois de ter a carga à cabeça é que se levantou.

40 Nessa altura, a lebre voltou a indagar:

– Então teu pai nunca comeu crocodilo? E a tua mãe?

– Gostam, respondeu o pequeno, e costumam comer.

– Então carrega com ele e leva-o para casa, insistiu a lebre, e terminou: – Quem procedeu como o crocodilo é a paga que merece.

45 É bem verdade que a astúcia domina a força.

Maria de Lourdes Tavares Soares e Maria Odete Tavares Tojal (org.), *Histórias de Longe e de Perto*

17.1 Procedo ao levantamento das principais semelhanças entre o texto guineense e as versões timorenses que já conheces. Que conclusões podes tirar?

17.2 Onde reside a principal diferença entre os textos? Que implicações tem ao nível da mensagem principal do texto?

17.3 Identifica as personagens a quem é pedida uma posição sobre a situação vivida pelo rapaz e a forma como reagem. Justifica.

17.4 O texto inclui uma moral explícita. Identifica-a e explica por palavras tuas o seu significado.

18 Atividade

O caçador e o crocodilo

1 Um caçador foi à caça; deparou-se com um crocodilo que também estava à espera de uma vítima.

Quis o caçador matá-lo; porém, o crocodilo suplicou-lhe para não lhe tirar a vida, dizendo:

– Vim cá simplesmente à procura de qualquer coisa para matar a fome. Não encontro o caminho de regresso. Leva-me, por favor, até à margem do rio.

5 Respondeu-lhe o caçador:

– Eu bem queria levar-te; porém, receio que me comas.

O crocodilo jurou que não havia, de forma alguma, de comer o seu eventual benfeitor.

Propôs-lhe então o caçador:

– A não ser que te amarre a boca.

10 Atalhou-lhe o outro:

– Amarra-me a boca.

O caçador amarrou-lhe a boca com uma corda; em seguida, ligou-lhe todo o corpo a um pau, e levou-o às costas até à margem do rio. Chegados ao destino, o caçador quis pô-lo no chão, mas o crocodilo pediu-lhe:

– Leva-me mais para longe.

15 O caçador entrou na água até aos joelhos... Suplicou-lhe de novo o crocodilo:

– Desamarra-me a boca, caso contrário nada poderei comer.

- Assim que o caçador lhe desamarrou a boca, o crocodilo disse-lhe:
- Prestaste-me, é certo, um serviço, mas agora tenho de te comer, única e exclusivamente para respeitar a nossa tradição: os meus pais, os meus avós comiam todos os homens quando encontravam à sua frente.
- 20 Foi a vez de o caçador pedir com insistência para não ser comido. O crocodilo rejeitou categoricamente tal pedido. O caçador fez-lhe então a seguinte proposta:
- Estou inteiramente de acordo que me comas, mas proponho que previamente peçamos o parecer de três transeuntes.
- Um cavalo muito velho foi o primeiro a passar por lá. Cada um lhe contou a aventura a seu modo.
- 25 Escutou com muita atenção as duas versões, depois dirigiu-se para o crocodilo:
- Come-o, como é vosso hábito. O homem é muito ingrato; quando eu era novo, com todo o vigor, cuidava bem de mim. Agora faz de conta que não existo.
- Apareceu seguidamente uma velha; ela ouviu também as duas versões da mesma aventura, e disse logo ao crocodilo:
- 30 – Come-o; os homens são todos ingratos. Quando jovem e bela, o meu marido jurou-me que só havia de me amar a mim. Agora casou com raparigas novas, e nem sequer olha para mim. Come-o, segundo as vossas tradições.
- O caçador estava desesperado, não vislumbrando nenhuma solução favorável à sua situação. Chegou a lebre; cada um lhe expôs a aventura a seu modo.
- 35 – Estão muito longe, disse-lhes a lebre; já estou velha e oiço muito mal. Vinde, pois, aqui à margem, para que vos oiça melhor.
- Ambos saíram da água, e chegaram perto da lebre a quem, de novo, contaram tudo. A lebre tomou então a palavra:
- Custa-me acreditar que este homenzinho pôde carregar um gigante como tu. Para dar o meu parecer,
- 40 é preciso eu ver com os meus olhos tudo quanto estais a contar-me. Portanto, regressai à floresta; que o caçador te amarre de novo e te traga depois até aqui.
- O crocodilo e o caçador concordaram. Chegaram à floresta, seguindo sempre a lebre que, então, disse ao caçador para amarrar melhor o crocodilo. Depois perguntou-lhe:
- A vossa casta come ou não come crocodilo?
- 45 – Claro que comemos, respondeu o caçador.
- A lebre sentenciou imediatamente:
- Salvaste-lhe a vida, e ele quis comer-te; agora, leva-o para casa, e comi-o em família tu, a tua mulher e os teus filhos.

Benjamim Pinto Bull, *Revista Camões*

18.1 **Procede à comparação com a primeira versão da mesma lenda já estudada. Que diferenças detetas? São substanciais, de modo a alterar significativamente a mensagem do texto? Como explicas as diferenças encontradas entre os dois textos?**

18.2 **Identifica os dois intervenientes em confronto e as ações de cada um deles. Por que valores se regem e o que os distingue?**

18.3 **Como justifica o crocodilo o facto de pretender comer o homem que o salvara?**

18.4 **Identifica os três “juízes” que foram chamados a pronunciar-se sobre os factos e as suas posições. Como explicas a postura dos dois primeiros?**

18.5 **A lebre adota um comportamento completamente diferente. Como se posiciona face à situação e que estratégia usa para solucionar o problema?**

18.6 Qual é, na tua leitura, a principal conclusão ou a moralidade deste conto? Justifica a tua opinião.

18.7 Em várias tradições, este animal é símbolo da esperteza e sagacidade. Qual é o correspondente na cultura tradicional timorense? Explica a razão da tua escolha.

19 Atividade

Na breve narrativa da tradição angolana que se segue, identifica:

- a) - as características da lenda estudadas;
- b) - as marcas da presença do maravilhoso;
- c) - a moralidade do texto.

Jacaré Bangão

1 Reza a lenda que na cidade de Caxito, capital da província do Bengo, certo Jacaré decidiu pagar o imposto ao chefe do posto, responsável por assegurar esta obrigação fiscal.

Segundo consta, o tal chefe era um indivíduo implacável para com os habitantes daquela região e o Jacaré, vendo a sua atitude, decidiu ele próprio pagar o imposto a fim de travar a impetuosidade daquele
5 chefe.

Ao ver o grande Jacaré sair das águas do rio Dande a fim de cumprir a sua missão, o cobrador de impostos ficou aterrorizado e abandonou os maus modos com que tratava a população.

Lenda angolana disponível em <http://contosencantar.blogspot.com/2009/03/jacare-bangao.html>

20 Atividade

Como animal totémico e espécie de referência mítica assídua na arte timorense, em geral, e na literatura, em particular, o crocodilo surge noutros contos, representando diversos papéis e funcionalidades. Lê com atenção esta versão de uma lenda recolhida por Artur Basílio de Sá:

No princípio, há muitos séculos

1 Em tempos passados, já muito distantes, partiram para We-Hali alguns príncipes de Samoro, a fim de aí contratarem a princesa que deveria casar com o príncipe desta terra.

Quando chegaram a We-Hali, já ali encontraram gente de vários reinos a solicitar também a real donzela.

Os de We-Hali, manhosos, enfeitaram muito bem mulheres de nobre estirpe e apresentaram-nas aos
5 emissários, para que, entre todas, escolhessem aquela que mais prendesse os seus olhares.

Os de Samoro, antes que penetrassem no palácio real, em conversa amiga com as serviçais do régulo, tentaram saber qual, de entre todas elas, seria a verdadeira princesa.

Estas responderam que nenhuma daquelas era a verdadeira princesa, mas sim uma outra que estava na cozinha, vestida de criada.

10 Assim, quando os de Samoro entraram no palácio para escolher a sua rainha, não se decidiram por nenhuma das que os de We-Hali apresentaram aos seus olhares, mas indicaram aquela criada que estava a trabalhar na cozinha.

Os de We-Hali, vendo isto, opuseram-se e não concordaram.

Os de Samoro, cientes de que os We-Hali não satisfariam os seus desejos, combinaram levar a princesa,
15 e fizeram-lho saber secretamente por meio de suas aias.

Esta, informada de tão arrojada decisão, concordou jubilosa.

Então, à meia-noite em ponto, quando todos dormiam, os de Samoro, com suas artes mágicas, tomaram a princesa e fugiram logo naquela noite, caminhando sempre, até que atingiram as fronteiras de We-Hali, antes do romper do dia.

20 Deste modo, chegaram à margem duma ribeira chamada We-Nunuk.

De repente, a ribeira encheu, e apareceram à flor da água inúmeros crocodilos a defender a sua rainha.

Então esta, sendo para eles a “Filha do Sol” e, por isso, senhora de todos os elementos, falou-lhes amigavelmente e fez com eles o seguinte pacto: deviam transportá-la, a ela e aos homens de Samoro, para a outra margem da ribeira. Feito isto, os de Samoro e todos os seus descendentes, de geração em geração,

25 jamais lhes fariam mal, nem comeriam nunca a sua carne.

Os crocodilos aceitaram a proposta da princesa e puseram-na do lado de lá da ribeira, a ela e a todos quantos vinham no seu séquito.

E depois que passou toda a gente de Samoro, as águas da ribeira começaram a subir e apareceram ainda mais crocodilos à superfície, a barrar a passagem aos de We-Hali, que vinham em perseguição dos de

30 Samoro, a fim de se apoderarem novamente da sua rainha.

Já na outra margem, os de Samoro deram largas ao seu regozijo pela vitória alcançada, e ainda hoje continuam a cantar:

“Gabavam-se de que We-Nunuk levava muita água,

Mas os de Samoro passaram-na a pé enxuto!”

35 Devido a esta lenda, os de Samoro, ainda hoje, têm em grande veneração os crocodilos, não lhes fazem mal e chamam-lhes avô.

Quando entram em qualquer represa das ribeiras onde possa haver crocodilos, põem-se a dizer:

“Avô, não faças mal, nem mordas os teus netos!...”

Artur Basílio de Sá, *Textos em Teto da Literatura Oral Timorese*

20.1 Identifica os rivais à volta dos quais se centra a narrativa e explica a razão da disputa.

20.2 Como tentaram os de We-Hali enganar os de Samoro? E como é que estes descobriram a mentira?

20.3 Por que razão a princesa aceitou partir com os de Samoro?

20.4 Qual a função dos crocodilos na história? Que partido tomam e porquê?

20.5 Descreve o pacto realizado entre os homens e os crocodilos.

20.6 Para além do animal, que outro elemento da natureza apresenta, no conto, um comportamento personificado, revelando intencionalidade nos seus atos? Justifica.

20.7 Qual o significado simbólico da passagem da ribeira?

20.8 A narrativa termina com uma canção. Explica, por palavras tuas, qual o seu significado.

20.9 Enuncia a moral da narrativa.

20.10 Que características da lenda podes reconhecer neste texto?

20.11 Imagina um fim diferente para esta história.

20.12 Simula um debate entre os de Samoro e de We-Hali para resolver o problema e redige um texto com as principais conclusões a que chegaram.

21 Atividade

Uma lenda

- 1 Um respeitável velho contou a seguinte história:
Houve um príncipe muito preguiçoso que passava os dias a jogar o klaleik e o pião.
Pelo meio-dia os seus irmãos voltavam da horta para comer, mas ele nunca queria sentar-se à mesa com eles.
- 5 Isto repetia-se todos os dias.
Assim foi crescendo, até ser homem.
Certo dia, os irmãos, zangados, tomaram a resolução de participar ao pai e à mãe tão estranho procedimento.
Os velhotes, à hora da refeição, mandaram então amolgar carochos de klaleik e de carmim, colocaram-
- 10 -lhos no fundo do prato e, por cima, o arroz.
O príncipe infante comeu até esvaziar o prato e, por fim, encontrou aquelas insólitas iguarias.
Compreendeu tudo muito bem, baixou a cabeça envergonhado e triste, mas não disse nada.
Tinha um pajem, de nome Mau-Berek. Chamou-o e deu-lhe algumas coisas para transportar.
O Mau-Berek, então, perguntou ao seu amo:
- 15 “Príncipe infante, para onde vamos ambos nós? Nem temos as vossas provisões nem a minha ração.”
“Cala-te e segue-me para onde eu for. O nosso fadário é este; a felicidade é de meus irmãos.”
E partiram: o príncipe adiante, o Mau-Berek atrás.
Chegados à margem da confluência dum coilão, disse o príncipe ao Mau-Berek:
“Tu ficas aqui a repousar, enquanto eu vou tomar banho.”
- 20 O Mau-Berek, a cada momento, levantava a cabeça e fixava a vista no seu senhor. Este nadava, indo e vindo continuamente.
O Mau-Berek levantou de novo a cabeça e viu que as pernas do seu senhor se transformavam, unidas, numa cauda fina como a do crocodilo; e as mãos se transformavam também nas dum crocodilo. O rosto é que continuava a ser de gente.
- 25 O Mau-Berek pôs uma cara de espanto e começou de se assustar. Então o príncipe disse-lhe:
“Não tenhas medo, o nosso fadário é este.”
E não tardou muito tempo que o Mau-Berek visse o príncipe transformado num grande crocodilo malhado, vagueando repousadamente no meio da ribeira.
Depois, o real crocodilo ordenou ao Mau-Berek que se metesse na água e desse às mãos e às pernas,
- 30 como ele fizera. Pouco a pouco o Mau-Berek foi-se transformando, por sua vez, num lagarto. Ao homem a quem isto aconteceu chamam-lhe uns *lafaek rai maran*; outros, *laku-taru*, e outros *mau-berek*.

Artur Basílio de Sá, *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*

21.1 Identifica, justificando, o tema do texto.

21.2 Atribui um título ao texto e explica a razão da tua escolha.

21.3 Identifica a personagem principal, as secundárias e as figurantes. Como as distingues?

21.4 A partir das informações do texto, procede à caracterização da personagem principal. Que podes concluir acerca da evolução do seu comportamento ao longo do tempo?

21.5 Por que razão o príncipe parte de casa dos pais? Parece-te justificável? O que revela, relativamente à personagem, a decisão tomada?

21.6 Como reage Mau-Berek à transformação que presencia? Como explicas a sua reação?

21.7 Explica, por palavras tuas, o uso da expressão “o real crocodilo” (l.27), no último parágrafo do texto.

21.8 Como interpretas as metamorfoses ocorridas no final? Qual o significado simbólico de ambos os animais?

21.9 Traduz para português as expressões em tétum usadas no último parágrafo do texto e explica o seu significado e a sua utilização no conto.

21.10 Redige um diálogo entre o príncipe e Mau-Berek inspirado no tema do texto e dramatiza-o na sala de aula.

22 Atividade

O búfalo, o crocodilo e o macaco

1 Um búfalo tinha uma horta onde criava galinhas e cabras.

Notou que lhe roubavam, de noite, a criação. Pôs-se à espreita, atrás de um gondoeiro. Descobriu que o larápio era um crocodilo. Investiu contra ele, quando o apanhou entretido a esfacelar um cabrito.

5 Vendo-se perdido e com a primeira cornada bem marcada na pele, o crocodilo falou, assim, ao búfalo, com uma lágrima a luzir no canto do olho.

– Se soubesse que o cabrito era teu, nunca teria pensado em matar com ele a fome. Agora, já que estamos juntos, aproveitemos a ocasião para nos tornarmos amigos.

– Sim. O melhor é sermos amigos. Vá! Acaba de comer o cabrito à vontade.

10 O crocodilo não se fez rogado. Devorou o que faltava. No fim, com modos de quem está muito grato mas matutando vingança, perguntou ao búfalo:

– Não gostarias de ir a minha casa?

O búfalo perguntou-lhe:

– Como hei de ir se moras dentro de água? Só estou habituado a andar em terra.

– Levo-te às costas. Não custa nada. Vem daí!

15 Lá foram até à praia.

Já dentro da água, na orla da areia, disse o crocodilo:

– Sobe para o meu dorso. Firma-te bem.

20 Sempre à tona de água, como se nada levasse, desatou a nadar, com quantas forças tinha, mar fora. A terra ia-se afastando e quanto mais se afastava, mais estranhava o búfalo a distância a que ficava a casa do crocodilo. Este *buat-âmac* enganou-me – pensava ele na barriga. Não se teve que não perguntasse:

– A tua casa ainda é longe?

– A minha casa?! – rosnou o crocodilo. Se te trouxe foi para te comer.

Espavorido, o búfalo protestou:

– Não! Assim, de graça, não me comes tu sem que se faça, primeiro, um julgamento.

25 O búfalo pediu ao primeiro peixe grande, com que se cruzaram, que servisse de juiz. Contou-lhe tudo – que tinha uma criação; que surpreendera o crocodilo, no meio dela, a roubá-lo; que investira contra ele, disposto a matá-lo mas que, a seu pedido, lhe perdoara e o deixara comer à vontade; que se tinham feito amigos e que se ali estava era porque fora convidado por ele para ir a sua casa. Depois de ter narrado tudo isto, disse:

30 – Peixe grande, na qualidade de juiz, veja se são coisas que se façam.

O peixe mostrou-se favorável ao crocodilo. O búfalo não concordou. Encontrou, mais adiante, um búzio enorme. Pediu-lhe que servisse de juiz. Contou-lhe tudo, exatamente como contara ao peixe. O búzio inclinou-se a favor do crocodilo.

– Não curvo a cabeça à tua sentença.

35 Assim lhe berrou o búfalo, danado e com os olhos num macaco, pendurado numa das árvores da praia que já estava próxima. Pediu-lhe, mesmo de longe, que decidisse o pleito, depois de tudo lhe ter referido, gritando, com todas as forças dos pulmões, para que fosse bem ouvido.

– Não ouço nada, nada! – ripostou o macaco, catando, distraído, uma pulga, numa coxa, como se de facto nada tivesse ouvido.

40 Sem com nada se importar, o crocodilo foi-se aproximando de terra, de modo a alijar o búfalo e a atacá-lo a pequena distância de um coilão que lhe era bem conhecido. Já mais perto da terra, o búfalo repetiu o mesmo pedido ao macaco, indicando, de novo, os motivos que o levaram a ter-se na conta de vítima de injustiça e de negra ingratidão. Entre duas caretas, o macaco insistiu:

– Não te ouço. Chega-te mais para cá!

45 Quando o búfalo já estava com as patas ao alcance da areia, o macaco disse-lhe:

– Que queres? Já te posso ouvir.

Ainda o búfalo não tinha acabado a primeira palavra de queixa, já o macaco lhe recomendava, como se fossem preparativos para pronunciar a sentença:

– Arrebita as orelhas! Levanta a cauda! Safa-te!

50 Num pulo, o búfalo guindou-se para a areia. Desembestou por um palmar fora a todo o galope. Só dias depois se encontrou com o macaco. Segredou-lhe:

– Quero pagar-te a ajuda que me deste.

O macaco respondeu-lhe:

– Nem ouro nem prata me interessam. Não me interessam luas nem *mor'têen*. Só uma coisa desejo – é

55 ser o primeiro a comer as bananas e as abóboras, o milho e produtos semelhantes, mal amadureçam.

O búfalo achou bem. É por isso que o macaco, desde então, usa e abusa desse direito.

Ezequiel Enes Pascoal, *A Alma de Timor vista na sua Fantasia – Lendas, fábulas e contos*

22.1 Com qual dos textos estudados este apresenta maiores afinidades? O que concluis, tendo em conta a origem dos dois textos?

22.2 Copia para o teu caderno o quadro seguinte e completa-o, fazendo o levantamento das semelhanças e das diferenças entre os dois contos:

	Semelhanças	Diferenças
Personagens		
Espaço		
Estrutura da narrativa		
Moral da história		
Outros aspetos		

22.3 Atribui a cada uma das personagens uma característica que as qualifique e distinga, de acordo com o comportamento que tiveram. Justifica a tua opção, com um excerto do texto, preenchendo, no teu caderno, um quadro semelhante ao seguinte:

Personagens	Característica	Justificação
Crocodilo		
Búfalo		
Macaco		

22.4 Como avalias o comportamento das personagens? Se fosses chamado a ser juiz deste caso, qual seria a tua sentença? Porquê?

22.5 Parece-te justo o pedido final do macaco? Justifica a tua opinião.

22.6 O texto não apresenta uma moral explícita. Em teu entender, quais te parecem ser as principais “lições” que o texto pretende veicular? Parecem-te válidas na atualidade?

23 Atividade - produção escrita

Inspirando-te nos textos analisados e em outras histórias que conheças, inventa um conto onde estejam presentes os seguintes elementos:

- a) - A referência a um espaço real ou um acontecimento verídico (como acontece com as lendas)
- b) - Um crocodilo
- c) - Um acontecimento mágico ou inexplicável
- d) - Uma moral ou um ensinamento



Não te esqueças que qualquer atividade de escrita deve ser antecedida de planificação, onde é feito um esquema prévio das ideias e da sua organização, e seguida da necessária revisão, onde é realizada a leitura do texto e feita, caso seja necessário, a correção e/ou reformulação de algumas partes.

Procede, em colaboração com a turma, à seleção dos melhores textos (ou com as várias turmas da escola) e divulguem-nos junto da comunidade através de um jornal de parede, um folheto ou uma outra publicação simples.

24 Atividade

Sugestões para outras atividades

24.1 Para além do crocodilo, que parece constituir um motivo recorrente na tradição oral, permitindo considerar a existência de um ciclo ou conjunto de textos em torno deste animal, há outros temas e/ou motivos que surgem assiduamente em vários textos. Procede à recolha desses textos e organiza-os por temas ou ciclos. Algumas sugestões: textos sobre as origens do mundo (o dilúvio inicial); textos sobre lutas ou rivalidades entre famílias ou clãs; fábulas ou textos sobre animais.

24.2 Realiza ilustrações para alguns dos textos recolhidos, procurando captar os elementos principais das narrativas.

24.3 Considera a hipótese de fazer algum tipo de divulgação deste trabalho, sob a forma de um pequeno livro de fabrico artesanal.

25 Atividade

A procura de explicações para a origem do mundo, dos seres que o habitam e das pessoas é uma das temáticas mais recorrentes da literatura tradicional. Em diferentes países, línguas e culturas, os homens sempre se interrogaram sobre o princípio dos tempos, buscando compreender um universo muito antigo, de que não guardam memórias. Essas histórias, que variam de lugar para lugar e exprimem a mesma necessidade universal de ordenar e compreender o que nos rodeia, chamam-se mitos cosmogónicos.

A saída do Paraíso

1 No princípio do mundo, nada nascia. Mas existiam pessoas, montanhas, árvores, animais, rios, mares, tudo. Frutos e sementes de
5 todas as espécies. Nada renascia nem desaparecia. Não caía uma folha, não se abria um fruto, não nascia uma criança.

Nem as pessoas, vendo-se umas
10 às outras, procuravam saber para o que existiam. Não pensavam e se elas não pensavam também não falavam.

Diz-se que as terras de Lautém
15 apareceram prontas com todas as coisas que o mundo ainda hoje tem.

O princípio das pessoas, dos animais, das plantas e das coisas foi aparecerem prontas. Lautém foi assim, apareceu cheinho daquilo que precisa para existir: pessoas, animais, cavernas, plantas, montanhas e águas, e ar e luz. Lautém fica na ilha de Timor, na ponta virada para onde o sol nasce.

20 Pois no princípio do mundo, o que é que acontecia em Lautém? Nada, absolutamente nada. Tudo existia, mesmo as pessoas. As pessoas eram já crescidas e nunca tinham sido crianças. Nem iam envelhecer. Estavam



vivas, mas não viviam. Então, Lautém era um sítio sem crianças, mas também é verdade que era uma terra sem pessoas velhas. Não se sabia o que era nascer. Pessoas, animais, plantas, nada propriamente tinha nascido. Existiam.

25 As pessoas não sabiam que relação tinham umas com as outras nem quem eram, nem para que servia tudo o que as rodeava. Nem se era bom ou não o estar assim num tempo parado. Não estavam a dormir, mas também não estavam acordadas. Porque o não sabiam.

Mas a Lua passava e continuava a passar lá longe, por cima de Lautém. Passou, passou, até que as pessoas sentiram e perceberam que a lua dizia coisas e fazia sinais que nunca eram os mesmos.

30 – O que é aquilo?

– O que é aquilo?

Foi a primeira frase que disseram, a primeira pergunta que puderam fazer. Todas as pessoas a fizeram.

Começaram, então, a ser capazes de perguntar e responder. Perceberam que a Lua, de cada vez que passava, era diferente. Uma vez mostrava caras; outras, lagos, montanhas, flores, mãos, frutos, gestos. E

35 começaram a copiar e a imaginar e a aproveitar tudo o que as rodeava e comeram frutos e serviam-nos umas às outras. Com isso, nasceu o tempo e a vida e entenderam o movimento.

Saíam do paraíso.

As pessoas já envelheciam e, por outro lado, nasciam crianças. As mulheres e os homens notaram as suas diferenças e souberam que isso era bom.

40 Nascia o amor. E riam.

Maria de Lourdes Tavares Soares e Maria Odete Tavares Tojal (org.), *Histórias de Longe e de Perto*

25.1 Explica, de acordo com a leitura do texto, o significado do título.

25.2 Relê, com atenção, os dois primeiros parágrafos do conto.

a) - Como explicas a repetição dos advérbios de negação “nada” e “não” utilizados para descrever a situação inicial da narrativa?

b) - Qual a imagem principal que é aqui construída?

25.3 Enquanto caracteriza as terras de Lautém, o narrador estabelece a diferença entre “tudo existir” e “nada acontecer”. Consegues explicar a oposição através das tuas próprias palavras?

25.4 Como entendes a afirmação do narrador quando diz que as pessoas “estavam vivas, mas não viviam” (l.21)?

25.5 Face ao estado de coisas inicial, que acontecimento marca, efetivamente, o início da vida e do mundo como o conhecemos? Qual o seu significado?

25.6 A saída do paraíso é aqui apresentada como um acontecimento determinante e positivo. A que se deve esta conceção?

25.7 Como interpretas as duas frases finais do conto?

25.8 Na tua opinião, trata-se de uma narrativa aberta ou fechada? Porquê?

26 Atividade

O Gondoeiro Sagrado

1 O gondoeiro é uma árvore frondosa com 30 a 40 metros de altura. Nela coexistem vários animais e muitos espíritos invisíveis, de acordo com a crença popular.

Em algumas aldeias, as pessoas mais velhas contam que o gondoeiro é considerado, desde sempre, como a árvore rainha ou árvore sagrada.

5 Ao meio-dia ou à meia-noite, um caminhante que passe junto desta árvore pode deparar-se com alguma situação extraordinária. Já aconteceram casos miraculosos. Conta-se que podem surgir monstros, mas também podem aparecer espíritos transformados em seres humanos que falam aos caminhantes.

Um dia, um homem de idade avançada parou junto do gondoeiro e sentou-se para descansar. Estava sentado no chão e encostado ao tronco da árvore, quando viu um vulto que se aproximava dele. O homem ficou paralisado de medo. Então o vulto tomou a forma de um jovem de voz suave, que mais parecia um anjo, e falou-lhe:

– Não tenhas medo. Estás velho e cansado. Parece que andaste muito. Em que posso ajudar-te?

– Tens razão – respondeu o homem – Estou velho, cansado e doente. Vou para casa dos meus filhos, mas ainda falta muito para lá chegar e não como nem bebo há dois dias.

15 O vulto bateu com um bambu no tronco do gondoeiro e, imediatamente, apareceu arroz, carne, pão, vegetais e fruta. O homem comeu e recuperou as suas forças. Agradeceu ao jovem aquele banquete inesperado e preparava-se para se ir embora, quando o “anjo” lhe estendeu a mão e lhe ofereceu uma pedra dizendo-lhe:

20 – Espero que o caminho seja mais fácil agora e que encontres os teus filhos em casa e com saúde. Quando sentires fome ou sede fala com esta pedra. Ela responder-te-á e fará o que for preciso. Deves conservar esta pedra sempre contigo e, quando estiveres para morrer, entrega-a ao teu filho mais velho ou a alguém de quem gostes muito e que seja da tua inteira confiança.

O homem ficou muito comovido, agradeceu e continuou a sua caminhada, conservando a pedra como a sua relíquia mais preciosa.

25 Diz a tradição que o espírito, transformado e tornado visível, sempre que aparece, costuma proceder assim: primeiro, saúda o caminhante, pergunta-lhe o que precisa e conversa um pouco com ele. Na maioria dos casos, ajuda-o e, depois, antes de desaparecer, entrega-lhe uma preciosa pedra que é herança para os descendentes do caminhante. Por isso, nas situações mais difíceis, os timorenses pedem auxílio debaixo dos gondoeiros e esses pedidos são muitas vezes ouvidos e atendidos.

30 Os crentes montam lugares especiais no gondoeiro onde, na hora da invocação, descem os espíritos benignos que repousam nesses locais e, aí, preparam os seus cozinhados. Depois, o mais velho dos crentes inicia a invocação para “o despertar do espírito”. Em seguida há um almoço e a comida para os espíritos é oferecida em cestinhos cheios de arroz e carne da melhor qualidade.

35 O gondoeiro é o elo de ligação entre a terra e o céu. No tronco da árvore fazem-se também escadinhas, sinal da passagem do homem para o mundo invisível.

Assim como os cristãos têm a igreja, uma “fatuk lulik”, assim também os crentes consideram o gondoeiro a árvore sagrada ou “ai lulik”, pois nesse lugar sentem-se protegidos e recebem muitos benefícios.

Helena Marques Dias (dir.), *Lendas e Fábulas de Timor-Leste*



26.1 O conto inicia-se com um preâmbulo breve.

- a) - Em que consiste essa introdução e qual parece ser a sua finalidade?
- b) - Que informações são fornecidas ao leitor e qual a sua relevância?

26.2 Atenta, agora, na conclusão da narrativa.

- a) - Em que parágrafo se inicia e em que consiste?
- b) - Compara-a com a introdução, de modo a identificares elementos comuns.

26.3 O episódio central do conto é muito breve.

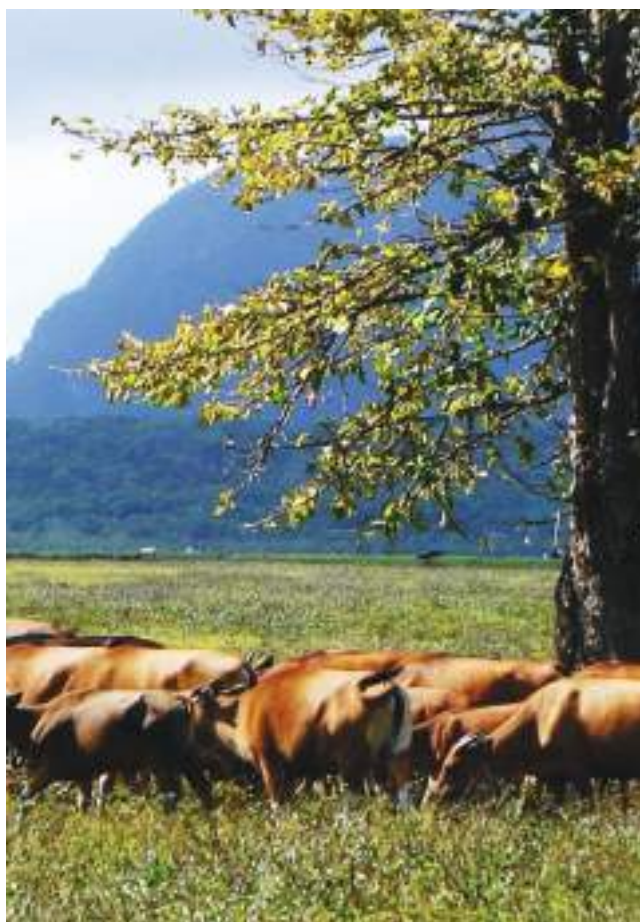
- a) - Que valores surgem como centrais nesse episódio?
- b) - Qual o seu significado simbólico?

26.4 Descreve a personagem alvo da proteção do espírito. Como reage ao facto de ser escolhida?

26.5 O texto também inclui a descrição de um ritual animista. Em que consiste e com que objetivos é praticado?

26.6 Atenta na comparação deste ritual com as práticas cristãs. Que semelhanças são sugeridas?

26.7 Investiga e recolhe outros exemplos de práticas e rituais que envolvam a natureza e procura caracterizá-los.



Rui Ramos

6 Atividade - FÁBULAS

A fábula é um gênero ancestral, com expressão tradicional e culta, representada em múltiplas tradições literárias. Lê atentamente os seguintes excertos informativos sobre a fábula.

Fábula

1 *Lat.* Fabula, conversação, narração, relato. Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias, deixa transparecer uma alusão, via de regra satírica ou pedagógica, aos seres humanos. Escrita em verso até

5 ao século XVIII, em seguida adotou a prosa como veículo de expressão.

De longa origem, talvez oriental, a fábula foi cultivada superiormente na Antiguidade clássica por Esopo, escravo grego do século VI a.C., e por Fedro, escritor latino do século I da era cristã. La Fontaine destacou-se como o mais inventivo dos fabulistas surgidos após a Renascença: as suas histórias, dadas a lume entre 1668 e 1694, foram largamente traduzidas, aplaudidas e imitadas.

10 Em vernáculo, a fábula foi apreciada desde a Idade Média, mas apenas no século XVIII, graças ao exemplo de La Fontaine, entrou em moda: os árcades portugueses cultivaram-na, ora vertendo narrativas estrangeiras, ora compondo espécimes originais. Na centúria e meia seguinte, citam-se dentre outros, Garrett (*Fábulas e Contos*, 1853), Henrique O'Neill (*Fabulário*, 1885), João de Deus (*Fábulas para a gente moça*, 1955), Cabral do Nascimento (*Fábulas*, 1955). Entre nós, a fábula começou a circular no Romantismo: Anastácio Luís e

15 Bomsucesso (*Fábulas*, 1860), Coelho Neto (*Fabulário*, 1907), Monteiro Lobato (*Fábulas*, 1921), Maximiano Gonçalves (*Fabulário*, 1950), etc. (...)

Massaud Moisés, *Dicionário de Termos Literários*

1 (...) A fábula designa um relato quase sempre breve, de ação relativamente tensa, mas não muito sinuosa, interpretada por personagens também não excessivamente complexas (personagens que são muitas vezes animais irracionais), apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral. É a simplicidade que a caracteriza que torna evidente e inequívoca, na fábula, essa conclusão muitas vezes explicitada pelo

5 narrador.

Carlos Reis, Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*

1 Basicamente, a fábula é constituída por uma narrativa elementar, extremamente breve e concisa, não raras vezes reduzida ao mínimo essencial: duas personagens e uma ação, tal como os títulos sempre evidenciam (*A Cigarra e a Formiga*, leia-se: “a cigarra *versus* a formiga”, onde os termos e ou *versus* devem ser entendidos como o predicado de ação mais apropriado à relação de oposição entre estes dois elementos,

5 por exemplo: a formiga critica a cigarra. A razão de tal ação é inerente às pretensas características específicas dos elementos em oposição – ócio/trabalho).

Recordemo-nos que o termo “fábula” designa classicamente o núcleo de todas as narrativas, isto é, o sistema de situações e de ações que constituem a estrutura de toda a narrativa. (...)

E que fenómeno estará subjacente a todas as narrativas senão o comportamento de forças antagónicas

10 que, no ser humano, se expressa sobretudo pela tensão existente entre o princípio do prazer e o princípio da realidade tão bem retratado em *O Corvo e a Raposa*?

Contudo, a originalidade narrativa da fábula reside mais na suas intenções didáticas que na criatividade das situações, uma vez que procura uma dimensão mimética ou imitativa da própria natureza. Esta última característica não deve, no entanto, levar-nos a menosprezar nem a perspicácia da observação e interpretação

15 do mundo natural, nem o engenho da sua recriação. (...)

A fábula inscreve-se no conjunto mais vasto da literatura alegórica, sobretudo pela sua intenção disciplinadora de condutas. É óbvio que, tal como a alegoria e a parábola, também procura ilustrar uma verdade universal, através de uma narrativa concreta e particular.

Luciano Pereira, “A fábula, um gênero alegórico de proverbial sabedoria”, *forma breve*, nº 3

1.1 Com base na informação facultada pelos textos, destaca, de entre as características temáticas e/ou formais a seguir apontadas, aquelas que, na tua opinião, são essenciais para uma definição do género da fábula.

- a) - carácter narrativo
- b) - ação elementar
- c) - brevidade
- d) - funcionalidade pedagógica
- e) - moralidade final explícita
- f) - presença de animais antropomorfizados
- g) - uso da prosa
- h) - presença do diálogo

1.2 Tenta determinar o relevo da fábula na cultura timorense, desenvolvendo alguma pesquisa sobre:

- a) - animais mais insistentemente referidos e virtudes/vícios que simbolizam;
- b) - modalidades de circulação das narrativas (oral/escrita; prosa/verso; canto/recitação);
- c) - recolhas eventualmente disponíveis.

2 Atividade

Os textos abaixo reproduzidos são expressamente designados como fábulas pelos seus autores. No entanto, afastam-se substancialmente do género anteriormente descrito e constituem, por isso, recriações livres desse modelo. Lê-os com atenção.

Fábula

Menino gordo comprou um balão
e assoprou
assoprou com força o balão amarelo.

Menino gordo assoprou assoprou
assoprou
assoprou
o balão inchou
inchou
e rebentou!

Meninos magros apanharam os restos
e fizeram balõeszinhos.

José Craveirinha, Karingana wa Karingana

Bestiário

Dizia a Louva-a-Deus:
– Ao pé de mim todos ficam tranquilos. E
apontava com a patita o seu ninho, coberto de
quedas carcaças, devoradas.

Mário de Carvalho, Fabulário

2.1 Refere os elementos semânticos e formais que, nos dois textos apresentados, remetem para o género da fábula e os traços distintivos que neles se encontram ausentes.

2.2 Que conclusões podes retirar relativamente à evolução histórica da fábula?

3 Atividade

O texto que se segue constitui a versão adaptada de uma fábula africana.

A mana do crocodilo

1 Um crocodilo pouco dado a convivências enterrou à beira-rio um poste, que tinha pregado um letreiro, onde se lia:

RIO DO CROCODILO

Propriedade privada

5

Não era bem assim, porque quer a montante quer a jusante havia mais crocodilos e hipopótamos e flamingos e mais bicharada, mas não valia a pena discutir o caso.

Além do mais, o rio, como realmente se chamava em todos os mapas, era o Nilo, nome que basta ouvi-lo para senti-lo como rima com crocodilo. Não há que discuti-lo. É uma figura de estilo.

10 Fosse como fosse, este crocodilo achava-se com direito a placa de sinalização. Se lhe dava prazer, não seremos nós que o vamos desdizer.

Mas desdisse-o uma galinha depenicante que, desprevenidamente, se aproximara do território de exclusividade do crocodilo.

15 – Alto que isto aqui é meu – gritou-lhe o crocodilo, fazendo-lhe frente, de boca aberta. Está-se a imaginar o que se prepara para acontecer...

– Se não leu o letreiro, resigna-se às consequências – insistiu o crocodilo.

– Eu não sei ler – disse, humildemente, a galinha que era do mato.

Parece que as de capoeira são mais instruídas.

20 – Não vale como desculpa – replicou o crocodilo, abrindo cada vez mais a boca, que até rangeu nas dobradiças.

– Poupe-me, irmão – implorou a galinha.

E não é que, no último instante, o crocodilo a poupou? Espantoso. Mas como podia ele proceder de outro modo, diante de uma galinha que o tratava por irmão?

Atacar, mastigar, engolir, digerir uma irmã? Nunca! E a galinha depenicou à vontade, no território

25 exclusivo do crocodilo.

Mais tarde, interrogou-se se não haveria ali abuso? Irmã? Irmã dele? Como?

No dia seguinte, a galinha regressou ao sítio, mais à vontade, quase descarada.

– Passe bem, irmão – cumprimentou ela.

E pôs-se a depenicar mesmo rente à dentuça do crocodilo.

30 Nos dias seguintes, repetiu-se o atrevimento.

Era demais.

Foi o que achou o crocodilo.

– Ouça lá, nós somos irmãos da parte de quem? – quis ele saber.

– Da parte do ovo – respondeu a galinha. – Nasci de um ovo tal como o mano. Ou já não se lembra?

35 Ela tinha razão. O crocodilo abriu a boca, mas de espanto. Então ele, à conta do ovo, era irmão de uma galinha? Que esquisito.

Mesmo assim foi avisando:

– Seremos, talvez, irmãos, ainda que afastados. E, pelo sim, pelo não, aconselho a mana a escolher outras paragens. É que não quero ser responsável por um corte de relações na nossa família. Entendeu?

40 A galinha entendeu tão bem que não voltou a depenicar por aqueles sítios.

Boletim da Fundação Calouste Gulbenkian, "A Fábula"

3.1 Como é frequente no género fabulístico, também neste caso os animais constituem representações simbólicas de qualidades e vícios humanos. Identifica os traços de caráter/comportamento encarnados pelo crocodilo e pela galinha.

3.2 Na tua opinião, os traços psicológicos evidenciados pela galinha, nesta fábula, encontram-se de acordo com as características fundamentais que a tradição popular lhe atribui? Justifica a tua resposta, fazendo apelo a outras fábulas que conheças em que a galinha igualmente desempenhe papel relevante.

3.3 “Além do mais, o rio, como realmente se chamava em todos os mapas, era o Nilo, nome que basta ouvi-lo para senti-lo como rima com crocodilo. Não há que discuti-lo. É uma figura de estilo”. (l.8) Identifica a figura de estilo a que alude o narrador.

3.4 O narrador intervém frequentemente, no decurso do texto, exprimindo pontos de vista, comentando o comportamento dos intervenientes e, por essa via, conferindo vivacidade ao relato. Proceda ao inventário das intervenções do narrador, esclarecendo, em cada caso, a sua função.

3.5 Embora a fábula transcrita não inclua uma lição expressa, dela se deduz uma moralidade. De entre as que abaixo se propõem, escolhe aquela(s) que mais adequadamente sintetiza(m) o ensinamento veiculado pela história.

- a) - Os laços familiares superam todas as diferenças.
- b) - A astúcia suplanta a força.
- c) - Os mais fracos devem resignar-se e evitar o confronto com os mais fortes.
- d) - A sorte é dos inocentes.

3.6 Como já sabes, as fábulas foram, sobretudo no passado, transmitidas também sob forma versificada. Reconta em verso a fábula da “Mana do crocodilo”. Podes recorrer a quadras populares e organizar uma lista de algumas palavras de rima que possas vir a utilizar no teu texto poético. Não te esqueças de ler o texto à turma.

4 Atividade

Vários autores têm recuperado, na sua produção literária, o repertório fabulístico, elegendo animais como personagens das suas ficções e investindo-os de uma nítida dimensão simbólica. É o caso do escritor português Trindade Coelho que, no conto “A Choca”, apresenta uma galinha como protagonista. O texto a seguir transcrito é um excerto dessa narrativa. Lê-o atentamente.

A Choca

1 Aquela tarde, a Choca recolhera ao poleiro mais cedo do que o costume. Atrás dela, lembrando doze novelitos de ouro a mexerem-se como por milagre, os doze filhinhos tinham seguido a mãe, – e lá dentro, qual deles com mais dificuldade, um a um tinham-se encarrapitado no velho cesto de palha onde faziam a cama, aninhando-se, o melhor que puderam, debaixo da asa materna.

5 Eles mesmos tinham estranhado recolher tão cedo aquela tarde, os pequenitos; – mas, cá fora, o rancho das outras galinhas atribuía isso à doença da Choca, porque a pobre, com o gogo, metia dó com tamanho sofrer! Um pouco aterradas, tinham assistido havia três dias a essa operação que a Choca sofrera, e que certas delas, na grei, sabiam muito dolorosa. A pena que lhe espetara no pescoço a velha que cuidava delas,

fora o mesmo que nada, – e se mal estava, pior ficara, a pobre! Ainda a trazia, essa pena, mas quase seca
10 porque não purgava; e entretanto, sem bem lhe fazer, afligia-a como se fosse um estigma, – tanto ou mais
que a própria doença...

Por isso recolhera cedo, a Choca; deixando fora, pelo terreiro, gozando ainda o seu resto de tarde, o
rancho das companheiras.

Ai, eram bem felizes, essas! Pelo buraco do poleiro, sentia-as agora cacarejar, – e não tardaria que o
15 milho do recolher, que a velha, todas as tardes, trazia para elas no seu mandil, alvoroçasse no prazer do
costume, em que por via de um grão, às vezes, havia entre todas rixas alegres, o bando das companheiras...

Só ela, doente, quase já não sabia o que era comer; – e ainda essa tarde, morta de sede, invejara a
gotinha de água que um ou outro dos seus pintainhos, beberricando na pia, deixava, depois de saciado, cair
do biquinho como uma pérola.

20 Mas nem comer nem beber, ela, que era muita a gosma, e não podia! E pelo que tocava a cacarejar, nem
o bastante para a ouvirem os filhos, para os admoestar, para os dirigir, – quanto mais para uma dessas tiradas
que outrora lhe haviam feito, ao romper da manhã, a sua fama de cantadeira! Galos que ela apaixonara,
ciúmes em que fizera arder tantas rivais, ralhos, intrigas, combates, – como tudo isso ia longe, agora! Nos
bebedouros, ela mesma se namorara da sua figura esbelta, muitas vezes; – e que o não adivinhara na devoção
25 dos galos, de tantos que a tinham amado, e que ao aclarar das manhãs, todos os dias, lhe declaravam o seu
amor dos poleiros à roda, – adivinhara-o na inveja das outras, esse prestígio mágico da sua beleza...

Certo galo, sobretudo, agora já velho, – e, como ela, agora já também sem entusiasmos, dir-se-ia que o
enfeitiçara; e agora mesmo, vendo-a recolher cedo com a ninhada, esse velho e trôpego apaixonado (mas belo,
ainda assim, na sua justa decrepitude) não tardara a recolher-se também. Subtil, passara, sumira-se ao fundo
30 na sombra densa; e erguendo um voo pesado, sentira-o aninhar-se onde passava as noites, numa trave a um
canto do poleiro. Cansaço talvez da vida, talvez doença também, – quem lhe dizia a ela, entretanto, que ele se
não recolhera por a ver recolher, por a ver doente, por um impulso de compaixão, que era agora, talvez, como
a agonia do seu velho amor?!

Pelo que respeitava às companheiras, as da sua geração eram já poucas; e essas, como ela própria, mais
35 saudosas da mocidade, do que lembradas; e quanto às novas, muitas criara-as ela, – e, sobretudo, não era já
dela que tinham ciúmes...

De resto, ela mesmo era boa companheira; e tirante algum fogacho de génio por amor dos filhos, se
tinha de os proteger ou se lhos ofendiam, até no comedouro era moderada e no bebedouro; – e muitos
pintainhos doutras ninhadas queriam-lhe como se fosse avó, e os frangos, uma vez por outra, ela própria,
40 de manhã, ensinava-os a cacarejar. Ah, mas esse bom tempo ia passado! Já chocara a ninhada com pouca
saúde; e surpreendendo-se, às vezes, sem paciência para aturar os filhos, ignorava se seria por isso, se por a
verem talvez doente, que eles mesmos, coitadinhos, pareciam às vezes também doentes!

(...) Entretanto, eles tinham-se aninhado todos, o melhor que lhes fora possível, debaixo da asa materna;
– e embora muito enferma, ela era feliz, ainda assim, por ter tão quentes os seus pequeninos, – e agora, por
45 certo, todos a dormir e talvez sonhando.

Trindade Coelho, *Os Meus Amores*

4.1 A caracterização da Choca torna evidente, no domínio dos atributos e dos comportamentos, o seu tratamento humanizado. Procede ao levantamento desses traços e relaciona-os com as convenções da fábula.

4.2 O texto centra-se na doença da Choca e retrata o seu declínio.

4.2.1 Enumera os seus sintomas físicos e psicológicos.

4.2.2 O texto menciona uma tentativa ineficaz de cura da Choca. Descreve-a por palavras tuas.

4.3 Tenta esclarecer, reportando-te ao contexto em que são empregados, o sentido dos seguintes termos. Confirma, em seguida, o seu significado, recorrendo ao dicionário. Regista palavras alternativas que pudessem ser utilizadas num discurso mais coloquial.

4.3.1 gogo (l.6)

4.3.2 grei (l.8)

4.3.3 estigma (l.10)

4.3.4 mandil (l.15)

4.3.5 admoestar (l.21)

4.3.6 decrepitude (l.29)

4.4 A função maternal é crucial na delineação do retrato da Choca.

4.4.1 Parece-te justificado que seja uma galinha o animal eleito para encarnar o sentimento maternal? Fundamenta a tua resposta.

4.4.2 Alguns processos estilísticos utilizados no texto, designadamente a comparação e o uso do diminutivo, visam sublinhar a dedicação e a afetividade da Choca em relação à sua criação. Identifica-os no texto e comenta o seu valor expressivo.

4.5 Embora com distintas intenções pedagógico-morais, em todos os provérbios a seguir reproduzidos a galinha é mencionada. Lê-os atentamente.

- a) - Galinha do mato não quer capoeira.
- b) - A galinha é que cobre os pintos.
- c) - Galinha cantadeira é pouco poedeira.
- d) - Onde há galo não canta galinha.
- e) - A galinha da minha vizinha é mais gorda do que a minha.

4.5.1 Selecciona aquele(s) cuja lição aplicarias ao conto “A Choca”.

4.5.2 Esclarece o alcance de cada um dos provérbios transcritos, clarificando, em particular, os múltiplos valores simbólicos associados à galinha.



5 Atividade

No poema “A Galinha Engripada”, António Manuel Couto Viana glosa um tema semelhante ao do conto de Trindade Coelho que acabaste de ler, dirigindo-se sobretudo ao recetor infantojuvenil.

A Galinha Engripada

1 A Galinha
coitadinha!
tem sintomas graves
de gripe das aves.
5 Não canta: está rouca,
e cobre-se de roupa.
Hora a hora, espirra
(irra! irra! irra!)
Fala à sobreposse:
10 (tosse! tosse! tosse!).
Tão doente fica
que nem depenica.
Anda o jardineiro
num grande berreiro,
15 temendo que ela
lhe pegue a mazela.
Médico afamado,
o Mocho é chamado
pra dar a sentença.
20 Todo empertigado
diz que essa doença
é só resfriado:
nada que não vença
um xarope doce
25 que alivie a tosse
e a rouquidão.
– “Tome, não hesite,
que traz o apetite
pró milho e pró pão.
30 E coma a minhoca
que não a sufoca.
Mas tenha cuidado
com o agasalho”
– disse o Mocho inchado.
35 E voltou ao galho.
Passaram uns dias
sem tosse e agonias,
Cacaracacá!
a Galinha já
40 põe ovos e canta.
Tão limpa a garganta!
A saúde é tanta
que a todos espanta.
O Mocho do galho
45 fez um bom trabalho.

António Manuel Couto Viana, *Quem Gosta de Animais Cresce Mais*

5.1 Identifica os processos semânticos e retórico-estilísticos que garantem a adequação do texto a um público infantojuvenil, designadamente:

- a) - a simplicidade do tema e da estrutura narrativa;
- b) - o recurso aos registos cómico e humorístico;
- c) - o valor simbólico convencional dos animais intervenientes;
- d) - os códigos fónicos, métricos, rítmicos e rimáticos (onomatopeias, rima, aliteração).

6 Atividade - Uma Galinha

No conto “Uma Galinha”, a escritora brasileira Clarice Lispector constrói uma fábula contemporânea, na qual revisita ironicamente a relação convencional entre a galinha e a condição feminina.

- 1 Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.
- 5 Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutra pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de
- 10 fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por
- 15 mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado. Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre. Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras
- 20 que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma. Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha
- 25 com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e
- 30 assistiu a tudo estarelecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:
– Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!
Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta

não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria
35 nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

– Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

– Eu também! Jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

40 Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

45 Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à
50 beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se os anos.

Clarice Lispector, *Laços de Família*

6.1 O retrato que gradualmente se constrói da galinha torna evidente a dimensão simbólica de que ela se encontra investida no conto. Explica, em função desta afirmação, a alternância de expressões designativas atribuídas à galinha no texto:

6.1.1 “galinha de domingo” (l.1)

6.1.2 “o almoço” (l.9)

6.1.3 “jovem parturiente” (l.33)

6.1.4 “rainha da casa” (l.41)

6.2 “Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça.” (l.13) Explica o sentido desta afirmação, esclarecendo o modo como, num plano simbólico, pode ser interpretada a inesperada fuga da galinha.

6.3 No texto, sublinha-se que a galinha era “estúpida, tímida e livre” (l.19) e “não vitoriosa como seria um galo em fuga” (l.19). Tomando em consideração que este conto de Clarice Lispector tem sido lido como uma alegoria da condição subalterna da mulher, explicita o alcance da oposição galo/galinha.

6.4 A maternidade da galinha altera drasticamente tanto o seu comportamento como o dos outros em relação a ela. Atendendo à tradicional associação entre o feminino e a maternidade, como pode entender-se esta súbita transformação?

6.5 Confrontando este conto de Clarice Lispector com o género da fábula tradicional, o que podes deduzir sobre a função simbólica desempenhada pelas personagens animais? Justifica a tua resposta.

7 Atividade

A seguinte crónica de Inês Pedrosa, onde a autora apresenta uma versão irónica da relação entre os sexos, parte da mesma associação entre a galinha e o género feminino. Lê-a cuidadosamente.

Cuidado com as galinhas

1 “Que havemos de fazer: estamos na era das mulheres-piu-piu.”

As mulheres piu-piu, no dizer da mulher que assim desabafava, são seres inteligentes e independentes que se disfarçam de frágeis e carentes para melhor singrarem no mundo do poder masculino. Distinguir-se-iam da tradicional “mulher-galinha” pelo porte alado de pomba branca e pelo recurso ao silêncio significativo (em vez do cacarejar massacrante) e ao olhar maquilhado de desespero que aparentemente nenhuma galinha consegue ter – nem mesmo na iminência do matadouro. As mulheres piu-piu teriam substituído o casquinado cacarejo das suas antecessoras por uns pios lancinantes, esdrúxulos, e, em vez do grão, trariam debaixo da asa uma parafernália de comprimidos vertiginosamente coloridos que lançariam à goela, com aviso prévio, em doses moderadas e constantes, para fazer crer aos galifões da capoeira que estariam dispostas a morrer por causa deles. Respondi a essa minha amiga que na capoeira onde as mulheres piu-piu vicejam é possível encontrar igual número de homens-pintainho, galarós de ontem astutamente convertidos ao protocolo feminino dos afetos; homens que paradoxalmente piam: “Sim, sou um cão” e arredondam as penas para se confessarem traumatizados, perdidos, abandonados pelo mundo ou pelas mães, homens que baixam os olhos e se vestem de timidez para comover as mulheres – mesmo sem recurso a medidas drásticas de espetáculo shakesperiano, que as mulheres estão habituadas a comover-se com pouco.

Enfim, parece que a capoeira sobrevive, agora em plumagens mais democráticas.

Inês Pedrosa, *Crónica Feminina*

7.1 A escrita cronística corresponde, regra geral, a um exercício de interpretação pessoal ou análise subjetiva estimulado por um dado do quotidiano.

7.1.1 Identifica a circunstância que, no caso presente, motivou a reflexão da autora.

7.1.2 Retira do texto frases/expressões que comprovem a intervenção subjetiva da autora. Justifica adequadamente a tua seleção.

7.2 Prolongando a aproximação simbólica entre mulher e galinha, distinguem-se, na crónica, várias categorias de homens e mulheres: a “mulher piu-piu” (l.1), a “mulher-galinha” (l.4), os “galifões da capoeira” (l.9) e os “homens-pintainho” (l.11). Caracteriza cada uma delas.

7.3 Explica, por palavras tuas, o sentido das seguintes palavras/expressões, no contexto em que são empregadas:

7.3.1 “porte alado de pomba branca” (l.4)

7.3.2 “casquinado cacarejo” (l.7)

7.3.3 “vicejam” (l.11)

7.3.4 “protocolo feminino dos afetos” (l.12)

7.4 Esclarece, em função das analogias irónicas desenvolvidas pela cronista, o sentido da última frase do texto: “Enfim, parece que a capoeira sobrevive, agora em plumagens mais democráticas”(l.16).

M E T A S

O aluno dever ser capaz de :

1. Reconhecer a tradição – patrimonial, popular, literária – como um substrato identitário e um terreno recetivo à recriação transformadora.
2. Identificar a assimilação dinâmica da herança tradicional (gêneros, temas, motivos) em textos literários de autoria culta.
3. Caracterizar os efeitos e a intenção dos processos de reconfiguração ficcional do texto tradicional em alguma produção literária lusófona contemporânea em atividades de leitura metódica comparativa.
4. Apontar a identificação do autor como propriedade definidora do texto literário consagrado, confrontando-a com a criação anónima coletiva que tipifica a poética do texto tradicional.
5. Identificar as amplas possibilidades de manifestação do fenómeno intertextual, correlacionando-as com a sua diversa funcionalidade estético-ideológica.
6. Identificar afinidades e dissemelhanças entre o conto oral tradicional e o conto literário, reconhecendo no diálogo entre ambos inegáveis potencialidades de renovação temático-formal .
7. Apontar os traços semântico-estruturais que tipificam a escrita contística, relacionando-os com o imperativo de brevidade.



Unidade Temática 5 | Reescritas

Unidade Temática 5 | Reescritas

- 1 “Sobressaindo como um dos mais conhecidos contos da tradição, *O Capuchinho Vermelho* viajou, desde um indefinível lugar de origem, até aos dias de hoje. Fixado pela escrita, pela primeira vez, pelo francês C. Perrault (1697), foi, já no século XIX, que, com a assinatura dos irmãos Grimm (1812), surgiu a matriz deste conto da tradição oral que viria a solidificar o referente coletivo e que, com mais frequência, tem servido
- 5 de base fértil a inúmeras traduções, reinterpretações, adaptações e versões, que possuem, na maioria dos casos, a criança como destinatário preferencial. Provado parece estar o facto de *O Capuchinho Vermelho* se distinguir como uma narrativa incontornável da experiência literária coletiva, bem como do espaço da infância guardado na memória pessoal de muitos adultos, como atestam as referências diretas e indiretas a este texto que atravessam a literatura ocidental de géneros diversos e de destinatário variado ao nível
- 10 etário.”

Sara Reis da Silva, *O Capuchinho Vermelho revisitado:*

leituras de História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e Nem Por isso, de Manuel António Pina

Na presente unidade didática, são propostas leituras, análises e outras atividades de expressão escrita que têm por base este texto clássico.

1 Atividade

Lê atentamente a versão que a seguir se transcreve de um conto tradicional que certamente conheces:

O Capuchinho Vermelho

1 Era uma vez uma jovem aldeã, a mais bonita que fosse dado ver; a sua mãe era louca por ela e a avó mais ainda. Esta boa mulher mandou fazer-lhe um capucho vermelho, que lhe ficava tão bem que em todo o lado lhe chamavam Capuchinho Vermelho.

Um dia a mãe, tendo cozido pão e feito bôlas, disse-lhe: “Vai ver como está a tua avó, porque me

5 disseram que está doente; leva-lhe uma bôla e este potinho de manteiga”.

Capuchinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar num bosque encontrou o compadre Lobo, que tinha muita vontade de comê-la, mas não se atrevia a tal por causa de alguns lenhadores que estavam na floresta. Perguntou-lhe aonde ela ia; a pobre criança, que não sabia que é perigoso deter-se para escutar um Lobo, disse-lhe:

10 “Vou ver a minha avó e levar-lhe uma bôla com um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda”.
“Ela mora muito longe?” perguntou o lobo.

“Oh, sim”, disse Capuchinho Vermelho, “é para lá do moinho que vê lá mesmo ao fundo, ao fundo, na primeira casa da aldeia”.

15 “Pois bem”, disse o Lobo, “eu também quero ir vê-la; vou por este caminho e tu vai por aquele, a ver quem chega lá primeiro”.

O Lobo desatou a correr com toda a força pelo caminho mais curto e a jovem foi pelo caminho mais longo, entretendo-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer ramos com as florezinhas que encontrava.

O Lobo não demorou muito a chegar a casa da avó; bate à porta: Toc, toc.

20 “Quem está aí?”

“É a sua pequena, Capuchinho Vermelho”, disse o Lobo disfarçando a voz, “que lhe traz uma bôla e um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda”.

A boa avó, que estava de cama por se achar adoentada, gritou-lhe: “Puxa a cavilha, que o trinco cairá.

O Lobo puxou a cavilha e a porta abriu-se. Ele atirou-se à velhinha e comeu-a em menos de nada, porque

25 há três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi-se deitar na cama da avó, à espera de Capuchinho

Vermelho, que algum tempo depois veio bater à porta. Toc, toc.

“Quem está aí?”

Capuchinho Vermelho, que ouviu a voz grossa do Lobo, primeiro teve medo, mas pensando que a avó estivesse constipada, respondeu: “É a sua pequena, Capuchinho Vermelho, que lhe traz uma bôla e um
30 potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda”.

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz:

“Puxa a cavilha, que o trinco cairá”.

Capuchinho Vermelho puxou a cavilha e a porta abriu-se. O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe enquanto se escondia sob a colcha: “Põe a bôla e o potinho de manteiga em cima da masseira e vem deitar-te comigo”.

35 Capuchinho Vermelho despe-se e vai meter-se na cama, onde ficou muito espantada de ver as formas da avó em camisa de noite; e disse-lhe:

“Avó, que grandes braços tem!”

“É para melhor te abraçar, minha filha.”

“Avó, que grandes pernas tem!”

40 “É para correr melhor, minha pequena.”

“Avó, que grandes orelhas tem!”

“É para escutar melhor, minha pequena.”

“Avó, que grandes olhos tem!”

“É para ver melhor, minha pequena.”

45 “Avó, que grandes dentes tem!”

“É para te comer.”

E, ao dizer estas palavras, o Lobo malvado atirou-se sobre Capuchinho Vermelho e comeu-a.

MORALIDADE

50 Vê-se aqui que crianças jovens, sobretudo moças belas, bem feitas e gentis, fazem muito mal em escutar todo o tipo de gente; e que não é coisa estranha que o lobo tantas delas coma. Digo o lobo, porque nem todos os lobos são do mesmo tipo. Há-os de um humor gracioso, subtis, sem fel e sem cólera, que — familiares, complacentes e doces — seguem as jovens até às suas casas, até mesmo aos seus quartos; mas ai! Quem não sabe que estes lobos delicodoces são de todos os lobos os mais perigosos.

(versão de Charles Perrault)

1.1 Identifica no conto transcrito:

1.1.1 as personagens intervenientes;

1.1.2 as características físicas e psicológicas que lhes são atribuídas;

1.1.3 a relação de solidariedade/antagonismo que estabelecem entre elas;

1.1.4 as sequências narrativas nucleares.

1.2 Todo o relato se encontra orientado para a formulação de uma moralidade final.

1.2.1 Distingue os destinatários potenciais dessa lição de vida.

1.2.2 Relaciona-a com a vocação pedagógica/instrutiva que é comum a vários dos géneros de literatura tradicional.

1.2.3 Propõe uma expressão alternativa para “lobos delicodoces” (I.54), tomando em consideração o seu valor real e figurado.

2 Atividade

O texto que se segue é da autoria de Matilde Rosa Araújo. Reescrita do célebre conto de C. Perrault, esta versão distingue-se pela sua prosa com contornos poéticos. Procede, então, à sua leitura atenta.

O Capuchinho Cinzento

1 Que posso eu contar?

Passaritos de cristal, porque andam em volta da minha cabeça a contar uma história que eu não entendo?

A Lua a rodar na noite
e a minha cabeça entontecida a escutar, a escutar.

5 A Lua tão redonda, grande, cheia de luz,
vai descansar enquanto a noite for morrendo...

Passaritos de cristal, o que têm para me dizer?

E os passaritos de cristal, a voar, a cantar:

– É a história do Capuchinho Cinzento,

10 que foi o capuchinho vermelho
da menina que levava a merendinha à avó
e encontrou o lobo mau!

– Ó delicados cantores de cristal, digam-me,
cantem-me o que aconteceu ao Capuchinho Cinzento,

15 agora, com tanta idade?
– Lembra-se do Capuchinho Vermelho
a caminhar pelo bosque verde cheio de paz?
Um bosque de folhas verdes molhadas de pérolas de orvalho?
Um bosque perfumado

20 com o aroma das folhas que dançavam ao vento?
Que secavam com o lume de luz
que tombava dos céus?

Ó delicados cantores de cristal, ajudem-me,
tragam-me à ideia um beijo de prata do frio das águas

25 para eu despertar.

Eu só vejo a Velha de Capuchinho Cinzento
muito perto, muito perto de mim.

E vejo um Lobo com botas de espinheiros
a caminhar, a caminhar, a caminhar...

30 Ai, passaritos de cristal,
para onde vai a Velha do Capuchinho Cinzento?
– Irá à fonte ouvir o violino da água que corre,
ou vai buscar uma cantarinha de água.
A água, quando fica presa dentro da cantarinha de barro,

35 não pode cantar.
Mas mata a sede!
– Passaritos de cristal,
digam-me que eu não sei cantar. Cantem!

Viram um dedal brilhante
40 no dedo da Velha de Capuchinho Cinzento?
– Ela esqueceu-se de o tirar
quando veio à fonte.
Estava a coser nos calções e saíhas dos netos,
aqueles buracos das roupas

45 que só as crianças sabem fazer.
Levantou-se num repente
e começou a andar..
– Sabem, passaritos? Eu oiço
a Velha de Capuchinho Cinzento cantar!

50 Com uma voz trémula,
já um pouquinho rouca.
mas entoada e doce como
quando tinha o capuchinho vermelho.

E ia tão contente, pelo bosque,
55 levar a merendinha à avó.

Ah! Mas agora eu continuo a ver o Lobo a caminhar, a caminhar...
em direção à Velha de Capuchinho Cinzento.
– Ela nem dá por ele, assim a cantar e já um pouco surda.
e o Lobo vem devagar, manso, muito manso, para não o assustar.

60 – Passaritos de cristal,
ajudem-me agora!
Estou aflita a contar esta história.
História que se passou.
De verdade.

65 E parece que quer continuar..
Ó delicados passaritos de cristal,
então porque é que
a Velha de Capuchinho Cinzento
vai à fonte?

70 É noite ainda, e ela canta, canta
e a Lua redonda dança no céu!

O Lobo avança, avança em sua direção. E a Velha não escuta
os seus passos... Parece que o seu escutar só entende
o violino da água da fonte que vai prender na cantarinha de barro.

75 A Velha já vai ficando cansada, as pernas estão fracas,
doridas de tanta idade.

Então, vê uma pedra do bosque, quase escondida
debaixo dos musgos que a cobrem. E ali se senta,
com custo (ai, como dobrar os joelhos dói!).

80 Senta-se, poisa a cantarinha sobre os joelhos doídos
e, pouco a pouco, deixa-se adormecer.

É escuro ainda, mas quase dia...

Bate em silêncio, o coração escondido do bosque.

Só o dedal brilha no dedo do Capuchinho Cinzento,

85 mágico e brilhante como a lágrima de uma estrela.

O Lobo devagar, devagarinho, vai chegando à pedra cheia de musgo
onde a Velha descansa, adormecida. Nem uma rainha de outros tempos
descansaria assim num trono de veludos!

E o Lobo devagar, devagarinho, chega-se mais à pedra – o Lobo, com botas de espinheiros, os olhos luzeiros,

90 uma bocarra enorme
mostrando alguns dentes agudos, ameaçadores.

– Ai, passaritos de cristal, eu própria que estou a escrever
aqui na minha mesa, dentro de casa, tenho medo. Ajudem-me.

95 Vocês não podem espantar o Lobo, pois não?

São tão frágeis as aves, com as suas asas de penas. Aéreas...

Eu sei que vocês também têm medo. Mas cantem!

Não vamos deixar a Velhinha, pois não?

Vejam, ela sonha e sorri, o rosto cheio de rugas

100 debaixo do capuchinho cinzento.

E segura a cantarinha entre as mãos,

o dedal brilhando como uma lágrima de estrela.

Dormem ainda as flores no bosque,

fechadas as suas pétalas no aconchego do chão.

105 Ergue-se lentamente o manto da madrugada.

– E o Lobo, passaritos?

– O Lobo vem, vem de manso até à Velha adormecida.

E para, deslumbrado. Os seus olhos luzeiros de ternura!

Lambe docemente as mãos

110 que seguram a cantarinha,

lambe o dedal, estrela do Sol.

A Velha de Capuchinho Cinzento estremece.

Quase acorda ao sentir aquela língua áspera

que lhe passa pelas mãos

115 que seguram a cantarinha. E sorri.

Acorda devagar, olha o Lobo com os olhos cansados.

Afaga-o, como se o Lobo fosse um cão.

O Sol acaba de nascer e, em raios antigos bailando,

celebra este reencontro. E beija o dedal, seu irmão de luz.

- 120 Passaritos de cristal,
digam-me se sou eu que estou a sonhar,
ou se é o Capuchinho Cinzento que sonha.
Delicados passaritos de cristal,
são vocês que cantam a resposta a esta pergunta?
- 125 Ou é a Lua que dançou no céu?
Ou são os meninos de calções e saínhas rotas que a Avó ia coser?
Ou é a música da água dentro da cantarinha?
Ou são as flores que o Sol veio despertar?
Ou é a magia do dedal?
- 130 Cantem! Cantem!
Não deixem de cantar,
voar,
para esta história, de claros segredos, nunca acabar...

Matilde Rosa Araújo, *O Capuchinho Cinzento*

2.1 Identifica os temas fundamentais do texto apresentado. Justifica.

2.2 Atenta no sujeito de enunciação.

2.2.1 Proceda à sua caracterização, justificando as tuas afirmações a partir de expressões retiradas do texto.

2.2.2 Identifica o seu interlocutor privilegiado.

2.3 Revelando afinidades com a prosa poética, o texto de Matilde Rosa Araújo distingue-se pelo recurso a procedimentos retórico-estilísticos muito expressivos. Selecciona dois desses procedimentos, transcrevendo o segmento textual no qual eles se observam, e explica o seu papel na construção do sentido textual.

2.4 Proceda ao levantamento de três elementos simbólicos, procurando esclarecer o seu significado no contexto literário e/ou técnico-expressivo em que se insere o discurso de Matilde Rosa Araújo.

2.5 Partindo do teu conhecimento do texto original que deu origem a *O Capuchinho Cinzento*, cria uma tabela que torne visível uma leitura comparativa dos dois textos. Contrapõe elementos ou aspetos como personagens e sua caracterização, espaço, procedimentos estilísticos, entre outros que consideres pertinentes.

2.6 Interpreta e explica por palavras tuas o significado das seguintes expressões:

2.6.1 “Um bosque de folhas verdes molhadas de pérolas de orvalho” (l.18)

2.6.2 “Só o dedal brilha no dedo do Capuchinho Cinzento, / mágico e brilhante como a lágrima de uma estrela.” (l.84)

2.6.3 “É escuro ainda, mas quase dia... / Bate em silêncio, o coração escondido do bosque.” (l.82)

2.7 Apresenta sinónimos para os seguintes vocábulos (caso necessites, consulta um *Dicionário de Sinónimos*), construindo, de seguida, uma frase na qual incluas cada uma das “novas” palavras:

2.7.1 “entontecida” (l.5)

2.7.2 “Afaga-a” (l.134)

2.7.3 “cantarinha” (l.126)

2.8 Comenta a seguinte afirmação:

“Pessoalmente não consigo deixar de sentir este texto como uma espécie de testamento literário. O final feliz do reencontro não alivia a angústia de pressentirmos a vida das personagens no fim e o minudente conhecimento que disso tem a narradora.”

Maria do Sameiro Pedro, *O Capuchinho Cinzento de Matilde*

3 Atividade

À semelhança do que se observa no texto anterior, na versão seguinte, Chico Buarque de Hollanda recupera, transformando-o, o conto clássico de Perrault. Lê-a atentamente.

O Chapeuzinho Amarelo

- 1 Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
- 5 Em festa, não aparecia.
Não subia escada, nem descia.
Não estava resfriada, mas tossia.
Ouvia conto de fada, e estremecia.
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha.
- 10 Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol, porque tinha medo da sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
- 15 Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo.
Era a Chapeuzinho Amarelo...
- 20 E de todos os medos que tinha
O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
- 25 num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO

nem existia.

30 Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cada vez mais medo do medo do medo
do medo de um dia encontrar um LOBO.
Um LOBO que não existia.
E Chapeuzinho amarelo,

35 de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com o LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:

40 carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO,
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz de comer duas avós,

45 um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz...
e um chapéu de sobremesa.
Finalizando...
Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,

50 a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo:
o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.

55 O lobo ficou chateado de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado, triste, murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo, é um arremedo de lobo.

60 É feito um lobo sem pelo.
Um lobo pelado.
O lobo ficou chateado.
Ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.

65 E ele gritou: EU SOU UM LOBO!!!
E a Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!!!!!!!!!!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar de outra coisa.

70 Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando e a menininha saber
com quem não estava falando:
LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO

75 Aí, Chapeuzinho encheu e disse:
“Para assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!”

E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO.
Era um BO-LO.

80 Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo de Chapeuzim.
Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim.
Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo, porque sempre preferiu de chocolate.

85 Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva, nem foge de carrapato.
Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato,
Trepas em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha,
com o primo da vizinha, com a filha do jornalista,

90 com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.
Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira.
E transforma em companheiro cada medo que ela tinha:
O raio virou orrái;
95 barata é tabará;
a bruxa virou xabru;
e o diabo é bodiá.

FIM

(Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo:
100 o Gãodra, a Jacoru, o Barãotu, o Pão Bichôpa...
e todos os transmons).

Chico Buarque de Hollanda

3.1 O título torna, desde logo, explícita a alteração essencial introduzida pela reescrita de Chico Buarque.

3.1.1 Justifica a importância da mudança de cor da indumentária da protagonista, atendendo à simbologia da cor amarela.

3.1.2 No reconto, a Chapeuzinho Amarelo descreve uma trajetória de evolução psicológica. Explica-a, relacionando-a com o processo de crescimento e a conquista de autonomia individual.

3.2 No texto de Chico Buarque, lança-se a suspeita de que “o tal do LOBO nem existia” (l.28).

3.2.1 Justifica essa conjectura, relacionando-a com a natureza simbólica da personagem e com os temores que ela corporiza no imaginário coletivo.

3.2.2 Sugere razões justificativas do emprego sistemático das maiúsculas em LOBO?

3.2.3 Esclarece, no universo simbólico do texto, o sentido da metamorfose do LOBO em BOLO.

3.3 Em face da atitude destemida da Chapeuzinho Amarelo, o LOBO “ficou mesmo envergonhado, triste, murcho e branco-azedo” (l.58). Como explicas esta reação?

3.4 Explica, por palavras tuas e atendendo ao contexto em que ocorrem, o alcance as seguintes frases/expressões:

3.4.1 “o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO” (l.52)

3.4.2 “porque um lobo, tirado o medo, é um arremedo de lobo” (l.58)

3.4.3 “e transforma em companheiro cada medo que ela tinha” (l.93)

3.5 Procura identificar os companheiros da Chapeuzinho Amarelo nomeados no texto, explicando por que razão a sua identidade se encontra dissimulada sob os nomes fictícios que lhe foram por ela atribuídas.

3.6 Porque se trata de uma recriação poética, o texto recorre frequentemente aos jogos rítmicos e rimáticos. Seleciona exemplos ilustrativos destes processos e demonstra a sua eficácia estilística.

4 Atividade

No século XIX, os folcloristas alemães Jacob e Whilhem Grimm assinaram a versão mais conhecida do conto da menina do Capuchinho Vermelho. A introdução de uma nova personagem, o caçador, e a alteração do final trágico perraultiano determinaram a inscrição deste texto no universo habitualmente designado como literatura infantil ou literatura para a infância.

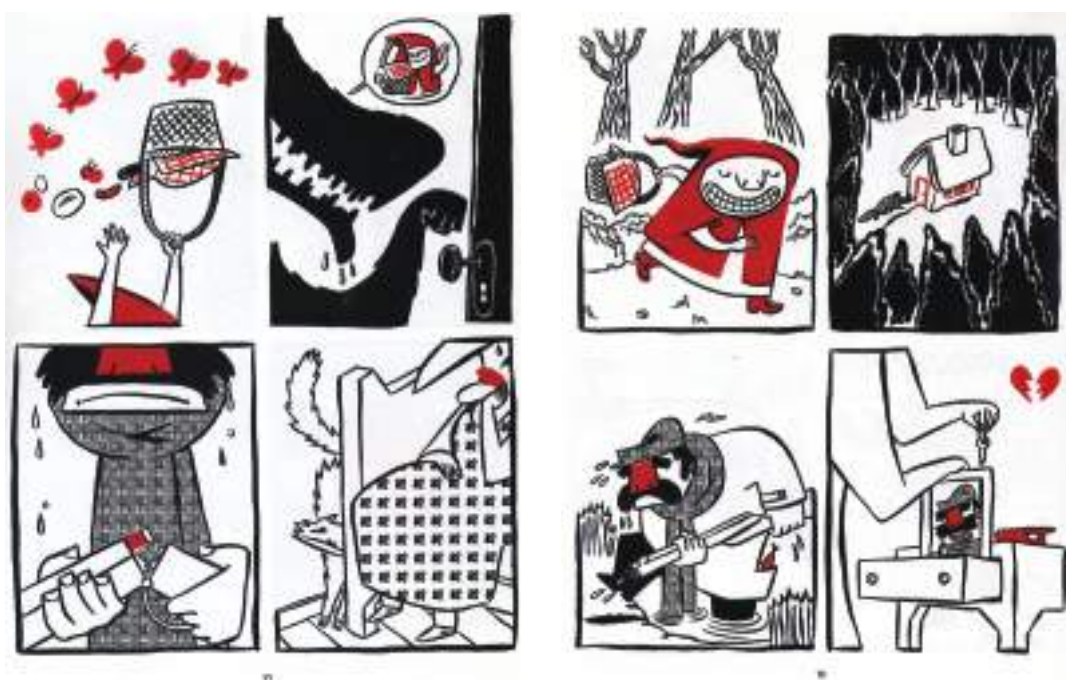
No livro *O Capuchinho Vermelho na versão [de] que as crianças mais gostam!* (2003), Richard Câmara, nome ligado à banda desenhada, recria visualmente e sem recurso ao texto verbal esta narrativa. Para tal, divide cada página em quatro vinhetas que representam ações simultâneas das personagens Capuchinho, Lobo Mau, Caçador e Avozinha.

Observa o extrato exemplificativo que se segue:

Atendendo às ações e às personagens representadas (em particular, aos traços da sua caracterização física e psicológica que as imagens indiciam):

4.1 cria balões de fala ou de pensamento para cada uma das vinhetas;

4.2 redige um breve texto narrativo, inspirado no texto visual facultado.



5 Atividade

O texto seguinte, do escritor brasileiro Millôr Fernandes, constitui mais uma revisitação do conto do Capuchinho Vermelho. Lê-o atentamente.

1 Era uma vez (admitindo-se aqui o tempo como uma realidade palpável, estranho, portanto, à fantasia da história) uma menina, linda e um pouco tola, que se chamava Chapeuzinho Vermelho (esses nomes que se usam em substituição do nome próprio chamam-se alcunha ou vulgo).

5 Chapeuzinho Vermelho costumava passear no bosque, colhendo Sinantias, monstruosidade botânica que consiste na soldadura anómala de duas flores vizinhas pelos invólucros ou pelos pecíolos, Mucambés ou Muçambas, planta medicinal da família das Caparidáceas, e brincando aqui e ali com uma Jurueba, da família dos Psitacídeos, que vivem em regiões justafluviais, ou seja, à margem dos rios.

10 Chapeuzinho Vermelho andava pois, na floresta, quando lhe aparece um Lobo, animal selvagem carnívoro do género cão e ... (Um parêntesis para os nossos pequenos leitores – o Lobo era, presumivelmente, uma figura inexistente criada pelo cérebro superexcitado de Chapeuzinho Vermelho. Tendo de andar na floresta sozinha, natural seria que, volta e meia, sentindo-se indefesa, tivesse alucinações semelhantes).

Chapeuzinho Vermelho foi detida pelo lobo que lhe disse: (Outro parêntesis: os animais jamais falaram. Fica explicado aqui que isso é um recurso de fantasia do autor e que o Lobo encarna os sentimentos cruéis do Homem. Esse princípio animista é ancestralíssimo e está em todo o folclore universal).

15 Disse o Lobo: “Onde vais, linda menina?” Respondeu Chapeuzinho Vermelho: “Vou levar estes doces à minha avozinha que está doente. Atravessarei dunas, montes, cabos, istmos e outros acidentes geográficos e deverei chegar lá às treze e trinta e cinco, ou seja, à uma hora e trinta e cinco minutos da tarde.”

Ouvindo isso o Lobo saiu correndo, estimulado por desejos reprimidos (Freud: “*Psychopathology of Everyday Life*”, *The Modern Library Inc.*, N.Y.).

20 Chegando a casa da avozinha, ele engoliu-a de uma vez – o que, segundo o conceito materialista de Marx, indica uma intenção crítica do autor, estando oculta aí a ideia do capitalismo devorando o proletariado – e ficou esperando deitado na cama, fantasiado com a roupa da avó.

25 Passaram-se quinze minutos (diagrama explicando o funcionamento do relógio e seu processo evolutivo através da História). Chapeuzinho Vermelho chegou e não percebeu que o Lobo não era a sua Avó, porque sofria de astigmatismo convergente, que é uma perturbação visual oriunda da curvatura da córnea.

30 Nem percebeu que a voz não era a da Avó, porque sofria de otite, inflamação do ouvido, nem reconheceu nas suas palavras, palavras cheias de má-fé masculina, porque afinal, eis o que ela era mesmo: esquizofrénica, débil mental e paranoica, pequenas doenças que dão no cérebro, parte súpero-anterior do encéfalo. (A tentativa muito comum da mulher ignorar a transformação do Homem é profusamente estudada por Kinsey em “*Sexual Behaviour in the Human Female*”, W.B. Saunders Company, Publishers).

Mas para salvação de Chapeuzinho apareceram os lenhadores, mataram cuidadosamente o Lobo, depois de verificar a localização da Avó através de Roentgenfotografia. E Chapeuzinho Vermelho viveu tranquila 57 anos, que é a média de vida humana segundo Maltus, Thomas Robert, economista inglês nascido em 1766, em Rookew, pequena propriedade de seu pai, que foi grande amigo de Rousseau.

Millôr Fernandes, *Lições de um Ignorante*

5.1 Escolhe, de entre os termos a seguir apresentados, aquele(s) que melhor sintetiza(m) o tom predominante do texto que acabaste de ler:

sério | trágico | irónico | cómico | poético

Justifica a tua resposta, seleccionando exemplos relevantes.

5.2 São frequentes, na versão transcrita, as intromissões do narrador.

5.2.1 Explica o seu objetivo, retirando do texto exemplos ilustrativos.

5.2.2 Como justificas os constantes elucidações científicas – de ordem botânica, zoológica ou médica – da responsabilidade do narrador? Destinar-se-ão exclusivamente ao esclarecimento do leitor mais jovem, como parece deduzir-se das suas palavras? Justifica.

5.2.3 Qual o efeito da referência bibliográfica ao estudo de Freud? De que modo se poderá relacionar esta menção ao pai da psicanálise com algumas interpretações propostas para a história do Capuchinho Vermelho? Tenta relacioná-la com a moral explícita incluída na versão de Perrault.

5.3 A paródia consiste numa recontextualização, geralmente irónica, de um texto anterior. Partindo da intriga reconhecível do conto tradicional, o texto de Millôr Fernandes reescreve-o em função de um objetivo lúdico.

5.3.1 Retira do texto exemplos significativos desta leitura paródica do conto de Perrault.

5.3.2 Esclarece o modo como determinadas convenções do conto tradicional são desconstruídas por esta versão, designadamente:

- a temporalidade mágica-mítica associada ao conto maravilhoso;
- a ingenuidade/candura da protagonista;
- a antropomorfização dos animais;
- o final feliz que caracteriza os contos de fadas.

5.4 Parece-te que o público visado pela paródia de Millôr Fernandes é ainda o infantojuvenil? Justifica a tua opinião.

6 Atividade



O Capuchinho Vermelho

1 Rendido à alta costura,
Que a moda atrai a Paris,
Aguarda a melhor altura
Para lá ir, como diz.

Espera é que o lobo matreiro

5 Não saiba quando ela vai
E que, armado em costureiro,
Diga que p'ra si não há pai.

Vergílio Alberto Vieira, *Os Livros dos Outros*

6.1 Escrito sob o signo da paródia e assumindo, desde o título, o jogo intertextual, este poema mantém alguns dos elementos presentes na narrativa clássica. Enumera-os, criando um contraponto entre o texto clássico e o poema de Vergílio Alberto Vieira.

6.2 Aponta o principal traço da caracterização da protagonista destacado pelo poeta e explica a sua função cômica/humorística.

6.3 No texto poético apresentado, são notórias as referências implícitas e explícitas ao mundo contemporâneo. Identifica-as.

7 Atividade

Rap do Capuchinho Vermelho

1 O “Rap do Capuchinho Vermelho”, conto original de Charles Perrault, é adaptado aos tempos atuais, com a música e a dança a marcarem presença ao longo de toda a história.

Nesta versão, o Capuchinho Vermelho faz tudo para não faltar a uma aula de hip hop. A avó fica doente, devido às alergias da primavera, e o Capuchinho Vermelho vai levar-lhe uma cesta de comida. Para chegar
5 mais rápido à casa da avó, o Capuchinho decide ir pela Floresta Negra, onde vai encontrar o Lobo Mau. Nesta história, o lobo tem dupla personalidade. Por vezes é o Mc L.O.B.O., o dj mais famoso da floresta e um lobo simpático. Assim que espirra, transforma-se no Lobo Mau. Este é o ponto de partida para a nova produção da KidZania, cheia de música, dança e personagens bem divertidas.

Expresso

7.1 Partindo da leitura do texto transcrito, redige o “Rap do Capuchinho Vermelho”, sem esquecer o papel essencial que, neste género poético-musical, desempenham tanto a rima como o ritmo. Podes aproveitar as personagens/situações sugeridas no texto ou criar outras, desde que adaptes o enredo do conto tradicional à realidade contemporânea.



CINEMA

CAPUCHINHO VERMELHO: A VERDADEIRA HISTÓRIA

Suspeitos improváveis

Uma versão alternativa de um clássico infantil

Os clássicos continuam a ser uma excelente fonte de inspiração para a animação contemporânea. Os criadores desta nova versão de “Capuchinho Vermelho” ensaiaram uma abordagem ao conto bastante livre, tentando repetir a fórmula seguida em *Shrek*, que consiste em actualizar os parâmetros de interpretação da história. Nesta versão o conto original inspira um elaborado inquérito policial onde as quatro personagens centrais – o capuchinho, a avó, o lobo e o lenhador – são tratadas como os suspeitos improváveis de um crime. Através do interrogatório cada uma revela facetas surpreendentes que modificam completamente a percepção da história clássica. O desenho animado tem um argumento engenhoso e com outros meios que permitissem exibir uma animação mais dinâmica poderia ser um clássico do género. Entretanto através de diálogos criativos, com um humor apurado e destinado a um público adulto. Só é pena que o desenlace, que foi pensado como um enredo novo, não esteja à altura da história original. É indiano, mas os clássicos continuam a ser imbatíveis. - TIAGO ALVES

De Cary Edwards. RODRIGO, com vozes de Anne Hathaway, Glenn Close, James Belushi (PGL), Inês Castel-Branco, Sílvio de Oliveira, Luis Espasinho (NFP), Animação, 80 min, EUA, 2005, M/N, RNC, Braga Parque, Shopping, Bolo Vila Boara, Delfo Vila Porto, Estação Viana Shopping, Forum Azenha, Forum Coimbra, Forum Viseu, Foz Plaza, GalaxShopping, Galerias Shopping, Hóla Shopping, HortaShopping, Parque Naazeta

8 Atividade - Notícia

Lê, com atenção, a seguinte notícia:

8.1 Identifica, no documento apresentado, os elementos e as secções que compõem a estrutura de uma notícia.

8.2 Assumindo o papel de investigador criminal, redige um possível questionário dirigido a uma das personagens intervenientes na versão fílmica divulgada.

9 Atividade - Resumu

Elabora um resumo do seguinte texto (procura rever as normas para a redação de um resumo):

- 1 Na França do século XVII, algumas mulheres se dedicaram a recolher essas histórias que as encantavam e a lhes dar uma forma mais literária, intercalando-as também com outras que inventavam. As mais famosas dessas autoras foram Mademoiselle Lhéritier e Madame Aulnoy. Mas quem iria realmente se celebrar por fazer isso foi outro francês, Charles Perrault, que seguiu esse exemplo e em 1697 recontou e publicou alguns
- 5 poucos desses contos, especialmente para as crianças da corte real, narrando-os em finos versos ou prosa burilada, e fazendo com que todos se acompanhassem de uma moral. Embora abrangendo um número bastante reduzido de contos de fadas, apenas 11, a obra de Charles Perrault associou para sempre o nome do autor e o género, com versões imortais de *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar*, *Barba Azul*, *As Fadas*, *O Gato de Botas*, *Pele de Asno*, *Cinderela*, *Os Desejos Ridículos*, *Riquete de Topete...*
- 10 Mais de um século depois, em 1802, na Alemanha, foi feita outra coletânea dessas histórias populares. Muito mais extensa e completa, reunia 120 contos. Organizada por Wilhelm e Jacob Grimm, dois irmãos que eram pesquisadores e filólogos além de escritores, essa antologia tinha outra grande diferença em relação à obra de Perrault: não se destinava à leitura da corte, mas tinha como objetivo preservar um património literário tradicional do povo alemão e colocá-lo ao alcance de todo o mundo. Essa intenção era evidente
- 15 desde o próprio título do livro (*Contos para o Lar e as Crianças*). Com esse objetivo, os contos eram narrados em prosa e numa linguagem bem próxima da oralidade, de um jeito parecido ao que era falado pela gente do povo que contava essas histórias havia séculos, e com quem as pesquisas dos irmãos Grimm tinham ido buscar as diversas narrativas. (...).

Ana Maria Machado, *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo*

10 Atividade - Leitura de Ilustrações

O conto do *Capuchinho Vermelho* tem, desde há muito, seduzido criadores de diferentes domínios artísticos. É o caso de vários artistas plásticos. Embora pertençam a épocas distintas, as imagens abaixo reproduzidas retomam, de forma explícita ou alusiva, o conto de Perrault. Observa-as atentamente e comenta-as, tomando em consideração os seguintes aspetos:

- personagens e sequências do conto representadas;
- pormenores de caracterização: aspeto físico e indumentária; fisionomia; gestos;
- modos de recriação figurativa e/ou simbólica da história tradicional;
- importância dos elementos plásticos: cor, traço, formas, texturas, etc.;
- fidelidade ou afastamento em relação ao argumento narrativo original;
- pintura/ilustração que preferes e fundamentação da tua escolha.



Imagem 1 e 2 - Gustave Doré



Imagem 3 - Ritva Voutila



Imagem 4 - Louis Cabailot Lasalle

Imagem 5 - André Letria



Imagem 6 - François Richard Fleury



Imagem 7 e 8 - Paula Rêgo

11 Atividade

A fábula “A cigarra e a formiga”, atribuída a Esopo e celebrizada por La Fontaine, seduziu inúmeros autores ao longo dos tempos, tendo sido, por isso, objeto de incessantes recontos e reescritas. Um desses autores foi o escritor brasileiro Monteiro Lobato.

A CIGARRA E AS DUAS FORMIGAS

A cigarra e a formiga boa

- 1 Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique... Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.
- 5 – Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.
 – Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...
 A formiga olhou-a de alto a baixo.
- 10 – E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?
 A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:
 – Eu cantava, bem sabe...
 – Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?
- 15 – Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.
A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

A cigarra e a formiga má

- 1 Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta. Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo. A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse. Desesperada, bateu à porta da
- 5 formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse. Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.
- Que fazia você durante o bom tempo?
– Eu... eu cantava!...
- 10 – Cantava? Pois dance agora... – e fechou-lhe a porta no nariz.
Resultado: a cigarra ali morreu estanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspeto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?
Os artistas – poetas, pintores e músicos – são as cigarras da humanidade.

Monteiro Lobato, *Fábulas*

11.1 Monteiro Lobato apresenta duas versões discordantes da mesma fábula. Qual das versões corresponde à fábula clássica? Justifica a tua resposta, referindo-te aos valores simbólicos tradicionalmente associados à cigarra e à formiga.

11.2 O narrador exprime uma clara adesão em relação a uma das versões.

11.2.1 Identifica-a e seleciona palavras/expressões do texto que permitam detetar a sua posição valorativa em relação às duas personagens em cada uma das versões.

11.2.2 Explica em que medida o esclarecimento final da simbologia da cigarra poderá ajudar a explicar a simpatia do autor pela versão da fábula que mencionaste na resposta anterior.

11.3 Qual é o efeito conseguido pela justaposição das duas versões da fábula? Justifica a tua resposta, relembrando que a fábula veicula um sistema de valores e desempenha uma função instrutiva junto do público-leitor.

12 Atividade

Os dois textos poéticos a seguir apresentados retomam ambos a fábula “A Cigarra e a Formiga”. Lê-os atentamente, tentando detetar os pontos de contacto e de divergência entre eles e a fábula original.

Fábula velha em bossa nova

1 Minuciosa formiga
não tem que se lhe diga:
leva a sua palhinha
asinha, asinha.

5 Assim devera eu ser
e não esta cigarra
que se põe a cantar
e me deita a perder.

Assim devera eu ser:

10 de patinhas no chão,
formiguinha ao trabalho
e ao tostão.

Assim devera eu ser
se não fora

15 não querer.

(– Obrigado, formiga!
Mas a palha não cabe
onde você sabe...)

Alexandre O’Neill

Fábula da fábula

1 Era uma vez
Uma fábula famosa,
Alimentícia
E moralizadora,
5 Que, em verso e prosa,
Toda a gente
Inteligente,
Prudente
E sabedora
10 Repetia
Aos filhos,
Aos netos
E aos bisnetos.
À base duns insetos,
15 De que não vale a pena fixar o nome,
A fábula garantia
Que quem cantava
Morria
De fome.

20 E, realmente,
Simplesmente,
Enquanto a fábula contava,
Um demónio secreto
Segredava
25 Ao ouvido secreto
De cada criatura
Que quem não cantava
Morria de fartura.

Miguel Torga, *Diário VIII*

Trabalho de grupo

Depois da leitura atenta dos dois textos, procede, em grupo, à análise comparativa dos dois textos, reportando-te à fábula original. As conclusões deverão, posteriormente, ser sintetizadas e apresentadas à turma. O confronto deverá incidir, entre outros, sobre os seguintes aspetos:


- explicitação do sentido dos títulos ;
- referência implícita/explicita à fábula original;
- personagens intervenientes e seu valor simbólico;
- moralidade veiculada e sua semelhança/divergência em relação ao texto-fonte.

Fontes bibliográficas:

- AAVV, *Princesas, Príncipes, Fadas e Piratas com Problemas*, Porto: Porto Editora, 2009.
- AGUALUSA, José Eduardo, *A Substância do Amor e Outras Crônicas*, 2a ed. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- AGUALUSA, José Eduardo, *Estranhões & Bizarros [estórias para adormecer anjos]*, Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- ARAÚJO, Matilde Rosa, *O Capuchinho Cinzento*, Prior Velho: Paulinas, 2005.
- CARVALHO, Mário de, *Fabulário*, Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- CHEVALIER, Jean e Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa: Editora Teorema, 1994.
- COELHO, Trindade, *Os Meus Amores*, Lisboa: Edições Verbo, 2009.
- CORREIA, Alexandre José Parafita, *Mouros Míticos em Trás-os-Montes*, Vila Real: Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2005.
- CRAVEIRINHA, José, *Karingana wa Karingana*, Lisboa/Maputo: Edições 70/Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1982.
- DIAS, Helena Marques (dir.), *Lendas e Fábulas de Timor-Leste*, Lisboa: Lidel, 2009.
- ELIADE, Mircea, *Aspetos do mito*, Lisboa: Edições 70, 1984.
- FERNANDES, Millôr, *Lições de um Ignorante*, São Paulo: Circulo do Livro, 1982.
- FERREIRA, Vergílio, *Espaço do Invisível 5*, Lisboa: Bertrand, 1998.
- GONÇALVES, Henriqueta Maria e Maria da Assunção Morais MONTEIRO, *Introdução à Leitura de Contos de Eça de Queirós*, Coimbra: Almedina, 1991.
- GONZALEZ, Maria Teresa Maia, *O Guarda da Praia*, Lisboa: Verbo, 1996.
- GOTLIB, Nádia Battella, *Teoria do conto*, 11ª ed., São Paulo: Ática, 2006.
- GUSMÃO, Xanana, *Mar Meu. Poemas e Pinturas/ My Sea of Timor. Poems and Paintings*, Porto: Granito, 1998.
- HOLLANDA, Chico Buarque de, *O Chapeuzinho Amarelo*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- JESUS, Maria Saraiva de (ed.), *Antologia do Conto Realista e Naturalista*, Porto: Campo das Letras, 2000.
- JÚDICE, Nuno, *Matéria do Poema*, Lisboa, Dom Quixote, 2008.
- LACERDA, Alberto de, *Oferenda*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.
- LISPECTOR, Clarice, *A Descoberta do Mundo*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice, *Laços de Família*, Lisboa: Cotovia, 2008.
- LOBATO, Monteiro, *Fábulas*, 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1960.
- MACHADO, Ana Maria, *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MÉSSEDER, João Pedro e Isabel RAMALHETE (reconto de), *Contos e Lendas de Portugal e do Mundo*, Porto: Porto Editora, 2009.
- MOISÉS, Massaud, *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo: Cultrix, 1978.
- PASCOAL, Ezequiel Enes, *A Alma de Timor vista na sua Fantasia – Lendas, fábulas e contos*, Braga: Barbosa & Xavier, 1967.
- PEDROSA, Inês, *Crónica Feminina*, Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- PENNAC, Daniel, *Como Um Romance*, Porto: ASA, 1992.
- PERRAULT, Charles, *Contos ou Histórias dos Tempos Idos*, Mem Martins: Europa-América, 1983.
- REIS, Carlos e Ana Cristina Macário LOPES, *Dicionário de Narratologia*, 7.ª ed., Coimbra: Almedina, 2007.
- SÁ, Artur Basílio de, *Textos em Teto da Literatura Oral Timorese*, Lisboa: Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
- SANTOS, Eduardo, Kanoik. *Lendas e Mitos de Timor*. Lisboa, 1967.

-
- SHAW, Harry, *Dicionário de Termos Literários*, Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- SOARES, Bernardo, *Livro do Desassossego*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- SOARES, Maria de Lourdes Tavares e Maria Odete Tavares TOJAL (org.), *Histórias de Longe e de Perto*, . 2ª ed., Lisboa: Paulinas Editora / Secretariado Entreculturas, 2008.
- SYLVAN, Fernando, *Cantolenda Maubere-Hananuknanoik Moubere – The legends of the Mouberes*, Lisboa: Fundação Austonésia Borja da Costa, 1988.
- TAVARES, Ana Paula, *O Sangue da Buganvília*, Praia, Centro Cultural Português, 1998.
- VIANA, António Manuel Couto, *Quem Gosta de Animais Cresce Mais [poemas para crianças e ilustrações inéditos]* disponíveis em http://www.casdaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/vo_dossier_couto_viana_c.pdf
- VIEIRA, Vergílio Alberto, *Os Livros dos Outros*, Lisboa: Caminho, 2006.

Textos vários da comunicação social; entradas de Enciclopédias, Dicionários; excertos de Banda desenhada; publicidades, Ilustrações e imagens, páginas web



Créditos das imagens

Fotografias das páginas 10, 20, 30, 31, 51 com a colaboração de Alexandrina Soares, Alfreddinho da Costa Barros, Domingos Savio Pereira Ximenes, Rosa da Costa Yap

